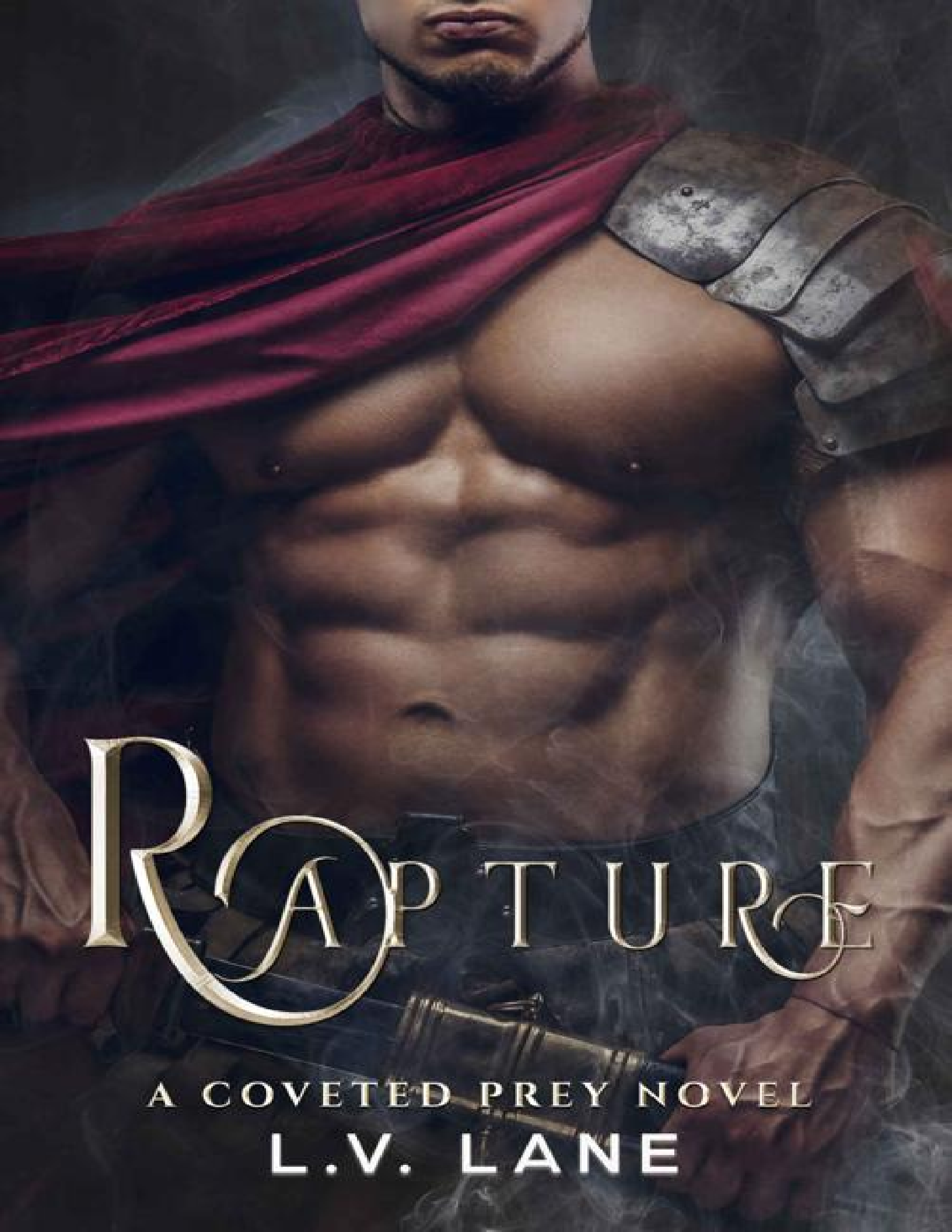
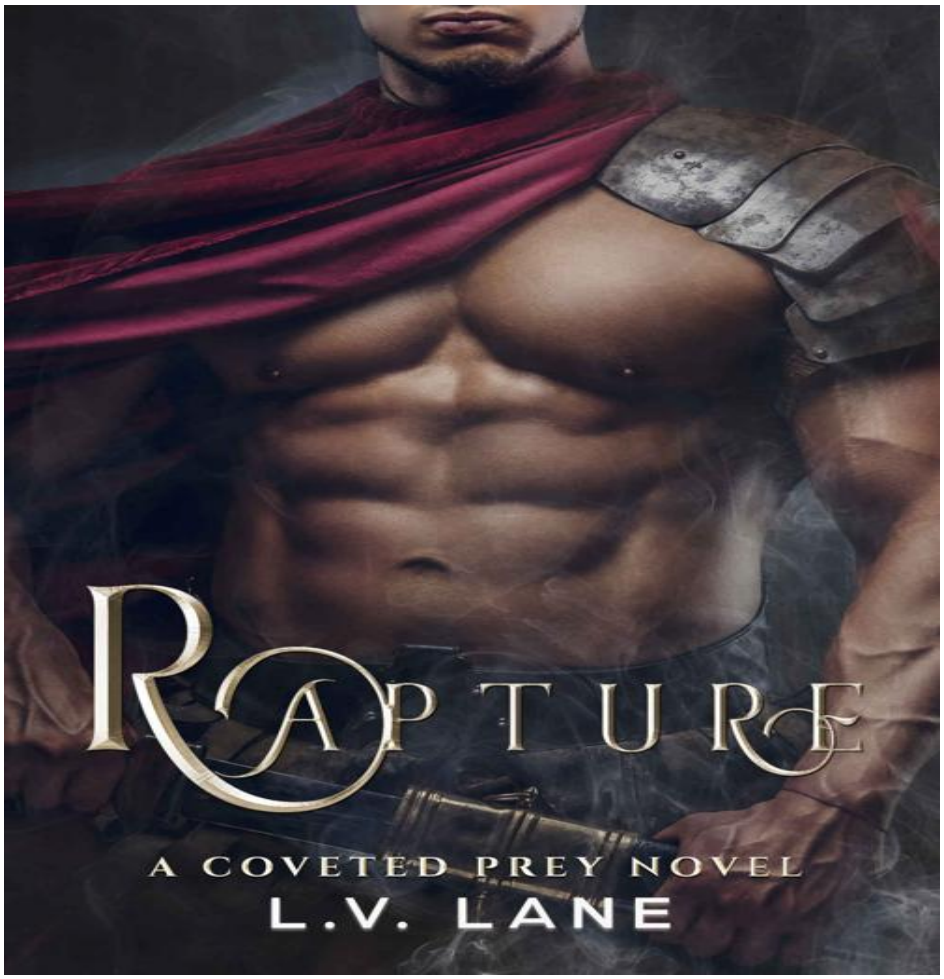

RAPTURE
A COVETED PREY NOVEL
L.V. LANE


RAPTURE
A COVETED PREY NOVEL
L.V. LANE

Índice

Conteúdo
Folha de rosto
direito autoral
Página em branco
Glossário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Sobre o autor
    Treinados para seu prazer
    Presa
    Arrebatado

Despertar Ômega
Chefe mau
Preditivo

Conteúdo

Folha de rosto
direito autoral
Página em branco
Glossário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Sobre o autor
Treinados para seu prazer
Presa
Arrebatado
Despertar Ômega
Chefe mau
Preditivo

Êxtase

Pista LV

Direitos autorais © 2021 LV Lane

Todos os direitos reservados.

ISBN: 9781922630070

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Este livro ou partes dele não podem ser reproduzidos de qualquer forma, armazenados em qualquer sistema de recuperação ou transmitidos de qualquer forma, por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro – sem permissão prévia por escrito do autor.

Glossário

Kotan : Raça de pessoas. As características variantes incluem o Alfa e o Ômega. Omegas são uma subespécie de fadas e categorizados abaixo.

Criador Omega: Ômegas sem capacidade sanguínea que são acasalados e criados.

Ômega de Sangue : Ômegas que produzem sangue rico em poder que oferece benefícios ao destinatário.

Alimentador : Sangue cura ferimentos.

Sangue : O sangue oferece melhorias além da cura, como um pequeno aumento na resistência e força. Os efeitos duram de algumas horas a dias.

Sangue Alto : O sangue oferece potência para curar, melhorar e muito mais. Os efeitos perduram por um longo período de semanas ou meses. É possível travar mudanças permanentes se o sangue for coletado durante meses ou anos. Uma união de pares entre um alto sangue tornaria seu companheiro imortal.

Nota: Tanto Blood quanto High Blood ocupam posições de domínio dentro da sociedade. Alimentadores e Criadores não possuem nenhuma classificação.

Guerreiro : Alfas. Assim que um Alfa completar a Vinculação (veja abaixo), ele poderá ingerir sangue Omega.

Escolhido: Seres imortais capazes de gerar e exercer poder. Alfa e Ômega raros podem ascender a esta classificação.

Beta : Cidadãos comuns.

Vinculação: Quando uma criança se revela como Alfa, ela está sujeita a uma Amarração mágica. Após receberem seu primeiro sangue, eles se tornam subservientes ao Sangue. Eles ainda detêm o domínio sobre os Alimentadores e Criadores.

Fusão : Ao emparelhar Sangue com um Guerreiro para uma missão ou missão, ocorre uma troca de sangue, geralmente do pulso. Isto fortalece os efeitos de ligação entre o emparelhamento, conferindo maior deferência do Guerreiro ao seu Mestre ou Senhora de Sangue.

Vínculo : vínculo de vida entre um Alfa e um Ômega acasalados.

Kotand : Terras pertencentes aos Kotan.

Sendar : Capital de Kotand perdida para os orcs durante a grande batalha.

Santuário : Principalmente uma cidade subterrânea para a qual Kotan se retirou após a grande batalha.

CAPÍTULO UM

Inverno

DE SUA VANTAGEM na antiga mesa de jacarandá, as expressões dos Escolhidos variam do desinteresse ao desdém. Sinto o peso do olhar deles sobre mim – muito pouco lhes agrada, e certamente não a mim. Acima, candelabros de cristal pendurados no alto teto abobadado, entrando em guerra com a escuridão agourenta. O resultado é mais sombra do que luz, enquanto as paredes de pedra clara da vasta sala sem janelas completam um ambiente tão acolhedor quanto um túmulo.

O frio mental não penetra através do meu manto de controle de aço. Sou um peão nisso, como em todas as coisas. Meu sangue pode ser alto, mas isso conta pouco para os seis Escolhidos que estão fora da posição e do tempo... praticamente como deuses.

"Faz muitos anos que não saio do Santuário." Falo com a devida reverência, enterrando minha raiva fervente. Não seria bom demonstrar qualquer tipo de emoção. Os Escolhidos são seres sencientes muito além da minha capacidade. Eles cruzam a fronteira sagrada e podem gerar e exercer poder quando todos os outros só podem fazer um.

"Entendemos sua relutância."

Não sei o nome do Escolhido quem fala, pois ninguém tem nome. Ao longo dos anos, dei-lhes apelidos – graças aos verdadeiros deuses, os Escolhidos não consegue ler mentes. O orador, Maggot, não se parece particularmente com um verme, embora seu rosto pareça alabastro na luz bruxuleante e contenha uma juventude de outro mundo. "Você deve fazer esta viagem por nós, Winter. Está decidido", diz ele.

Meus lábios se apertam para que eu não diga algo de que me arrependerei mais tarde. Há muito tempo atrás, minha incrível habilidade de sentir pedras angulares era apenas uma fonte de leve interesse, pois muitos dos Altos Sangues tinham essa habilidade. À medida que o nosso número diminui e a guerra sem fim destrói a nossa esperança, uma batalha de cada vez, o meu período de abstinência do conflito chega ao fim. Foi decidido. A discussão é inútil.

"Como você quiser." Eu me curvo graciosamente em obediência antes de deixar seu lar gelado.

Jacó

Ela é de alto sangue. Posso sentir o cheiro desde o momento em que ela entra na sala. Não estou sozinho nesta observação, e todos os guerreiros do complexo se voltam para observá-la se aproximando. Cecil a acompanha. O mestre guerreiro ao seu lado tem cabelos grisalhos suficientes para marcá-lo como antigo. Ele tem muita prática na diplomacia necessária para administrar o Sangue . Ainda assim, ele está vários níveis abaixo dela... Todos nós estamos.

"Fine Feeder," Kain diz ao meu lado. Eu olhei para ele, embora meus lábios formassem um breve sorriso. Chamar um Blood de Feeder, seja ele de alto sangue ou não, é um insulto grave e provavelmente renderá uma surra se for testemunhado. High Blood, Low Blood, Feeders, todos eles podem alimentar um guerreiro, e o fazem. Os Alimentadores estão na parte inferior, Ômegas com capacidade apenas para curar um guerreiro ferido. O Sangue oferece melhorias além da cura. Mas os High Blood, os mais graduados, aqueles que vivem séculos após séculos, seu sangue tem uma potência especial para curar, melhorar e muito mais.

Meu peito arfa com o esforço recente, enquanto meu corpo está coberto de suor, areia e um pouco de sangue onde meu parceiro de treino, Kain, encontrou seu alvo mais de uma vez.

A arena de treino é de areia grossa, mas o restante da câmara subterrânea onde treinamos é de pedra sólida, e seus sapatos ressoam nas lajes. No brilho suave das arandelas bruxuleantes, ela possui uma qualidade serena e de fada que está em desacordo com o poder que ela possui. Seu rosto é a imagem da perfeição doce e celestial, desde o narizinho arrebitado até a ponta do queixo arrogante. O cabelo ruivo dourado cai até a cintura em uma cascata de ondas, enquanto seu vestido é uma criação extravagante de feminilidade em seda bege e renda que a cobre até o chão. Suas roupas, assim como as da mulher, parecem tão delicadas que chegam a ser frágeis. É uma ilusão, claro, pelo menos no que diz respeito à mulher.

Uma dúzia de guerreiros de elite estão presentes, mas é em mim que o olhar de Cecil repousa enquanto eles se aproximam. Ao meu lado, Kain ri suavemente. Meu rosnado é baixo o suficiente para que nossos convidados não percebam. Kain pega um pano de suor e vai até o banco de pedra que ladeia as paredes para assistir ao show.

Quando ela para diante de mim, a antiga ligação fica tensa, uma resposta instintiva tão profundamente enraizada que é impossível ignorar.

Proteja e obedeça. Não tenho amor pelo nosso inimigo, os Blighten, pois eles dizimaram minha aldeia quando eu era apenas um menino.

Mas também não tenho nenhum Sangue na consideração que deveria, pois eles me transformaram em seu escravo com a amarração.

Esta não é minha casa. Minha casa é uma terra através do portal conhecida como Hydornia, separada da Ruína pela Montanha Dorso do Dragão. Através de sua própria estupidez e negligência, os Kotan permitiram que um portal de conexão permanente fosse estabelecido entre este mundo e o meu. Agora os Blighten entram em ação, buscando um poder de portal ainda maior.

Os Kotan precisam de muitos Alfas para preencher suas fileiras na guerra sem fim com os Blighten. Sou apenas um dos muitos filhotes órfãos assimilados em seu conflito. Eu tinha oito anos quando minha aldeia caiu e agora tenho vinte e três. Jovem para um guerreiro, que poderia viver por muitos séculos se fosse habilidoso e recebesse sangue regular.

Ouvi rumores de que um nível elevado de sangue normal tornaria um guerreiro imortal.

“Ele servirá”, diz a fada como se estivesse avaliando a porra de um cavalo. Seu tom carrega comando enquanto seu olhar firme percorre-me com interesse indiferente... e um pouco de desgosto.

Como o servo zeloso que sou, me curvo em submissão à minha Senhora de Sangue antes de me levantar mais uma vez.

“Meu negócio me levará através do portal. Cecil fornecerá os detalhes. Traga tudo o que você precisa.

Normalmente são frios, mas ela é como a mordida do inverno. Nem um lampejo de humanidade em seus olhos azuis centáurea. Talvez seja seu sangue elevado? Talvez isso faça com que ela tenha um sabor um pouco mais doce que o resto? Sua atitude deixa muito a desejar, mas mesmo assim o lindo pacote e todo o poder antigo que ele carrega são atraentes.

É costume que a oferta de sangue seja feita em seleção para facilitar a Fusão. Qualquer troca, mesmo uma oferta fraca do pulso, selará a parceria durante o Sangue. busca. Isso vai apertar a ligação, formando uma fusão entre os dois.

Não gosto da ligação, e pior ainda, do Meld, mas me vejo antecipando aquele primeiro gosto do sangue dela.

Nenhum homem corteja a injúria de bom grado, mas quase espero que haja razões que exijam a troca completa. Eu olho meu rosto, mas por dentro, estou pensando nos pequenos gemidos quentes que um Ômega de qualquer nível não pode deixar de emitir quando um Alfa tira sangue de sua garganta. Por fora, sou estóico, mas por dentro, estou pensando na devassidão que inevitavelmente se segue. A neve do inverno será queimada por um atiçador em brasa quando eu morder a veia em sua garganta e me encher com seu sangue vital.

Sua respiração falha levemente, e seus olhos se arregalam como se estivesse lendo meu desejo. A ligação não é natural – todos os guerreiros concordam com isso. Como Alfa, fui recrutado para as fileiras dos guerreiros. Aqui, fui submetido ao rito de amarração que torna todos os guerreiros subservientes ao Sangue.

Deveríamos ser livres para nos alimentarmos à vontade. De que outra forma venceremos a guerra? A amarração pode me manter sob seu comando, mas antigos instintos de domínio ainda clamam em primeiro plano. Na minha terra natal, os Alfas são a casta dominante que toma os Ômegas como companheiros. Apesar de ser apenas um menino quando minha casa foi destruída pela imunda escória Blighten, eu sei em minha alma como as coisas deveriam ser entre um Alfa e um Ômega.

A compulsão de reivindicar e alimentar-se das doces pequenas guerras das fadas com a diretriz da obrigação de obedecer. Talvez ela me deixe alimentar sem extrema necessidade? Muitos oferecem sua veia gratuitamente. As fadas são naturalmente gregárias e seu apetite sexual é selvagem. A coleta de sangue anda de mãos dadas com a gratificação carnal.

E por que eles não dariam seu sangue? Cada gole prende o guerreiro com mais força, afinando a obediência. Mesmo sem o reforço da amarração, só há vantagens em ver a sua proteção fortalecida.

Eu me elevo sobre minha nova amante e carrego facilmente três vezes o peso dela. Minha superioridade física sobre ela, não fosse pela amarração, seria absoluta. Por razões que me escapam, descubro que desejo conscientizá-la de nossas diferenças físicas. Ela dá um pequeno passo para trás, como se estivesse se recuperando no meio da ação. Seus lábios se estreitam.

Ela não gostou nem um pouco daquele deslize. Sinto prazer com seu desconforto, do qual certamente me arrependerei mais tarde. Eles não perdem nada, e quanto maior o Sangue, mais astutos eles se tornam, ou pelo menos foi o que me disseram. Este é o primeiro High Blood com quem tenho parceria.

“Vejo você no pátio ao amanhecer”, afirma ela. A entrevista, se assim fosse, acabou. "Não me deixe esperando."

Pisco em choque quando ela se vira, claramente decidida a sair.

“Minha senhora, o Meld?” O velho Cecil parece querer engolir as próprias palavras quando ela volta seu olhar frígido para ele. Os lagos de verão certamente congelaram sob um brilho tão gelado.

No entanto, a sua fachada fria é um desafio que o meu lado guerreiro quer vencer.

“Eu não sou nenhum Alimentador”, ela sussurra. “Minha palavra é suficiente para fazer a fusão. Eu escolhi. A ligação está completa.”

Lindos olhos azuis brilham em advertência. Ela se vira novamente, os saltos batendo na pedra e o cheiro persistente. O velho Cecil me lança um olhar de desculpas antes de correr para o lado dela. Ele é sábio o suficiente para não comentar.

“Um belo espécime”, diz Kain enquanto sua sombra sai da sala.

Desviando meu olhar da visão recuada da beleza que agora me comanda, encontro meu irmão guerreiro se aproximando.

Ele sorri. “Faz você sentir pena da existência da ligação quando você vê uma mulher tão boa e tão intocável. Passei muitas noites sem dormir fantasiando sobre o que faria se alguém me libertasse da maldição. Você sabia que o nome dela é Winter? Muito apropriado. Não a vejo há alguns anos. Prevejo algumas novas fantasias com os lábios do arco de seu pequeno cupido cantarolando ao redor do meu pau.

“Bom, está no lugar, Kain”, respondo. Luto contra a vontade de dar um soco no outro homem. A simples ideia de quebrar ossos e do jato de sangue é atraente o suficiente para que eu deseje o ato, confirmando que o Meld está firmemente no lugar. "Diga isso de novo e eu vou matar você."

O guerreiro de pele escura apenas joga a cabeça para trás e ri.

CAPÍTULO DOIS

Inverno

A ordem que me foi dada pelos Escolhidos ainda me irrita enquanto caminho pelos corredores gelados até o pátio.

Desde que a pedra angular foi roubada há muitos séculos, uma rotação de Sangue sempre foi encarregada de manter seu paradeiro.

Até que uma patrulha orc acabou com a vida do Sangue e de seu grupo de guerreiros. Um único sobrevivente escapou para contar a história.

Agora eu, como um Sangue com a consciência fundamental mais forte, tenho a tarefa de realocá-lo. Uma tarefa nada simples, dados outros artefatos além da verdadeira pedra angular podem gerar uma atração semelhante.

Quando estiver perto o suficiente para verificar, marcarei o local, chamarei um portal e retornarei. Então será problema de outra pessoa manter a localização da pedra angular. Nossas ações nisso não fazem sentido para mim. Há rumores de uma profecia ou mudança ou algum acontecimento misterioso que deve ocorrer antes de termos esperança de derrotar os orcs.

Não sou supersticioso, nem dou crédito às divagações dos loucos, pois é aí que começam todas as profecias.

Mas não sou Escolhido nem rei, e a minha opinião não é procurada.

Meu lindo vestido se foi. Em vez disso, uso couro funcional justo, enquanto meu cabelo é trançado em uma única trança longa. Eu não desejo ir nessa busca. Há muitos mais bem equipados para tal empreendimento, mas sou eu quem vai.

Céus cinzentos saturados de chuva me cumprimentam quando saio para o pátio onde os cavalos estão estabulados. Ele está esperando por mim, Jacob, o guerreiro a quem minha vida foi confiada por recomendação de Cecil.

Já se passaram muitos anos desde que me aventurei fora do Sanctum, meio século ou mais. O último guerreiro com quem fiz dupla morreu há uma década. Jacob é um jovem guerreiro e, embora isso me cause algumas dúvidas, Cecil me garantiu que ele é o melhor disponível. Bem integradas na ligação e até no temperamento, foram as palavras de Cecil.

Não vejo nada disso enquanto olho para o colossal Alfa preparando seu cavalo. Nem vi isso ontem, quando ele corajosamente sustentou meu olhar. A ligação só vai até certo ponto e o temperamento pode ser falsificado.

Ainda assim, ele possui um físico particularmente musculoso e de ombros largos que envergonha outros guerreiros. Contanto que ele tenha inteligência para fazer isso, certamente estaremos a salvo de qualquer inimigo.

“Senhora”, diz ele, fazendo uma breve reverência com a cabeça e mal encontrando o decoro básico.

“Jacob,” eu respondo.

Ele tem dois cavalos esperando, carregados para a viagem. O cavalo castrado preto maior é para ele e um pardo menor para mim.

Quando me aproximo, ele me lança um olhar avaliador e sua expressão se torna dolorosa.

“Ômega”, ele diz. É uma afirmação, não uma pergunta, pois claramente sou um Ômega. Sua carranca é de desaprovação. “Você não deveria ter armas.”

“Não consigo ver o que meu status como Ômega tem a ver com o fato de eu carregar uma arma”, digo. Meu tom é um pouco gelado. Não estou acostumado a ser questionado por ninguém abaixo do rei.

Ele grunhe sem compromisso.

"Oh!"

Meu choque ao ser agarrado pela cintura e depositado em meu cavalo dura pouco, pois já estou no lugar. Com uma velocidade habilidosa, sou aliviado de minha pequena adaga e as rédeas colocadas em minhas mãos nervosas.

A ousadia do jovem que ousou colocar as mãos em mim me deixa sem palavras. No momento em que recupero o juízo da paralisia, ele está montado e se dirigindo para os poderosos portões de ferro. O lugar onde suas mãos agarraram minha cintura dói como se ainda estivessem lá.

Quando foi a última vez que alguém me tocou? Não me lembro… Muitas décadas se passaram e perdi a noção desses detalhes. Já se passou tempo suficiente para que o toque persistente me perturbasse, de modo que comecei a cavalgar sem dar voz à minha reclamação.

Temos um longo caminho a percorrer. O clima é sombrio nesta época do ano e a missão apresenta muitos perigos. Entrar em conflito com o guerreiro que agora detém todas as armas seria uma má ideia.

No entanto, minha abstinência de críticas me surpreende. Talvez o tempo tenha me suavizado? Então, novamente, talvez não.

Existem dois conjuntos de portões que saem do pátio. Um leva ao norte em direção à Floresta Beldair, que circunda Sanctum. Os outros levam ao sul até a câmara do portal.

Viramos para o sul. Os enormes portões de ferro rangem e rangem ao serem abertos, dando acesso para nossos cavalos passarem.

Jacó

Esta é uma missão suicida. Eu posso sentir isso, porra. Quanto mais tempo o velho Cecil passava me esclarecendo antes, mais minhas preocupações cresciam. Eu acho que os High Blood não saem do Sanctum com frequência, então isso precisaria ser importante. Uma viagem através do portal para terras infestadas de orcs já é ruim o suficiente. Mas tentar realocar a pedra angular perdida? Nós dois vamos morrer.

Além disso, não posso acreditar que a fada se armou com a porra de um palito. Tentar lutar contra um orc com isso mal arranharia suas peles grossas e serviria apenas para irritá-los.

Este vai ser um grande teste. E não apenas em nossa busca para entrar nas terras Blighten. A porra da roupa que Winter está usando será a minha morte muito antes. Eu queria rasgar ao meio o vestido extravagante que ela usou ontem. Quero retirá-la das roupas de hoje, uma peça de cada vez.

Mas não posso fazer nenhuma dessas coisas por causa da ligação.

Eu rosno baixinho. Algo me diz que ela será avarenta com seu sangue. O fato de ela nem ter oferecido o pulso para cimentar o Meld sugere isso.

Meu cavalo segue em frente, descendo o caminho de pedra levemente inclinado. A pequena fada me segue, não que eu estivesse esperando sua permissão. Sorrio para mim mesmo, pois a ligação só vai até certo ponto e o temperamento pode ser falsificado. *"Pelo amor de Deus, rapaz",* dissera o velho Cecil depois de retornar da escolta de sua nave mágica para fora da câmara do guerreiro. *"Segure a língua perto dela, ou você será chicoteado ao retornar. Ela é conhecida por sua crueldade. Os High Blood são todos iguais, mas Winter é particularmente miserável. Não desejo esta missão a nenhum guerreiro, rapaz, mas é importante, e escolhi você porque você é o melhor.*

Tenho orgulho de ser o melhor que posso e de fazer minha parte na guerra sem fim contra os Blighten. Mas sinto que fingir algo próximo da civilidade com Winter também será um teste.

Estou acostumado com os Alimentadores e Criadores que são doces e generosos, mesmo que façam travessuras. O inverno dificilmente parece uma fada, exceto na aparência.

Há poucas luzes na câmara, pois o portal fornece a maior parte da iluminação necessária. À frente, situada no centro da sala, está a fonte da luz resplandecente – uma grande esfera que gorjeia e brilha e ocasionalmente ejeta faíscas. Seus olhos querem desviar dele. Passar por ela é uma experiência desagradável que a familiaridade não melhora.

Já passei pelo portal antes, como todos os guerreiros passaram. Há rumores de que os Escolhidos foram os criadores dos portais. Certamente eles possuem conhecimento do mecanismo muito além dos mundos que visitamos.

Vantagens.

Mas agora essas vantagens desapareceram.

Existem portais que interligam muitos mundos. Alguns mundos possuem um desses portais e outros possuem muitos. Para a maioria, o portal é como um navio sem leme que os leva a um destino desconhecido. Aventurar-se no portal é aventurar-se numa incerteza que é mais frequentemente perigosa do que hospitaleira. Então, tendo partido, você não terá como retornar, pois o portal pode levá-lo a qualquer lugar, e qualquer lugar raramente é seu lar.

Os Escolhidos possuem pedras que funcionam como uma chave, dando-lhes uma escolha de destinos… e um meio de voltar para casa.

Tudo isso estava funcionando bem para eles até que um Blood exploratório tropeçou no Blighten. A pedra foi tirada, o que não teria sido tão ruim se o Sangue não tivesse sido torturado antes de libertarem o homem com sua pedra. Em estado de loucura, o Sangue chamou um portal para levá-lo para casa.

Os orcs o seguiram. Eles passaram pelo portal com ele, massacrando muitos guerreiros e Sangue.

Então eles pegaram a pedra novamente, só que desta vez eles sabiam como chegar a Kotan.

Isso tudo foi há séculos. Aquela antiga capital, Sendar, lar do portal original, foi abandonada aos orcs. Os sobreviventes fugiram para Sanctum, um vasto complexo subterrâneo, mais fácil de defender.

Assim começou a guerra sem fim.

Paro a um cavalo do portal. Se eu atravessasse agora, sem a pedra-guia ativada, estaria perdido. Winter para ao meu lado, retirando a pedra angular de uma corrente em volta do pescoço. Ela troca um olhar comigo antes de fechar os olhos e pressionar os lábios na pedra. Não deveria ser erótico, já testemunhei Blood realizar a mesma ação mil vezes antes, mas é *profundamente* erótico. Estou tão extasiado com a visão de sua ternura por um objeto inanimado que quase esqueço que devo me mover.

O portal se transforma e dança, parecendo estender a mão e nos abraçar.

O feitiço foi quebrado, empurro meu cavalo para frente, limpando os pensamentos da minha mente para facilitar a transição, e entramos juntos no portal.

CAPÍTULO TRÊS

Inverno

NUNCA SE SABE o que se encontrará do outro lado do portal. A localização não corresponde exatamente, exceto alguns portais em nosso mundo que estão sujeitos a um mecanismo de amarração além da minha compreensão. Há rumores de que os Escolhidos criaram os portais, mas não acredito que seja assim. Existem demasiadas lacunas no nosso conhecimento e demasiadas limitações ao nosso poder sobre elas. Para os outros locais que visitamos, não existe mecanismo de tethering. Os portais vêm e vão e, uma vez usados, eles são realocados.

O abraço espesso e oleoso do portal nunca fica mais fácil. Já se passaram muitos anos desde que suportei isso, e a sensação oferece uma dose inebriante de medo. Saímos em uma clareira coberta de neve na floresta e fico aliviada por nos encontrar sozinhos. Quando me viro, o portal que nos trouxe até aqui já desapareceu.

Uma transição suave.

Quanto mais calmo você estiver e mais claros seus pensamentos ao entrar, menos tumultuada será a jornada. A maioria das pessoas luta nas primeiras vezes até aprender a dominar sua reação.

Está frio e tiro minha capa do alforje, tremendo no ar gelado. Meu rosto se ergue em direção ao céu. A luz solar fraca aparece por entre as árvores. Ou é amanhecer ou anoitecer, mas minha intuição diz amanhecer. O tempo pode ficar um pouco distorcido ao viajar pelo portal e você pode perder até um dia.

Jacob desembainhou a espada e está inspecionando a área imediata. Depois de emergir, é preciso estabelecer sua orientação. Tudo o que sei é que estamos nas terras Blighten e a um dia da cidade onde a pedra angular foi colocada pela última vez.

“Por aqui, senhora,” Jacob diz, empurrando seu cavalo para andar.

Amante. Como o homem consegue fazer a palavra soar como um insulto? Não consigo nem entender o que há na maneira como ele diz isso que me magoa tanto. Talvez eu sinta a animosidade subjacente nele. Apesar de toda a proclamação de Cecil sobre a coragem e atitude exemplar de Jacob, suspeito fortemente que Jacob seja o guerreiro menos subserviente que já conheci e, além disso, me despreza.

Eu sigo, irritado comigo mesmo por não ter completado a fusão, pois isso certamente teria resolvido um pouco a atitude dele. Talvez seja por isso que ele está irritado? Não tenho tempo nem inclinação

para agradar o ego do homem e agora definitivamente não lhe darei sangue, a menos que ele esteja em extrema necessidade.

A floresta é densa, mas logo nos deparamos com uma trilha de animais que nos permite caminhar a trote.

"Tenho um mau pressentimento sobre isso", ele murmura.

Não ofereço opinião. Meu mau pressentimento se manifestou ontem quando os Escolhidos fizeram sua exigência. Não melhorou muito depois que conheci Jacob e não prevejo nenhuma mudança dramática.

Cavalgamos meio dia em silêncio, até que finalmente, quando o sol atinge seu zênite, chegamos ao limite da floresta.

À frente está a extensa cidade orc de Krug. Ela preenche o vale, sustentada por duas montanhas cobertas de neve. Lá está tranquilo, mas a fumaça emerge das milhares de cabanas de barro, dando evidências de habitação. Do outro lado das montanhas fica Hydornia, uma terra muito mais agradável e adoradora da Deusa.

Percebo que os olhos de Jacob se desviaram para as montanhas e não para Krug, que é certamente a ameaça mais significativa. Ele tem um rosto interessante, eu decido. Não exatamente bonito, mas agradável de se olhar de uma forma masculina e robusta. Seus lábios são carnudos, sua barba bem aparada e seus olhos são de um castanho quente.

Não, avelã, eu decido.

Agora também não estou olhando para a cidade orc, pois estou estudando o rosto atraente de Jacob e a estranha suavização em seus olhos enquanto ele estuda as montanhas cobertas de neve.

Ele se vira, o que quer que tenha causado seu momento de fraqueza, e ele faz uma careta para mim. Apanhada no ato de observá-lo, o calor enche meu rosto.

"E agora, senhora?" ele pergunta.

O homem poderia ganhar um prêmio por contornar a linha entre o sarcasmo e o respeito. Ele faz isso tão bem que é difícil oferecer uma repreensão confiável sem parecer um imbecil excessivamente sensível.

Faço o possível para ignorar sua presença enorme, o que não é fácil de fazer. "Não está mais na cidade", digo. Fechando os olhos, permito que a pedra angular que está pendurada entre meus seios me centre. Meu olhar se volta para o leste, onde as montanhas encontram o mar congelado. Tudo o que posso ver é um branco infinito. "O que está nesta direção?" Eu pergunto, apontando.

"A cidade portuária de Bleakness", diz ele.

"Maravilhoso", eu digo.

Agora ele se vira para mim com um sorriso malicioso nos lábios. Parece que Jacob gosta de sarcasmo. "Você já esteve lá antes, senhora?"

Eu balanço minha cabeça. "Não. Você?"

“Muitas vezes”, diz ele, antes de acrescentar enigmaticamente: “Todos, exceto o primeiro, me viram levar uma surra”.

Jacó

Quando eu era garoto, sempre imaginei que só existiam orcs nas terras dos orcs.

Isso não é verdade. Eles têm muitos milhares de humanos cumprindo suas ordens. Embora por que qualquer humano iria querer cumprir as ordens do Blighten seja um mistério para mim. Mas, mais uma vez, nunca fui rico, nem me apaixonei pela riqueza, e o que aconteceu à minha aldeia e os acontecimentos subsequentes deixaram-me uma impressão duradoura.

Cavalgamos, pegando outro trilho de animais que nos permite permanecer na cobertura das árvores. Nós dois, tão longe de uma cidade, certamente chamaremos a atenção se formos vistos.

"Qual foi o primeiro?" ela pergunta depois de estarmos viajando por um tempo.

Por um momento, estou confuso. Então me lembro do que disse pela última vez. Foi um deslize da minha parte. Eles não me enviam pelo portal com frequência por esse motivo e, quando o fazem, sou bem observado em busca de qualquer sinal de enfraquecimento. O velho Cecil me deu uma conversa severa sobre a importância desta missão, sobre a importância de não me distrair e sobre as consequências de mais do que uma surra caso eu sucumbisse aos instintos básicos e enlouquecesse. Para ser justo com Cecil, que me confiou a proteção do Blood Omega, existem milhares de locais nas terras Blighten, e apenas um deles é pessoal para mim.

Ela ainda está esperando minha resposta. Considero mentir, embora o amarrador não goste mais do engano do que da insubordinação. Descobri que existem maneiras de contornar ambos, embora mantenha os detalhes dessas habilidades em segredo. "A primeira vez que fui escravo", digo. "O velho Cecil foi quem libertou dois rapazes Alfa e eu."

Não menciono a linda garota Beta ou o rapaz Beta que foi deixado para trás, pois os Sangue não precisam de tal dinâmica. Agora sou mais velho e entendo que na guerra deve haver compromisso, que decisões difíceis devem ser tomadas e que não é possível salvar a todos sempre. Mas à noite ainda vejo seus rostos, a esperança e depois o desespero quando perceberam que não tinham valor.

Inútil.

Muitas vezes me pergunto como é ser considerado inútil.

Eu sou útil. Minha força Alfa e minha subserviência através da ligação me tornam assim. Na época, quando o velho Cecil me libertou, pensei que tinha sorte. Só mais tarde percebi que era apenas um tipo de

escravo ligeiramente diferente. São os guerreiros que se alimentam do Sangue, mas são eles as sanguessugas.

Ela é quieta, a pequena fada que por acaso é de alto sangue e ômega. Não olho para ela em busca de sua reação, mas posso sentir a próxima pergunta se formando.

“E das outras vezes?”

Aprendi a distorcer a verdade, o que apazigua a amarração. Mas hoje não sinto nenhuma inclinação para meias verdades. Eu não pedi para ser escolhido para isso. Não pedi o desdém ou o julgamento de Winter. Então eu vou com a verdade e deixo que ela faça o que quiser. “Das outras vezes eu estava libertando escravos.”

Inverno

Não tenho ideia do que pensar de sua revelação nem do orgulho que impregna sua admissão. Ele não se importa que suas ações lhe tenham levado uma surra. Tenho fortes suspeitas de que ele não hesitaria em fazer o mesmo novamente.

Cecil me impressionou com sua inteligência. Certamente Jacob deve entender que não podemos salvar a todos e que existem planos maiores em jogo?

“Lamento que você tenha sido escravo uma vez. Posso compreender que você deva se sentir semelhante à situação deles, que deva se sentir culpado por sua libertação enquanto outros permanecem. É por isso que devemos encontrar a pedra, para que o nosso mundo, e os mundos que os Blighten ainda estão por conquistar, não sucumbam ao mesmo destino.”

“Não venha pregar para mim, Blood,” ele rosna. Sua voz é baixa e cruel, sua expressão como uma nuvem de tempestade. "Nosso mundo?" Enquanto ele solta um suspiro, sua fúria se esgota. “Quando fui libertado? Um homem sem livre arbítrio não é livre.”

Eu me pego franzindo a testa. Quero argumentar com ele, mas as palavras para fazê-lo permanecem fora do meu alcance mental. É assim que ele se sente? Como um escravo? Um guerreiro é muito mais forte. Sem a ligação, seríamos nós, Sangue, os escravos. Um Ômega não pode prejudicar um guerreiro, nem temos inclinação para fazê-lo. Certamente ele deve entender que um Alfa é movido por desejos animalescos e que a ligação existe apenas para a segurança de todos?

Ao lançar um olhar furtivo para seu perfil, sua mandíbula travada me diz que ele não entende nada disso. Ele é jovem, eu raciocino. O tempo suavizará esses sentimentos. Todos nós devemos obedecer a alguém. Devo obedecer ao rei e aos Escolhidos, e Jacó deve me obedecer como um Sangue.

Mas isso não é o mesmo que livre arbítrio, e pergunto-me por que é que só agora, quando um homem de vinte e três verões fala de tais coisas, é que questiono o que significam.

CAPÍTULO QUATRO

Jacó

MINHA SENHORA DE SANGUE permanece quieta enquanto viajamos. Obrigado, porra, porque não quero conversar com ela. Tentei me convencer de que aceitei meu destino como escravo dos Sangue, mas apesar dos frequentes ensinamentos de Cecil sobre o assunto, temo não ter temperamento para isso.

O anoitecer está caindo enquanto ficamos sem cobertura florestal e a temperatura cai rapidamente. Winter para o cavalo e olha para a cidade murada. Fiel ao seu nome, Bleakness é um lugar sombrio. Construída a partir de uma pedreira local, toda a pedra apresenta variações de preto e cinza escuro. Plumas lentas de fumaça sobem da confusão de telhados de ardósia e telhas. Com a chegada do anoitecer, as luzes oferecem iluminação aqui e ali que pouco fazem para suavizar a impressão dura do lugar.

A desolação é uma fossa. Erradicá-lo seria uma bênção enviada pela Deusa e o mundo ficaria mais rico com o seu desaparecimento. Já estive aqui muitas vezes na minha curta vida e nenhuma delas terminou bem. Desta vez, somos apenas um Sangue e eu, e não há irmãos para me impedir de buscar escravos livres. Desta vez, o vínculo fará com que eu me comporte, quer eu queira agir de acordo com os instintos ou não.

Há trens de caravanas frequentes de e para Bleakness, então será fácil encontrar um deles. Era uma vez uma próspera cidade marítima chamada Port Ardin. Então vieram os orcs e os moradores que não fugiram foram mortos ou escravizados. Com o passar dos anos, os humanos que permaneceram ascenderam para ocupar posições de influência e poder, assimilando a cultura e os costumes Blighten. O que mais me enoja é que sejam os humanos que agora administram os mercados de escravos que prosperam aqui.

“Esta é uma cidade grande”, eu digo. “A menos que você tenha uma fechadura forte na pedra angular, devemos encontrar alojamento para passar a noite.”

“Não tenho nenhum sinal claro, apenas a impressão de que está aqui ou esteve. Nunca visitei esta cidade antes”, diz ela. “Não seria melhor ficar do lado de fora?”

“Não, senhora. Há bandidos e invasores de todos os tipos nesta floresta, e somos apenas dois. Pelo menos na cidade existem locais

conhecidos que são considerados seguros quando nossas patrulhas nos trazem aqui."

Ela balança a cabeça, mas seu rosto está cauteloso.

Entendo por que viemos em dupla, já que é muito mais fácil passarmos despercebidos nos locais mais populosos, mas também vejo que os riscos permanecem. "É melhor que Krug", eu digo.

Suas costas se endireitam como se ela tivesse mais medo de mostrar fraqueza do que qualquer coisa que a Desolação contenha.

Com um clique no cavalo, emergimos das árvores e nos juntamos ao próximo trem de caravana. O portão se fechará quando a verdadeira escuridão cair, o que adiciona um pouco de velocidade para aqueles que procuram entrar. Com a correria das chegadas, passamos pelos portões sem incidentes ou interesse.

Como todas as grandes cidades, existem partes boas e ruins. As ruas de paralelepípedos pretos estão lotadas de humanos barulhentos e orcs ocasionais. Winter mantém o capuz abaixado sobre o rosto enquanto atravessamos a multidão apressada em direção ao melhor lado da cidade.

O Green Man é o estabelecimento mais respeitável que pode ser encontrado na cidade. A placa desgastada do lado de fora da porta vermelho cereja mostra um arbusto topiário em forma de cabeça de homem. Nunca vi muito sentido na topiaria, considerando-a algo que nobres sofisticados devem instruir seus jardineiros a fazer. Pavões, bolas moldadas e outros enfeites parecem um tema mais provável para a arte. Estou lutando para descobrir os motivos pelos quais alguém criaria uma topiaria da cabeça de um homem e, além disso, nomearia uma taverna e uma casa de hóspedes como tal. Mas é um nome memorável, então talvez seja alguma coisa.

"O Homem Verde", ela diz. "Tenho certeza de que já vi isso antes. É um nome de taverna popular?

"Eu não saberia, senhora," eu digo, cutucando meu cavalo para entrar no beco em arco que leva aos estábulos nos fundos. "Eu não sou muito viajado, exceto pelo meu emparelhamento ocasional com um Sangue. Principalmente, sou enviado para matar orcs."

Eu sinto que ela me estuda. Meu tom pode ter sido um pouco áspero. Não é como se eu fizesse alguma das coisas que faço por escolha. Bem, matar Blighten, talvez. Eu ficaria feliz em fazer isso daqui até a eternidade, se eu pedisse.

Claro, sou apenas um Alfa, e eles não perguntam, eles ordenam.

Um cavalariço se apressa para recolher nossos cavalos enquanto desmontamos. Estamos recolhendo as malas quando o estalajadeiro surge. Ele é meio orc e um grande homem que parece humano, exceto por seu tamanho desumano e orelhas com tufos rosa. Eu já o conheci

antes, e ele me dá um aceno de cabeça, seu olhar mudando brevemente para a capa envolta em Sangue ao meu lado.

"Tenho um quarto que combina com você", Tim diz rispidamente. Sua filha bonita e de aparência muito humana foi sequestrada por uma quadrilha de traficantes de escravos na última vez que estive aqui. Posso tê-lo ajudado no resgate dela... e ganho uma surra do meu líder de patrulha por interferir em assuntos que não são da nossa conta... mas isso é outra história.

"Obrigado", eu digo. "Como está Betsy?"

"A moça está bem", diz Tim, com o rosto se abrindo em um sorriso. "Ela ficará satisfeita em vê-lo de volta aos negócios."

Ele me dá uma piscadela exagerada.

Mexo no colarinho, sabendo muito bem como Betsy demonstrará sua gratidão. A moça era insaciável antes de eu resgatá-la. Tim joga a cabeça para trás e solta uma risada estrondosa diante do meu desconforto. Ele não tem nenhum problema com as travessuras de sua filha se for por escolha dela.

Sinto a inquietação de Winter enquanto Tim, ainda rindo, nos leva para dentro. "Betsy!" ele chama do outro lado da lotada sala da taverna. "Mostre aos nossos convidados a sala verde."

"Vou preparar o jantar para você e mandá-lo", diz Tim para nós.

Inverno

Subimos uma escada de madeira apertada e seguimos por uma passagem estreita até chegarmos a uma porta verde. A jovem senhorita que nos mostra o quarto é uma bela Beta que não consegue tirar os olhos de Jacob.

"Aqui está", diz ela, escancarando a porta. É uma suíte simples, mas impecavelmente limpa, com mesa e quatro cadeiras na sala de estar. Uma porta adjacente está aberta para revelar uma cama. Não menciono que há apenas uma cama. Jacob é um guerreiro e tenho certeza de que ele se sairá bem no chão.

Enquanto ele coloca nossos alforjes sobre a mesa, a senhorita da taverna envolve Jacob em uma conversa fútil sobre suas viagens, o tempo todo piscando e dando a ele um 'olhar',

Estou extremamente tentado a dispensar a vadia e acabar com esse absurdo. O guerreiro tem um trabalho a fazer, e isso não envolve o cio.

Apenas a palavra *cio* provoca um arrepio de desgosto. Meu Deus, o vestido que ela está usando é impróprio, seus seios quase transbordando. E aquele sorriso – toda falsa inocência, como se ela não fosse uma prostituta completa com a intenção de seduzir um homem. Vejo como o olhar dela vagueia enquanto ele se inclina sobre a mesa para arrumar a capa.

A vadia chega a morder o lábio e gemer baixinho enquanto pousa o olhar em sua bunda firme.

Ele se vira com um sorriso nos lábios. Ah, ele sabe exatamente o que ela quer e incentiva ainda mais!

Uma comunicação silenciosa está acontecendo entre eles.

"Jacob," eu digo. "Se pudermos conversar em particular."

Seus olhos se voltam para mim como se estivessem relutantes, e ele arqueia uma sobrancelha. "Claro, senhora. Vou cuidar dos cavalos e buscar o resto das nossas coisas. O homem tem a audácia de piscar para mim antes de pegar a criada pelo braço e conduzi-la porta afora.

Eu a ouço rir quando a porta bate no batente.

Coisas? Olho para a mesa lotada, contando as sacolas e não encontrando nada faltando.

Furioso, vou até a porta com a intenção de... Não tenho ideia do que pretendo fazer. Provavelmente, envolve abrir a porta e ordenar ao réprobo que se disfarça de guerreiro que se lembre de que seus deveres são, antes de mais nada, para comigo.

Só que eu não abro a porta. Em vez disso, ando pelo espaço confinado da pequena suíte como uma fera enjaulada. Se eu fosse um

Sangue normal, sem problemas monstruosos, Jacob poderia ter visto um lado mais agradável de mim. Eu poderia ter oferecido sangue a ele no ponto em que uma fusão geralmente é formada, e ele poderia ter esperado aprofundar ainda mais esse vínculo por meio da intimidade e da oferta de mais sangue.

Raciocino que ele está apenas brincando comigo e que, na verdade, não está fazendo nada além de coletar alforjes perdidos que escapam à minha memória geralmente impecável. Meus dedos descansam na maçaneta da porta. Onde há pouco eu estava prestes a abri-lo, agora espero.

Um leve gemido vem do outro lado da porta.

Eu franzir a testa.

O calor enche minhas bochechas. Não, certamente não é isso que eu penso? Segue-se um grunhido baixo, e agora não são apenas minhas bochechas que estão quentes. A madeira do rosnado é inconfundível. Abro a porta antes que possa pensar melhor sobre minha intenção – uma abertura lenta, como se desejasse que minhas suspeitas fossem infundadas.

Eu congelo, a mão ainda na maçaneta, a mente afundando em um estado catatônico e meu corpo iluminado de dentro para fora. Ele a tem contra a parede, com as saias arregaçadas. Uma mão está embaixo dela e a outra brinca com seu seio exposto. As pernas dela estão enroladas em volta da cintura dele, as calças abaixadas, a bunda musculosa à mostra enquanto ele aperta e empurra.

Meu estômago revira com a visão desenfreada. Seus gemidos são de profunda excitação, seu rosto corado e seus braços em volta do pescoço dele.

"Deusa! Eu vou, — ela diz.

“Eu mal comecei. Não coloquei mais da metade, moça. Ele ri, baixo e cheio de intenções sujas. “Venha se precisar. Pode ajudar a relaxar um pouco.

A boca de Jacob se fecha sobre a dela, no momento em que ela fica selvagem em seus braços.

Um arrepio me percorre. O prazer dela é indiscutível, e fico preso entre a indignação com a indiscrição dele e o encanto sensual com a imagem deles no cio. Ela não é uma mulher pequena, com cabeça e ombros acima da minha altura, mas parece tão pequena contra ele.

Eu me pergunto como seria se ele tivesse um Ômega, sua grande força superando o pequeno Criador ou Alimentador.

Minha mão vai para minha garganta.

Como ele seria comigo?

Ele continua no cio. A pobre criada está agarrada e gemendo, com a testa caída na curva do pescoço dele enquanto ele acelera o passo.

Estou paralisado, enraizado onde estou na porta aberta, meu queixo caído e minha mente presa à visão voraz de seu acoplamento.

Então ele se vira, lançando um olhar por cima do ombro. Ainda transando com ela, ainda suportando seu peso como se não fosse nada, mas agora ele está olhando diretamente para mim.

"Eu vou", diz ele, olhos corajosamente encontrando os meus.

Saindo do meu estupor, recuo, batendo a porta.

Com a cabeça entre as mãos, eu ando, me amaldiçoando. Com calor e sem fôlego, e embora eu relute em admitir isso, também estou chorando. Não consigo nem me lembrar da última vez que estive com um homem. Não tenho interesse nos prazeres da carne. Eles são muito superestimados e não para mim. Ele é um jovem, com pouco mais de vinte anos, e eu tenho centenas de anos, cansado e cheio de cicatrizes.

No entanto, quero que ele me estrague, que me desmorone como a criada faz. Eu a odeio. Eu o odeio também, mas odeio mais ela. A vadia sem vergonha estava determinada a colocar as mãos em seu pau Alfa, e ele ficou muito feliz em obedecer.

Agarro meu cabelo quando me lembro dele dizendo a ela que ainda não tinha colocado mais da metade dele. Meu estômago se aperta e minha boceta chora mais escorregadia. Eu poderia levar tudo dele. Eu poderia aguentar tudo dele e seu nó, e seria muito melhor para ele me dar cio, um Ômega. Ele nem se lembraria da criada se sentisse minha boceta apertando em torno dele, fazendo seu nó florescer e levando-o à verdadeira aspereza que só um Ômega pode suportar.

Estou com inveja.

Não consigo aceitar que estou com ciúmes, mas devo admitir que é assim.

E estou mortificado por ter sido pego vendo-o foder uma prostituta em um corredor escuro. Quero que o chão se abra e me engula.

Era uma vez, eu sabia o que era estar com um Alfa.

Êxtase.

Essa é a palavra que me vem à mente quando me lembro da expressão no rosto da jovem serva. E, ah, Jacob a levou a esse estado com tanta rapidez e facilidade. Ele é um homem forte e viril no auge e mais do que agradável aos olhos. A sensação de suas mãos sobre você, ver a determinação em seu rosto forte enquanto ele te rompe com seu pau grosso, e experimentar o prazer intenso enquanto ele te preenche, seriam suficientes para deixar qualquer mulher em êxtase.

"Porra!" Murmuro enquanto ando e seguro meu cabelo com mais força. “Por que eu abri a porta? Por que fiquei boquiaberto como um idiota?

"Eu estava pensando a mesma coisa."

Eu me viro, os olhos brilhando para encontrar os dele enquanto um constrangimento agudo espalha um rubor nas raízes do meu cabelo. Eu sou de alto sangue. Sou eu quem comanda aqui, mas não estou mais no comando. Seu rosto não mostra nenhum sinal de presunção, apenas uma leve curiosidade.

“A moça era óbvia no que ela queria. Certamente um alto sangue como você, com seus muitos anos de experiência de vida, viu o caminho das prostitutas quando estão ansiosas pelo pau de um homem.

“Eu não esperava que você fosse indulgente com ela,” eu sibilo. “Você não consegue passar uma noite sem cio?”

Seus lábios se contraem e ele joga o alforje que não me lembro de termos possuído sobre a mesa de carvalho.

“Eu posso”, ele diz, depois dá de ombros. “Mas sou apenas um humilde guerreiro, minha senhoria. Se uma doce moça oferecer sua boceta, admito que acho um desafio recusar. Ele gesticula em minha direção. “Ela era óbvia e você não me mandou ficar. Você também deixou claro seu desgosto por mim com sua recusa em oferecer o sangue Meld. Estou lutando para ver qual é o erro aqui.”

Eu não tenho resposta. Este homem, que tem apenas décadas de idade, está me amarrando com suas palavras, tão certamente quanto está transformando meu corpo em uma bagunça desenfreada de confusão com o que aconteceu.

Uma batida na porta quebra o impasse. Jacob se aproxima e abre, deixando entrar o estalajadeiro, que traz uma bandeja de comida.

Comemos em silêncio. Vou para o quarto assim que termino.

“Você não deve ir até ela novamente,” eu digo antes de fechar a porta para ele.

Jacó

Rindo sozinho, estendo o saco de dormir no chão da sala de estar. Estou tentado a ressaltar que posso sentir o cheiro dela chorando, mas suspeito que nosso relacionamento tenso sofrerá um declínio se eu deixar isso escapar. Tenho certeza de que ela está se convencendo de que meu cio com Betsy comprometerá a missão de alguma forma obscura.

Inverno.

Ela é como a porra de uma rainha do gelo, mas por sua bucetinha gostosa a entregando. Como fui confrontado com a única fada defeituosa? Se eu tivesse alguma esperança sobre a probabilidade de ela oferecer intimidade junto com sangue, ela já se foi. Agora eu só quero encontrar essa pedra angular para que ambos possamos avançar para algo mais compatível com nossas disposições. Não que eu imagine que alguém ou alguma coisa seja agradável para o Alto Sangue, que é muito cheio de sua própria importância para me respeitar com um Meld.

Uma leve batida soa na porta e eu rio, sabendo que é Betsy. Eu disse a ela que minha amante era uma vadia e que não poderíamos nos encontrar novamente, mas a moça ainda está tentando a sorte. Isso coloca um sorriso de volta no meu rosto, mesmo que eu não vá até a porta. Betsy é uma garota doce. Eu nem me importo com as chicotadas que levei porque ajudei Tim a salvá-la. Eu faria isso de novo em um piscar de olhos.

Então meu sorriso desaparece, pois ainda me lembro de como ela parecia nua e acorrentada. O ar de quebrantamento que estava em seu rosto é suficiente para cortar toda a alegria da vida. O fato de ela poder sorrir novamente me traz conforto, assim como a surra que Tim deu no idiota que se atreveu a sequestrá-la. Ele deixou o vilão morto, satisfeito por o homem ter agido sem o conhecimento de seu mestre.

Os senhores de escravos aqui geralmente não aceitam moças de famílias com pai meio-orc. Eles atacam os mais fracos que passaram por tempos difíceis, doenças ou ferimentos.

Não é um mundo bom e é da natureza dos homens maus atacar os fracos.

Eu odeio isso. Odeio que, porque uma mulher perde o marido devido a um acidente ou doença, ela e seus filhos sejam jogados aos lobos. Isso não aconteceria num mundo civilizado. Isso também não aconteceu na minha aldeia. Lembro-me do meu velho senhor oferecendo caridade àqueles que perderam entes queridos através do serviço prestado a ele ou pela vontade da Deusa. Lord Tenant era amado na pequena aldeia. Ele era um homem firme, mas justo, que

perdeu a vida, junto com muitos outros, quando os orcs Blighten atacaram.

Os traficantes de escravos vieram com eles, recolhendo restos humanos como eu, algemando-nos e conduzindo-nos com paus e espancamentos até a Desolação.

Tento e não consigo encontrar conforto no chão duro.

É melhor deixar o passado esquecido. Lembrar não ajuda ninguém, pois não posso trazer de volta aqueles que amei. É este lugar – Desolação.

Deveria ser arrasado, mas há pessoas boas aqui, como Tim e a jovem Betsy.

Eu quero liberá-lo, eu percebo. Mas sou apenas um, e um escravo de um sabor diferente, e a libertação de uma cidade controlada por orcs é uma aspiração que está além do meu alcance.

CAPÍTULO CINCO

Inverno

Não durmo a noite toda, perturbado por sonhos com orcs, escravos enfileirados, servindo prostitutas... e sangue.

"Você nasceu para doar sangue", diz Leander, com um resfriado nos olhos escuros. Ele está chapado de mim. Ele não pode parar. Ele *não vai* parar. A confiança é destruída, um gole horrível de cada vez.

A escuridão vem até mim, mas uma escuridão antinatural da qual temo nunca sair.

O caos me cumprimenta enquanto eu caminho para a consciência. O frio penetra em meu corpo frio vindo do chão de pedra abaixo de mim. Minha garganta é uma fonte de dor tão intensa que me rouba a respiração e o pensamento.

Piscando as lágrimas, encontro Blue, a Escolhida com olhos hipnotizantes, inclinada sobre mim. Magro como um salgueiro, ele me pega com facilidade, o sangue escorrendo da minha garganta arruinada.

Do outro lado da sala, ouço os rosnados raivosos de Leander. Eles atravessam o espaço e o tempo para me aterrorizar no agora.

"Mate-o", diz Blue, caminhando em direção à cama, onde ele gentilmente me coloca no chão. Os rosnados cessam abruptamente, substituídos por um silêncio abençoado. *"Envie um curandeiro."*

Seus lindos olhos azuis suavizam enquanto pousam em mim. *"Isso não acontecerá novamente, Winter. Eu prometo."*

Eu me levanto, uma mão apertando meu peito e meu corpo banhado em suor.

A sala ganha tons de cinza com o início do amanhecer.

Sangue.

Eu tenho alto nível de sangue e, desde que me lembro, o sangue tem sido meu maior trunfo e fraqueza.

Leandro.

Eu apagaria esse nome da minha memória, se fosse possível. O guerreiro deixou um legado em nossos caminhos e em mim.

Isso não pode acontecer novamente.

No entanto, esse conhecimento não elimina o medo. Mesmo depois de todo esse tempo, meu coração ainda quer bater forte no peito só de pensar em oferecer sangue.

Não sei se posso doar meu sangue. Dizem que isso acontecerá naturalmente se eu precisar, mas a mesma aversão profunda me domina.

Os sons de movimento do outro lado da porta me lembram que não estou sozinho. Sofro um breve e rapidamente reprimido sentimento de culpa por tê-lo deixado dormir no chão duro de madeira. Tenho certeza que ele dormiu em lugares piores.

Ele já dormiu pior, eu percebo, visto que já foi um escravo.

Quando foi que fiquei com tanto frio? A mordida do inverno, eles me chamam pelas costas. Isso nunca me incomodou antes, mas hoje me incomoda muito.

Não passou pela minha cabeça que ele pudesse ter sido um escravo. Guerreiros vêm e vão. Eles são humanos e, por natureza, levam uma existência frágil. Os meios de subir na hierarquia estão sob meu interesse.

Muitas coisas estiveram sob meu interesse por muitos anos.

Talvez muitos?

Empurrando as cobertas para trás, saio da cama e, depois de ir até a cômoda, despejo água na bacia. Saio do meu turno da noite e, com um pano macio na mão, me limpo. Dentro do Sanctum, a água quente corre livremente, cortesia de uma fonte naturalmente aquecida. Contra a minha pele corada e umedecida em suor, esta água fria é boa.

Em breve iniciaremos a tarefa de localizar a pedra angular. Esta não será uma tarefa simples numa cidade como Bleakness. As pedras usadas para construir a cidade têm um efeito silenciador. Prevejo um longo dia viajando por esta cidade corrupta. Minhas breves impressões coletadas enquanto íamos até a taverna sugerem uma cidade densamente povoada e com múltiplas camadas. Provavelmente, as partes mais sombrias da Desolação produzirão vestígios da pedra angular.

A toalha dobrada ao lado da bacia se move… O que é isso?

Eu grito e quase caio sobre meus próprios pés, tão rapidamente que pulo para trás.

Com um estrondo repentino, Jacob irrompe na sala, com a espada na mão.

Grito novamente e tento me cobrir com a toalha inadequada. Com as narinas dilatadas, Jacob passa seu olhar penetrante por cada fenda da sala em busca de uma ameaça.

Meu coração bate erraticamente dentro do peito enquanto tento recuperar o juízo.

Jacob usa apenas calças de couro, deixando exposto seu torso levemente peludo e de ombros impossivelmente largos. Grandes placas de músculos se interconectam em depressões e cristas que poderiam fazer os anjos chorarem por sua beleza selvagem.

Suas calças de couro não estão totalmente fechadas, expondo um ninho de cachos escuros. Abaixo, o material se projeta ao redor do grosso tronco de seu pênis.

Não é de admirar que a prostituta estivesse insensível de prazer.

Felizmente, ele não percebe minha leitura, já que ainda está olhando pela sala.

Com as sobrancelhas franzidas, ele abaixa lentamente a espada.

“O que há com você, senhora?”

“Eu...” Deuses verdadeiros me salvem. Esta é uma calamidade que eu mesmo criei. Ele acabou de arrombar a porta trancada do meu quarto como se fosse feita de pergaminho e nem parece sem fôlego. Enquanto isso, estou me encolhendo sob uma pequena toalha, cobiçando sua perfeição musculosa.

Seus olhos não se desviaram nenhuma vez para a minha nudez!

“Não é nada,” eu digo, usando meu melhor tom de comando, mesmo quando minhas bochechas esquentam.

Sua carranca se aprofunda. "Nada? Parecia que uma horda de orcs estava prestes a contaminá-lo antes de festejar com suas entranhas!”

Como um caçador de insetos treinado, seu olhar se volta para a toalha, onde a criatura do tamanho de uma mão e com muitas pernas se acomodou para assistir ao espetáculo.

Ele sorri. “Senhora, permita-me salvá-la da pequena aranha que interrompe suas abluções matinais”, diz ele.

Pequeno?

Sem mais delongas, ele apoia sua espada contra a parede, marcha e pega a horrível criatura peluda em suas mãos.

Eu estremeço.

Ele tem mãos grandes, e ainda consigo ver uma perna preta e peluda aparecendo entre seus dedos.

Caminhando até a janela, ele abre a veneziana e a joga fora. O movimento faz todos os músculos ondularem em suas costas cheias de cicatrizes. Suas calças estão penduradas nos quadris, ameaçando cair.

Minha boceta aperta fortemente enquanto eu desejo que elas caiam.

Ao ouvir uma forte batida na porta da suíte, Jacob volta para a sala de estar, deixando a porta do quarto aberta enquanto vai atender. Felizmente, a porta principal está fora de vista de onde estou, mas estou presa em um canto com nada além de uma toalha úmida para me cobrir.

"Foi apenas um pequeno ataque de uma pequena aranha, Tim", diz ele. Eu ouço os dois homens rirem. "Sim, tudo resolvido agora… Sim, o café da manhã seria muito apreciado. Agradeça a Betsy.

Betsy? Essa é a prostituta que ele estava no cio no corredor?

Ao ouvir a porta principal se fechar, apresso-me em fechar a porta do quarto para finalmente terminar de me lavar e me vestir.

Outra mão reivindica a maçaneta antes que eu possa.

Eu engulo. Nossos olhos se encontram. Há algo na versão quase nua de Jacob que confunde minha mente. De perto, posso ver manchas verdes, douradas, marrons e azuis em seus longos olhos castanhos e cheirar seus ricos e almiscarados feromônios alfa.

Meu estômago revira e a necessidade aquece meu sangue.

Luxúria. Quando foi a última vez que experimentei luxúria?

"Não, senhora", diz ele, tirando-me dos meus pensamentos rebeldes. "Permitir que você fechasse assim na noite passada foi imprudente. O velho Cecil me espancaria até a morte se você sofresse um arranhão. Não haverá portas fechadas entre nós daqui para frente."

"Era uma aranha", eu digo. Pareço pequeno e um pouco perdido. Não quero ser exposta a ele, embora ele pareça ter pouco interesse no meu estado de nudez. Talvez ele prefira os doces Betas que não têm a disposição de uma vespa?

Não consigo reunir a vontade de odiá-lo por isso. Sou um Ômega quebrado com alto nível de sangue correndo em minhas veias, uma fada defeituosa que perdeu sua voracidade pela vida – antiga, amarga e marcada por cicatrizes que os olhos não veem.

O pequeno pano úmido que prendi em meus seios é puxado suavemente da minha mão.

"Você está com frio, senhora", diz ele. "É melhor secarmos você."

Ele me convence a entrar mais fundo na sala e, como um cordeiro tolo, sou gentil pelo lobo. A toalha é recolhida da cômoda e, depois de sentar no pé da cama, ele me puxa para ficar dentro do V de suas coxas.

Aqui, ele me seca.

Sinto um rubor subir até a linha do cabelo quando ele passa a toalha sobre meu corpo com uma gentileza que é suficiente para me fazer desmoronar. Por cima do ombro, braço e até os dedos. Sobre a clavícula, seios e barriga. Sobre quadris e coxas.

Meus mamilos atingem o pico, embora não seja mais devido ao frio úmido.

Ele não se demora, é clínico em seu trabalho e, ao mesmo tempo, seu perfume almiscarado me deixa ainda mais enfeitiçado. Concentrado na tarefa, sua cabeça está abaixada, deixando-me livre para olhar à vontade.

E eu faço isso, cativada pelo jogo dos músculos sob sua pele, os dedos coçando pelo prazer antecipado de afundar em seu cabelo castanho brilhante que parece tão macio.

O simples prazer de tocá-lo me é negado. Eu não saberia como tocar um homem e um Alfa. Já se passaram muitos anos desde esses anseios e muitos mais desde o ato.

“Vire-se, senhora,” ele diz suavemente.

Obedientemente, eu faço.

A toalha é passada sobre mim novamente, tirando a umidade das minhas costas e da minha bunda.

"Abra suas pernas."

Minha respiração falha. A voz dele parece um pouco mais profunda... mais áspera?

É só quando a toalha macia bate nas dobras externas da minha boceta que percebo que o obedeci... que ampliei minha postura, dando ao guerreiro sentado atrás de mim acesso ao meu lugar feminino.

Um tipo diferente de umidade está se acumulando, que desafia a atenção da toalha.

A toalha cai na cama e, mesmo assim, não me movo.

“Você precisa de cuidados, senhora”, diz ele.

Essas palavras são como um choque passando por mim.

Ele suspira. Com as mãos na minha cintura, ele me leva um passo à frente antes de me levantar. “Mas você deixou mais do que claro que não deseja tal atenção de mim.”

Uma batida na porta interrompe as palavras prestes a sair dos meus lábios. Palavras de disputa, pois meu corpo não mente. Meu corpo quer esse Alfa que me acalmou.

“Entre”, ele chama.

A porta se abre e a garçonete, Betsy, entra com uma bandeja carregada nas mãos. Olhando em nossa direção, ela sorri atrevidamente enquanto faz uma reverência antes de se apressar em colocar a bandeja sobre a mesa.

A cena que apresentamos é *íntima.* Se eu fosse um Ômega e Sangue natural, não haveria nada de incomum nisso. Sua mão, ainda em meu quadril, é como uma marca quente e abrasadora. Quero que ele o mova,

mas não para longe. Não, quero que ele deslize para cima até poder segurar meu seio dolorido.

"Havia algo mais?" Betsy pergunta, virando-se para nós.

"Isso é tudo, moça," Jacob diz. "Muito obrigado, Betsy, por trazê-lo tão cedo."

Seu sorriso é doce e genuíno. "Qualquer coisa por você, Jacob."

Ela faz outra reverência rápida antes de sair da suíte.

Olho para o guerreiro que está atrás de mim. Acho que não conheço esse homem. A moça não sentiu nenhum ciúme ao nos ver assim. Quando ela olhou para Jacob, havia o brilho inconfundível da adoração do herói que vai além de um simples cio.

"Como você conhece Betsy?" Eu pergunto.

Há um atraso antes que seus olhos se voltem para os meus. Como da última vez que fiz uma pergunta investigativa, me pergunto se ele me responderá. Ele deveria. A vinculação não gosta de engano, nem de resistência a uma ordem.

Mas, como estou descobrindo com Jacob, a ligação só vai até certo ponto.

"A última vez que levei uma surra", diz ele, com seus olhos castanhos, que brilhavam de calor há tão pouco tempo, agora frios e distantes, "foi por libertar Betsy dos traficantes de escravos".

CAPÍTULO SEIS

Jacó

O FEITIÇO É QUEBRADO quando volto para a sala de estar. Eu estava a um passo de jogá-la na cama e absorver o cheiro escorregadio que estava chorando de sua boceta. Ela não parece tão fria hoje.

Hoje ela está queimando.

Ela precisa de cuidados. Sou um Alfa e não posso deixar de estar ciente das necessidades da minha amante. Já fiz parceria com Omegas antes. Muitas vezes. A maioria gosta da atenção gentil de um guerreiro preso, e quanto maior for o prazer, mais potente será o seu sangue. Não é difícil separar coxas finas e deleitar-se com sua doce suavidade. Nem esgotá-los até o fim, se assim o desejarem.

Um Alimentador ou Criador é diferente. Não há amarras, e um guerreiro é livre para enfrentar a aspereza que deixa os Ômegas loucos de luxúria. Mas também gosto dos acoplamentos mais suaves que acontecem com um Blood.

De costas para o quarto, ouço-a se vestir. Meu pau duro como pedra está sendo estrangulado pelas minhas calças. Eu aperto através do couro e isso alivia um pouco a dor. Levantar as calças é uma causa perdida até amolecer um pouco.

Penso em me sentar, mas provavelmente isso só vai esmagar ainda mais meu pau.

Deuses, ela foi tão doce quando me deixou secá-la com o pano. A sensação dos olhos dela em mim enquanto eu me concentrava na tarefa fez meu peito inchar de orgulho. Ela queria me tocar.

Ela queria que eu a tocasse.

Ferido.

Não sei de onde vem essa determinação, mas de repente tenho certeza de que Winter está profundamente ferido. Tento imaginar como ela poderia ter sido antes.

As fadas podem ser doces e suaves, podem ser divertidamente exigentes e podem ser pecaminosamente perversas e atrevidas com suas travessuras quando buscam a atenção de um homem.

Eles são todos vorazes e a maioria também gregária.

Só que não consigo imaginar o Inverno como nenhuma dessas coisas. Ela é como o eco de uma canção outrora bela que não passa de um sussurro ao ouvido. Ela é quietude e retiro.

Ela é uma concha que já teve o esplendor de uma pérola.

Isso seria mais fácil se ela tivesse continuado uma vadia.

Eu suspiro. Minha fome proporciona uma distração bem-vinda. Inclinando-me sobre a mesa, pego um prato e o encho com bacon, ovos e batatas. Há um bule de chá, creme e mel, e eu também gosto disso. Estou colocando um pedaço de bacon na boca, crocante com perfeição, quando sua nave mágica entra na sala.

Meu pau, que começou a amolecer, bate forte ao vê-la vestida com aquelas roupas de couro justas.

"Eles não ensinam os guerreiros a sentar-se à mesa?" Ela pergunta, lançando-me um olhar fulminante.

O demônio está de volta, ao que parece. Mas vislumbrei seu lado mais suave e estou ávido por mais.

"Meu pau está duro, senhora", eu digo. "Como mencionei antes, sou apenas um humilde guerreiro. Não sou muito versado em moderar as reações naturais do meu corpo ao cheiro do Omega.

"Você não está nem perto de ser tão estúpido quanto finge, Jacob", diz ela. "E eu vejo através de você."

"Ficarei desapontado se você não o fizer", digo. Sorrindo, pego outra fatia de bacon delicioso e coloco na boca.

O café da manhã é tão tenso quanto o jantar de ontem, e isso é culpa minha.

Depois de terminar, nos preparamos para o dia em silêncio. Por sugestão minha, esperaremos até que as ruas comecem a se movimentar com os moradores da cidade cumprindo suas obrigações antes de partirmos. Nossos cavalos e os poucos bens que não levamos hoje permanecerão aqui. É provável que o dia de hoje produza apenas uma falsa impressão da pedra angular e precisaremos de continuar a viagem. Talvez precisemos vasculhar mais a cidade por muitos dias.

Com uma batida educada na porta, Betsy entra para recolher as coisas do café da manhã. Baixando a cabeça, ela sorri para mim, mas depois de um olhar penetrante de Winter, ela não se demora na tarefa. O ciúme de Winter pela jovem traz um sorriso aos meus lábios. Minha patroa nem deu um pio quando coloquei minhas mãos sobre ela enquanto Betsy trazia o café da manhã.

Pisco para Betsy enquanto Winter fica diante da janela, colocando-a de costas para nós.

Quando a porta se fecha para Betsy, vou me juntar a Winter. Ela prendeu o cabelo em uma longa trança, mas ele escapa em mechas bagunçadas. Suas orelhas minúsculas e pontudas aparecem entre os cachos. Admito que sou muito apaixonado por orelhas de fada. Os invernos são particularmente delicados. Orelhas de fada são sensíveis. Ela estremeceria docemente se eu passasse as pontas dos dedos sobre a casca?

Quando ela está descontente, eles ficam encostados em sua cabeça. Mas agora, quando ela está relaxada e sem censura, eles se curvam suavemente para cima. "Você consegue sentir a pedra angular, senhora?"

"Sim", ela diz. "O lado leste da cidade."

Com uma careta, arrasto meu foco para a janela no momento em que ela se vira para mim.

"O que há a leste?"

"As docas e armazéns do porto", respondo. "É a parte mais difícil da cidade. É onde eles mantêm os escravos."

"Temos uma tarefa a cumprir", diz ela. "Não podemos nos distrair. Não podemos ficar comprometidos. Nem o rei nem os Escolhidos tolerarão nosso fracasso."

"Eu sei", eu digo. "Eu não estava com um Blood antes. A ligação garantirá que eu não me desvie." Sinto-me enjoado e úmido pensando em escravos. Eu faria da minha missão de vida libertá-los, se me fosse permitido.

Seu sorriso é irônico. "Jacob, você é o guerreiro menos subserviente e menos vinculado que já conheci. Terei uma conversa com Cecil quando voltar. Mas apesar de tudo isso, você é puro de coração e propósito. E sou grato por ter você ao meu lado.

O peso de suas palavras repousa sobre meus ombros. De volta ao Sanctum, ela disse que Meld não era necessário e que sua palavra era suficiente. Talvez seja parte do fato de ela ser de alto sangue que até mesmo suas palavras penetrem na ligação.

Concordo com a cabeça, esperando que Cecil não esteja inclinado a me mostrar algum respeito em nosso retorno. "É hora de partirmos."

Colocando a adaga e a espada no lugar, pego minha capa no gancho atrás da porta.

Quando volto, Winter está me esperando. Com a capa caindo quase até os pés, ela parece minúscula e frágil. É uma ilusão para Winter, pois há um fogo em seu sangue, junto com um poder que nunca experimentei antes.

Provavelmente não vou prová-lo hoje ou em qualquer outro dia.

Minha boca ainda está cheia de água por seu sangue e seu corpo. A encadernação estica bem. Engulo em seco, lutando contra a vontade de cair de joelhos. A magia antiga não gosta de insubordinação. Se eu tentasse tocá-la de uma forma que a desagrada, sofreria muita dor. Todo guerreiro sucumbe à rebelião nos primeiros dias da amarração e tenta combatê-la. Depois, eles aprendem as consequências.

Alguns precisam da lição mais de uma vez.

Alguns precisam da lição com frequência e esses guerreiros morrem.

Só senti a dor uma vez, a sensação da pele descascando da minha carne, do meu sangue fervendo e dos meus ossos quebrando. É mil vezes pior que qualquer sessão com o chicote.

“Mantenha o capuz baixo, senhora”, eu digo.

Assentindo, ela puxa o capuz para frente, deixando seu rosto nas sombras. Uma mecha de seu cabelo vermelho-dourado aparece até que ela cuidadosamente o coloca para dentro. Usando suas roupas de couro, ela poderia passar por um menino, exceto na inspeção mais rigorosa.

É uma tragédia encobrir sua feminilidade, mas provavelmente é melhor se eu não quiser entrar em uma briga com todos os filhos da puta olhando para ela.

CAPÍTULO SETE

Inverno

CHEGANDO COMO CHEGAMOS a cavalo, não estou totalmente preparado para o impacto de estar nas ruas. Por sugestão de Jacob, esperamos até que estivesse ocupado. As ruas de paralelepípedos estão sujas, empoeiradas e lotadas quando saímos. Carrinhos passam pesadamente, rodas de madeira criando uma batida de tambor enquanto chacoalham nas pedras. Humanos, orcs e mestiços correm para os negócios. As lojas estão abertas com produtos em exposição. Os vendedores gritam para quem passa, buscando chamar sua atenção. As crianças brincam no meio do caos, crianças abandonadas e sujas, correndo e rindo... Uma delas rouba uma maçã de uma barraca de loja. O lojista o persegue com um rugido.

"Vou nos levar para o leste", diz Jacob. "Nem sempre será uma rota direta, mas se você sentir que estamos à deriva, me avise."

E assim começa o nosso dia.

É como uma realidade estranha e distorcida ver os orcs esfregando os ombros com seus homólogos humanos. As ruas estreitas tornam-se escuras e desoladas à sombra dos edifícios. O ar mantém o frio da noite, como se a neve pudesse cair, e minha respiração forma uma nuvem diante de mim enquanto caminhamos.

A agitação do bairro comercial das tabernas dá lugar a avenidas mais largas à medida que nos aproximamos do centro. Os edifícios são ainda mais altos, com três, quatro e até cinco andares. Todos eles estão em tons de preto ou cinza.

Um grande mercado preenche a praça central. Toldos multicoloridos, sujos pelo tempo, projetam-se uns contra os outros numa rede de passagens. Galinhas, gansos, laticínios, vegetais, peixes e enguias, trabalhos em couro e bugigangas de todos os tipos imagináveis estão todos expostos.

Contornamos as bordas, mas o barulho das conversas e dos gritos é um ataque aos meus ouvidos depois da tranquilidade do Sanctum.

Por outro lado, os edifícios tornam-se mais industriais. Cavalos e carroças, homens e orcs lotam as ruas de paralelepípedos enquanto as mercadorias são transportadas. Os sons de marteladas, clangores e ordens gritadas substituem a agitação do mercado. Ferreiros, artesãos de armas, curtidores, marceneiros e marceneiros enfrentam armazéns. Grandes portas de madeira estão abertas para mostrar trabalhadores, barris empilhados e caixotes.

Sou visível aqui, uma pessoa menor na sombra de uma pessoa maior.

O perigo rasteja sob minha pele. Não estive na presença de tantos orcs desde o dia em que fugimos de Sendar para Sanctum.

À frente, uma carroça está descarregando. Dois orcs gigantes, um de pele cinza e outro manchado de verde-azulado, descarregam barris no armazém. Eles pausam a tarefa quando nos aproximamos, com os olhos nos rastreando. Minha mente pensa em como Jacob poderia me manter segura. Ele é jovem. Mesmo que ele tome sangue regularmente, ele não pode se igualar a um orc, muito menos a dois.

A primeira rajada de neve começa a cair, aderindo em manchas aos paralelepípedos pretos das ruas.

“Os humanos de Bleakness me incomodam muito mais do que os orcs”, diz Jacob.

Olho para ele por baixo do meu capuz.

“Estou sintonizado com você, senhora”, diz ele. “Mesmo sem a fusão.”

A farpa escorrega de sua língua sem qualquer sinal de atrevimento. O Alfa é hábil em contornar a linha do desrespeito.

“Por que humanos?” Eu pergunto.

“Orcs estão bem integrados aqui. Nem todos os orcs são Blighten, assim como os humanos têm diferentes senhores, reis e costumes. A desolação está longe da fortaleza dos orcs e do domínio de seus mestres sombrios. A pior coisa que você encontrará aqui são os traficantes de escravos humanos e os assassinos que atacam outros humanos.”

Suas palavras me abalam tanto que tropeço. Uma mecha do meu cabelo ruivo dourado escapa do meu capuz no momento em que passamos por um beco escuro. Três homens estão ali, fumando – tipos sujos e desagradáveis que fazem minha pele arrepiar e meu coração parar na garganta.

Empurrei a fechadura para trás.

Tarde demais. Eles pisam na rua de paralelepípedos, bloqueando nosso caminho. Um deles retira uma adaga curva perversa, outro um

pedaço de corrente e o último homem uma clava de dentro de sua jaqueta.

Há pessoas na rua, carroças passando, os dois orcs não estão a mais de cem passos de distância, mas ninguém nos presta atenção.

"Fique perto de mim, senhora", diz Jacob. "Mas não muito perto."

Estou tentando assimilar o que é perto, mas não muito perto, quando Jacob avança. Ele arranca o porrete da mão do bandido, acerta seu rosto com a ponta estreita e o balança para baixo para tirar a adaga de seu companheiro. O porrete é virado para a direita em sua mão antes que ele bata na terceira corrente que segura o homem na lateral da cabeça.

A corrente balança em direção à cabeça de Jacob, enquanto o homem que a segura cai no chão.

A clava pisca para a esquerda e para a direita, causando destruição e dor aos bandidos, até que todos os três homens se tornem corpos inconscientes no chão gelado.

Ele joga o porrete no homem mais próximo e faz uma pausa para limpar o sangue da boca com as costas da mão.

Nossos olhos se travam. Sua mão retorna lentamente para o seu lado.

Não consigo entender como o lábio dele está sangrando, pois não o vi levar um único golpe.

A corrente talvez, eu decido.

Quando ele caminha em minha direção, sinto uma vontade irracional de me virar e fugir.

Segurando meu braço, ele me puxa para uma caminhada rápida. "Não podemos demorar, senhora. E pelo amor de Deus, mantenha seu cabelo fora de vista. Se acontecer de eles vislumbrarem seus ouvidos, estaremos realmente fodidos.

Sua repreensão dói. Quando foi a última vez que me senti um idiota?

Minha vida tem sido tão isolada que mal consigo me lembrar de interações, muito menos de palavras duras.

Pior, eu mereço cada um deles.

São necessários vários quarteirões para controlar meu tremor.

Não sou estranho à batalha ou ao conflito. Eu sobrevivi à grande ruptura quando fugimos para Sanctum, anos atrás. Eu era apenas um Sangue, jovem e ingênuo em muitos aspectos. Sangue era uma mercadoria que eu dava gratuitamente a qualquer guerreiro, mediante pedido. No entanto, nunca vi um guerreiro atacar com a graça letal com que Jacob o fez.

O tempo escureceu minha memória?

Não, acho que não. Isso levanta a questão do que um homem tão jovem poderia se tornar se tivesse acesso ao High Blood.

Foi por isso que Cecil nos juntou? Ele vê o potencial de Jacó, tanto agora como no futuro, e está procurando acelerar essa mudança? Poucos guerreiros têm mais acesso a High Blood. Somos tão poucos, e menos Sangues fazem a transição para Sangue elevado.

A neve começa a cair pesadamente, aderindo em manchas maiores e formando montes baixos nas calçadas e nas curvas.

"Estamos perto das docas", diz Jacob. "Você ainda sente isso?"

"Sim", eu digo. "Esta é a direção certa."

Parece improvável que o encontremos tão facilmente. No entanto, a pedra usada em volta da minha garganta zumbe.

Como o Kotan chegou a tal ponto onde eu, um Sangue que há muito se absteve de assuntos de guerra, é considerado a melhor escolha?

High Blood, Blood, ambos estamos em declínio. Tenho ouvido sussurros dos Criadores e Alimentadores mais jovens de que somos uma raça decaída e caindo na obsolescência. Que as mudanças dentro de nós, a falta de Sangue superior nascendo durante muitos séculos, estão ligadas ao início da ligação.

Eu próprio sinto o nosso declínio, mas não sei como impedir a queda.

Não é a vinculação. Eu me recuso a aceitar isso.

Perdida em meus pensamentos, me assusto com o calor que emana da pedra angular aninhada entre meus seios.

Paro abruptamente.

Jacob para também, as sobrancelhas franzidas. Seu olhar desce para onde eu pressionei a mão sobre a pedra angular.

"Está aqui", eu digo. "Não é uma falsa impressão. É a verdadeira pedra. Está aqui."

Só agora observo o que me rodeia.

Os gritos berrados fundem-se com o barulho das carroças que passam sobre o cais de madeira. Acima, gaivotas navegam nas correntes de ar, gritando umas para as outras enquanto ziguezagueiam e mergulham em busca de restos, enquanto o ar salgado carrega o cheiro de alcatrão, especiarias e lixo. Embarcações marítimas de todos os tipos, desde barcos de pesca a navios mercantes, alinham-se no cais.

Uma grande vibração reverbera nas solas dos meus pés, desviando minha atenção para além da indústria comum.

Dois galeões, de mastros altos e orgulhosos, também se alinham no cais. Bandeiras tremulam nos mastros mais altos, ostentando o machado de guerra vermelho sobre branco – *Blighten* .

As pranchas foram derrubadas e fileiras e mais fileiras de guerreiros Blighten em trajes de batalha completos marcham para as portas duplas abertas de um grande armazém. Combinações de verde, cinza, azul e mosqueado, orelhas tufadas e presas, eles carregam machado, maça, clava ou espada. Suas botas, fazendo um grande rugido ao baterem nas tábuas, foi o que primeiro chamou minha atenção.

Muitos.

Muitos .

Certamente não caberiam todos lá dentro? Deve haver centenas de orcs descarregando. "Onde eles estão indo?" Eu pergunto.

“Para a guerra”, diz Jacob.

Pisco ao perceber esse fato indiscutível.

“Deusa nos ajude,” eu digo quando uma compreensão surge. “Eles têm um portal lá dentro.”

CAPÍTULO OITO

Inverno

“Precisamos entrar”, digo.

“Você está entediado com esta vida”, diz Jacob, “e deseja passar para a vida após a morte? Essa é uma tribo de guerra. Eu sou um guerreiro solitário. Você é uma fada que se arma com um palito para lutar contra orcs. As probabilidades não estão a nosso favor.”

Lanço-lhe um olhar fulminante, mas não posso desconsiderar os sentimentos com que ele fala.

Nossas chances não são boas, como ele afirmou de forma tão eloquente. Nossas chances são nulas. E, no entanto, se houver um portal ali, como suspeito que deva haver, então há todas as chances de a pedra angular ser levada através do portal e nós a perdermos.

Estamos num impasse no cais, onde orcs vestidos para a batalha não passam a mais de cem passos de distância. O pânico cresce dentro de mim, flashbacks do dia em que Sendar caiu. Meu estômago embrulha, pensando em quantas vezes dei sangue naquele dia, repetidamente, até ficar tão fraco que mal conseguia ficar de pé.

Eu teria dado mais a Andrich. Eu teria deixado que ele me drenasse, mas o guerreiro recusou.

Então fugi para Sanctum. Foi apenas a crença de que ele não iria querer que eu morresse que manteve meus pés em movimento, levando-me embora.

Ele morreu me salvando, e eu fiquei inconsolável e desolado porque meu bravo guerreiro havia partido. Depois me entregaram para o Leander. Meu sangue era precioso. Isso poderia fazer toda a diferença na guerra. Eu era forte pelo bem do meu povo, pelos doces Criadores com jovens. Para os carinhosos Alimentadores, que deram tudo de si para manter os guerreiros lutando. Para o Sangue inferior, que ainda não tinha a potência que eu tinha.

Mas eu era uma concha.

Eu ainda sou uma concha.

“Precisamos segui-lo”, digo, injetando toda a força que possuo nessas palavras.

Seus lábios se curvam em um sorriso que não alcança seus olhos. “Tudo bem, senhora. Mas precisarei fazer a próxima parte sozinho.”

Sem esperar por uma resposta, ele gira e sai.

Eu fico olhando para ele, estupefato. Ele está abandonando a mim e à missão? Estou perplexo que ele *possa.*

Ele não olha para trás nem se preocupa com minha segurança.

Sozinho? Eu franzir a testa. Ele não está indo embora como presumi inicialmente. Ele está abrindo caminho em direção à lateral do armazém.

Continuo enraizada, uma mulher solitária, sem nem mesmo o conforto de uma adaga — um palito, eu corrijo — já que ele a libertou de minha posse antes de entrarmos no portal.

Sozinho e *vulnerável* .

Não há ninguém para me salvar dos bandidos. Eu sou poderoso, mas nenhum desse poder é meu para exercer.

Meus lábios tremem. Um tremor começa nas pontas dos meus dedos e passa pelo meu corpo como uma onda destrutiva.

Ele disse que faria isso sozinho, mas devo segui-lo se quiser sobreviver.

Mesmo assim, hesito, enganando-me pensando que ele voltará. Minha mente divaga em cenários onde sou morto nas docas por um assassino em busca de moedas. Qualquer assassino logo mudaria de ideia depois de dar uma olhada no meu cabelo.

Escravo.

Meus ouvidos selariam meu destino. As fadas são raras. Qualquer capturado é entregue diretamente na fortaleza Blighten para interrogatório.

Minhas mãos se fecham, formando punhos tão apertados que minhas unhas cortam as palmas.

A dor me centra.

Os orcs continuam a descarregar e marchar para um armazém que não pode conter todos eles.

À frente, Jacob entra em um beco estreito, desaparecendo da minha vista.

Sigo, cruzando o cais em ritmo acelerado, lutando contra a vontade de correr atrás dele e da segurança que ele representa.

Maldito seja ele e *só ele* .

Meu coração bate forte no peito quando chego à entrada do beco.

Há um corpo no chão, um orc de bruços e morto.

Um grito borbulha na minha garganta, interrompido quando uma mão quente cobre minha boca. “Você demorou muito, senhora”, diz Jacob.

Não consigo respirar ar suficiente pelo nariz e minha visão se transforma em pontos brilhantes.

À medida que sua mão se afasta, respiro fundo em meus pulmões famintos.

Só agora percebo o que ele disse. Ele esperava que eu o seguisse. Ele estava apenas indo em frente para dispensar um orc.

As paredes negras do beco estreito onde estamos parecem fechar-se sobre mim.

Ele matou um orc. *Sozinho.* Como um Alfa mata um orc sozinho tão rapidamente?

O céu nublado lá em cima está escuro e cheio de neve. Os flocos gelados caem, pousando em minha capa, em meu nariz e em minhas bochechas.

"Você a viu?" ele pergunta, despertando-me da minha contemplação de sua habilidade não natural.

Balanço a cabeça, franzindo a testa. "Veja quem?"

“A criança”, diz ele. “Tenho certeza de que ela é uma fada.”

Não consigo entender sua declaração. Fada? Criança? Do que ele está falando?

“Temos uma missão”, repito, tentando me agarrar à rocha sólida enquanto o chão desmorona abaixo de mim.

“Uma maldita missão egoísta que visa salvar apenas o seu próprio povo!”

Suas palavras cortam mais fundo do que qualquer lâmina orc. Ele não está errado. Eu gostaria que ele estivesse.

“Perdemos muito”, digo, sentindo-me doente e sem esperança.

“Temos um dever para com os mundos que você expôs através de seu descuido. Temos um dever para com a criança com rosto muito solene.”

Está me perguntando ou me dizendo que a criança agora é a prioridade?

Este Jacó está determinado a salvar outro escravo?

Só sei que se não fizer isso, perdi-o de uma forma que não pode ser reparada.

Estou em conflito.

E ainda assim minha clareza de pensamento é cristalina.

Uma criança? Uma criança fada?

“Mostre-me”, eu digo.

Ele me conduz pelo beco de uma maneira que mostra sua familiaridade. Ele esteve em Bleakness muitas vezes. Uma vez como escravo. Nas outras ocasiões, ele os libertava contra a vontade de seu chefe de patrulha.

"É a parte mais difícil da cidade", disse ele na pousada. *"É onde eles mantêm os escravos."*

Talvez este armazém faça parte desse terrível comércio?

A passagem chega a um entroncamento. Viramos a esquina para a esquerda, no momento em que um grito vem da rua.

O orc morto foi notado.

"Eles estão vindo," eu digo, minha respiração instável.

"Eu sei", ele responde.

Ele para diante de uma grade grossa colocada no chão contra a parede. Abordagem de passos, construindo um senso de urgência.

"O que você está fazendo?" Eu sibilo quando ele agarra a grade e levanta.

A parte da frente se levanta como uma aba e ele a apoia na parede. Ele não pode querer que entremos lá, pode? Tudo o que posso ver é escuridão. Pode cair por quilômetros!

Ele pega meus pulsos, me levantando, me pendurando sobre o buraco antes de me abaixar para dentro enquanto eu me debato e murmuro ameaças baixinho.

Os passos estão se aproximando cada vez mais, deixando minha mente e meu corpo em estado de tumulto.

Meus pés tocam o chão áspero de pedra antes que meus pulsos passem pelo nível do beco. Jacob faz um gesto para que eu me afaste. Está escuro e não consigo ver nada, mas assim que me arrasto hesitantemente para o lado, ele cai ao meu lado, fechando a pesada grade com um leve rangido.

Sua mão cobre minha boca como se esperasse que eu fizesse algum som. Estou morrendo de medo e não conseguiria fazer um guincho passar pela minha garganta seca nem se tentasse. Os passos param e segue-se uma conversa murmurada.

O beco estava escuro, mas este buraco subterrâneo é preto como breu.

À medida que as vozes e os passos desaparecem, os dedos em volta da minha boca lentamente se afastam.

"Proteja seus olhos, senhora", ele sussurra.

Um chiado e um estalo precedem a luz brilhante vazando pelos meus dedos. Enquanto lentamente os afasto, encontro Jacob agachado para caber sob o teto baixo da passagem estreita, segurando uma tocha.

“Não é longe”, ele diz e, passando por mim, vai embora.

Corro atrás dele, estremecendo quando minhas botas batem no chão de pedra.

Ele lança um olhar por cima do ombro.

As fadas devem ser ágeis. Eles também deveriam ser brincalhões e gregários, mas eu não sou nada disso. Parece que me lembro de uma época em que eu era brincalhona, usava os vestidos mais bonitos nos bailes, onde me deliciava em provocar homens bonitos e ver a luxúria brilhar em seus olhos.

Eu amei abertamente naquela época, tanto com meu coração quanto com meu corpo.

A memória não tem potência, como uma transcrição desbotada em um pergaminho antigo que você precisa olhar de soslaio e, mesmo assim, não consegue mais distinguir uma palavra ocasional.

De repente, ele apaga a tocha, nos deixando na escuridão.

“Estamos aqui”, diz ele.

Diante de nós está uma câmara subterrânea escavada nas rochas negras da Desolação, com uma fileira dupla de grossas colunas de suporte com arandelas oscilantes. A luz do dia entra na câmara pela esquerda, onde os orcs entram por uma longa rampa de pedra. Eles passam por nós e entram no portal à nossa direita.

Somente aqueles com a magia mais forte podem invocar um portal. No entanto, é evidente que tal magia foi usada para criar um portal aqui nesta caverna subterrânea de um armazém de outra forma normal no cais de Bleakness. De onde nos escondemos nas sombras de um pilar gigante, temos assentos ao lado do ringue enquanto os orcs desaparecem através do portal cintilante.

O que há do outro lado, não posso dizer.

Estou menos interessado nos orcs do que na criança parada ao lado do portal. Flanqueando-a está uma parede de guardas orcs imponentes. O poder emana dela. E como Jacob sugeriu, ela é realmente uma fada. Calças e túnica marrons lisas são cobertas por uma capa azul royal com acabamento em pele. Suas roupas monótonas realçam o brilho do cabelo em um tom de vermelho-dourado mais profundo que o meu. Não há dúvidas sobre a orelha delicadamente pontuda que vejo aparecendo entre os cachos.

Estou abalado com a presença dela aqui.

De onde ela veio?

Onde estão os pais dela?

Certamente, ela não é parente do homem humano que segura sua mão direita.

Sua mão esquerda segura algo que está pendurado em seu pescoço. Dentro de seus dedos firmemente cerrados está a pedra angular, tenho certeza.

Encontrámos a pedra angular. Também encontramos uma criança fada.

Como ela não está com medo? Há quanto tempo ela deve ter sido doutrinada na cultura deles para que esta cena não desperte medo?

Os Kotan não são a única raça que inclui fadas, embora tenhamos perdido contato com outros de nossa espécie após a queda de Sendar, quando nos retiramos para Sanctum. Nosso descuido com a pedra angular fez com que outras fadas sofressem nas mãos dos Blighten?

Não tenho respostas e, enquanto isso, o exército orc passa por nós, dois a dois, em direção à luz brilhante. Ao se aproximarem da barreira sagrada, eles colocam a mão no ombro do orc à sua frente para que a corrente não se quebre.

“Você acha que eles vão levá-la para o portal?” Eu pergunto em um sussurro.

“Ela tem a pedra angular?” ele pergunta.

“Sim”, eu digo. "Eu acredito que ela faz."

“Então sim, acredito que eles passarão”, responde ele.

Como se respondesse a essa pergunta, a criança, seu supervisor e os guardas orcs entram na fila.

Ao meu lado, Jacob emite um rosnado baixo que faz os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

A criança não demonstra hesitação ao se aproximar do limite. Seu capataz se inclina para frente para agarrar o manto do orc na frente, a criança segurando a outra mão.

Ela se vira e, pouco antes de ser sugada pelo vórtice, seus olhos encontram os meus.

O reconhecimento brilha em seu rosto e então ela desaparece.

"Porra!" Jacob rosna. “Não podemos pegá-la. Não podemos pegá-la, não com tantos malditos orcs.

Ele está certo. Também não podemos obter a pedra angular.

Minha frequência cardíaca aumenta para um baque errático quando entendo o que devemos fazer.

O fim da linha orc aparece. A seguir estão carroças puxadas por cavalos carregadas de suprimentos. Escravos humanos, com duras coleiras de metal na garganta, estão intercalados entre as carroças, junto com supervisores brandindo porretes.

Eu estremeço. As coleiras de escravos são bastante hediondas, mas o ferro tem um efeito enfraquecedor sobre as fadas. Se eu usasse tal coleira, me sentiria mal e provavelmente teria bolhas na garganta.

Finalmente, bem no final, três vagões-gaiola vazios.

Um grande rangido emana da nossa esquerda. A luz natural diminui e depois cessa quando a grande porta se fecha.

Meus olhos mudam para Jacob, fixando-se no tique que bate em sua mandíbula.

Achei que ele poderia forçar o assunto. Eu quase gostaria que ele fizesse isso. Nenhum dos ex-Sangues encarregados de manter o paradeiro da Pedra Angular jamais mencionou uma criança, nem ninguém com a habilidade de gerar portais.

Parece um desenvolvimento novo e aterrorizante nesta guerra já desolada.

Ela entrou no oval cintilante. Agora tanto a menina quanto a pedra angular estão perdidas, junto com a nossa oportunidade. Pode levar semanas ou até meses para viajar a cavalo até seu novo local.

Pode não ser possível se eles viajarem para um mundo paralelo.

Ele se afasta da parede. “Isso é suicídio”, ele murmura como se soubesse o que estou pensando.

Estou apavorado. Acabei de ver centenas de orcs entrarem no portal. Dependendo do que nos espera do outro lado, provavelmente seremos visíveis. Eles estão se movendo com um propósito, como se simplesmente continuassem. Mas não podemos ter certeza.

Os Escolhidos esperam que eu os siga. Se eu voltar de mãos vazias, eles vão me questionar de maneiras que não posso deixar de responder.

À medida que minha oportunidade desaparece através do portal, um orc de cada vez, é a criança e não a ira dos Escolhidos que finalmente me influencia.

Virando-me para Jacob, digo: “Precisamos passar”.

Seus olhos encontram os meus por apenas um momento antes de ele concordar.

A única luz dentro da câmara agora são as arandelas fracas e o dourado e azul cintilante do portal. Contornamos a sala, mantendo-nos nas sombras, minhas botas mal fazendo barulho no chão de pedra, até chegarmos ao pilar atrás delas, mais próximo do portal. Aqui, observamos enquanto os vagões-jaula passam, seguidos pelos dois últimos porretes com superintendentes.

À medida que os últimos homens entram na esfera brilhante, saímos das sombras.

Ela me viu , a pequena voz dentro da minha cabeça provoca. A criança olhou diretamente para mim antes de passar com um olhar de reconhecimento. O capuz da minha capa foi puxado para frente para esconder meu cabelo brilhante, mas meu rosto ainda mantém as feições

de uma fada. Assim como eu instintivamente a reconheci como uma fada, antes mesmo de ver suas orelhas.

Não sei nada sobre essa criança que se sentia tão à vontade com os orcs.

De repente, tenho certeza de que ela dará o alarme.

À medida que esta terrível possibilidade me assalta, nós batemos atrás.

CAPÍTULO NOVE

Inverno

PASSAR POR UM PORTAL nunca é uma tarefa fácil. Quanto mais calmo você estiver, menos resistência sentirá.

A expressão no rosto da criança deixou minha mente confusa. Eu me debato e grito no vazio.

Fui cuspido do outro lado.

“Mamãe!”

O alto e doce grito de esperança só pode ser da criança.

De quatro, coloco a pequena quantidade que comi no café da manhã, enquanto ouço o som de armas se chocando. O ar está quente e úmido – um choque depois da neve gelada de Bleakness.

O chão abaixo de mim é macio e argiloso, a luz acima é manchada. Uma floresta.

“Mamãe!”

Cuspi para limpar a boca, balançando, a visão turva e a cabeça zumbindo.

Rosnados, selvagens e cheios de fúria, penetram na neblina. Sou levantado, uma lâmina fria pressionada contra minha garganta.

“Pare, ou vou cortar a garganta do Sangue!”

Eu pisco para conter as lágrimas. Diante de mim está Jacob, com a espada ensanguentada na mão. Ao seu redor estão os corpos caídos de superintendentes humanos e orcs. Um... três... não, cinco.

Mais homens e orcs o cercam, com armas em punho.

Seu peito arfa, feridas cruéis cortaram sua armadura em alguns lugares, sua têmpora sangra e seu olho direito está ficando preto. Olhos presos nos meus, ele rosna enquanto joga a espada no chão.

Um frio percorre minha espinha enquanto tento reconciliar o que aconteceu.

“Não machuque mamãe!”

Um arrepio percorre meu corpo. Os inimigos convergem para Jacob, derrubando-o no chão.

Eu grito de horror e tristeza. Sinto o eco de cada golpe. Ele matou o seu povo e eles o verão punido.

A lâmina em minha garganta desaparece e sou empurrado para frente com força. Tento me virar para ver o que está acontecendo com

Jacob, mas o capataz atrás de mim me empurra para frente novamente.

“Coloque-os na carroça!” ele liga.

Com os braços cerrados, sou empurrado para dentro da carroça aberta. Tropeçando, caio para frente, no momento em que Jacob é jogado ao meu lado.

A porta da gaiola se fecha com um barulho e uma fechadura pesada é encaixada.

"Mudar!"

A carroça avança pelo estreito caminho da floresta. Rastejo até o corpo sem vida de Jacob, minhas mãos pairando sobre ele. Ele está de bruços, mas seu peito sobe e desce, e isso não me consola.

Estou com medo de que ele esteja fraco demais para tirar meu sangue.

Estou com medo de tocá-lo, para não machucá-lo ainda mais.

Um grande lamento surge quando a criança que luta é agarrada nos braços de seu capataz.

“Eu quero mamãe!”

Esse choro é como um pequeno punho apertando meu coração.

Não sou mãe, nem sou mãe dela. No entanto, para sua memória, devo parecer o mesmo.

Suas lágrimas me quebram enquanto o homem que a segura avança e sai da minha vista.

Gemendo, Jacob se levanta, cuspindo sangue no chão do carrinho. Ele cai de volta contra a parede da jaula.

Deusa, o que eles fizeram com ele?

Seu rosto está vermelho e inchado, a pele esticada e rachada devido ao inchaço. Um braço envolve protetoramente suas costelas. Um corte no ombro sangra profusamente.

Ele precisa de sangue.

“Quando foi a última vez que você esteve fora, sua senhoria?” ele pergunta em um rosnado.

Meus olhos se estreitam. Não gosto da maneira como ele me chama de senhorita. O bruto consegue fazer com que isso pareça o insulto mais grave. “Já faz algum tempo,” eu digo, em tom cortante enquanto luto com meu horror por sua lesão e a beligerância em seu tom. "E daí?"

"Às vezes? Exatamente quanto tempo?

“Cecil jurou que você tinha um temperamento equilibrado, mas vejo poucas evidências. Começo a suspeitar que o velho mestre guerreiro estava brincando comigo.”

“Foda-se Cecil,” ele rosna. "Quanto tempo?"

“Cinquenta anos ou mais”, eu digo. “Não consigo ver como isso é relevante.”

“Cinquenta malditos anos? Muita coisa pode acontecer em cinquenta anos, minha bela senhora. Se você tivesse se aventurado a perguntar minha opinião, eu teria lhe contado a impossibilidade do que você pretendia fazer.

Era *impossível* , em retrospectiva. A sua raiva é justificada, pois agora somos prisioneiros. “Os Escolhidos não se importam com desculpas”, digo, sentindo a dor de sua reprovação.

“Existe mais de uma maneira de esfolar um gato”, diz ele e, cambaleando, caminha pela pesada carroça, sangrando por todo o chão da jaula. Certamente seria aconselhável que ele sentasse ou descansasse? “E com todo o respeito, os Escolhidos não se aventuraram fora do Sanctum desde o início da guerra sem fim!”

“Você não deveria falar assim comigo”, eu digo, sentindo-me desequilibrada em todos os sentidos. “Sou forçado a refletir que a ligação não é mais o que era.”

"A ligação?" ele exige. “Sério, estamos indo para lá? A amarração me impede de estrangular você, e é isso. Embora eu deseje muito fazer isso.

“Você deve me obedecer”, repito, como se estivesse tentando me convencer de que ainda não perdi o controle.

“Estou obedecendo, não estou? Mas eu não posso te proteger se você não me der sangue.

Jacó

“Meu pulso”, diz ela, estendendo o braço e desviando o rosto.

“Seu pulso? Você está brincando? Preciso de sangue, mulher, da fonte, não da porra do seu pulso.

Estamos num impasse. Ela está ao meu lado, o braço estendido tremendo como se eu fosse uma fera prestes a mutilá-la. Minhas narinas se dilatam. Mesmo sem a porra da ligação, não sou um animal e quase quero me abster. Mas estou com muita dor e, além disso, minha condição prejudicará minha capacidade de protegê-la, então pego seu pulso e mordo.

Seu sangue borbulha na minha língua e atinge meu estômago como um tornado. Sua potência fica aparente naquele primeiro puxão profundo. Meu estômago se contrai ao redor dele, trazendo uma onda de calor.

"Suficiente!"

Seu comando corta a euforia, a voz alta de ansiedade. Afasto seu braço, respirando com dificuldade e desorientado. A carroça range e balança no caminho esburacado. Seu sangue agita meu estômago e um rubor percorre minha pele.

"Suficiente?" Olho incisivamente para meu ombro, onde a ferida de quinze centímetros ainda chora. “Não foi o suficiente, sua nave mágica.” Não me preocupo em mascarar meu sarcasmo.

Eu me sinto melhor, marginalmente. Ainda estou bem derrotado. Os dois superintendentes empunhando tacos que seguem a carroça conversam entre si. Dado que acabei de matar seus companheiros, espero que os bastardos me dêem outra surra no momento em que eu for libertado desta jaula.

“Isso poderia ter sido muito melhor se você não tivesse gritado no momento em que saiu do portal. Que porra é essa? Você não é um maldito filhote verde dando sua primeira queda através de um portal.

“Ela me viu”, ela sussurra. Uma mancha rosa inunda suas bochechas enquanto ela segura o pulso como se tivesse sido mortalmente ferida. “Antes de passarmos, ela se virou e me viu.”

Acho que isso explica a difícil jornada dela pelo portal.

“A criança fada?” Eu pergunto.

Ela assente.

Meu estômago se revira enquanto o sangue dela continua a fazer seu trabalho. O corte em meu ombro ainda é uma fonte intensa de dor, mas não sangra mais.

Estamos presos, por enquanto. Os orcs estão claramente empenhados em seguir um caminho e um destino que não sofrerão

atrasos, nem mesmo para lidar conosco. Eles nem sequer se preocupam em enterrar os seus mortos, deixando os corpos apodrecerem. Em algum momento, talvez quando eles passarem a noite, seremos levados para interrogatório.

“Eles não notaram minha pedra angular”, diz ela, com um tremor na voz. “Não posso deixar isso cair nas mãos deles.”

Seria melhor jogá-lo no chão da floresta, melhor ele ser perdido do que ser levado nas mãos imundas dos Blight. Eles estão nos prestando pouca atenção, concentrados como estão em nossa viagem rápida. “Você não pode ficar com isso. Há muito risco.”

“Você reconhece este lugar?” ela pergunta, evitando as questões que não podem ser ignoradas por muito tempo, no que diz respeito à pedra angular que ela usa no pescoço. “Sinto que ainda estamos no nosso mundo, embora esta paisagem não seja familiar.”

Seu rosto está pálido e ceroso. Ainda de pé, ela se pendura na lateral da gaiola enquanto ela rola e se arrasta pelo caminho esburacado da floresta. Ela está tremendo violentamente, e meu lado Alfa preso não consegue evitar minha necessidade de responder.

Cambaleando um passo à frente, minhas costelas doloridas protestando veementemente, eu agarro seu braço.

Seu pequeno guincho é irritantemente fofo.

"Não!" ela diz, tentando me afastar.

“Eu não vou machucar você, nem tirar seu sangue à força,” eu digo com um grunhido enquanto coloco minha bunda e a puxo para meu colo.

Eu ronrono. Ela amolece e, naquele momento de ruptura, está tudo certo. Nenhum Ômega, seja qual for sua casta de Sangue, pode resistir ao fascínio de um ronronar Alfa.

Então minhas costelas doem e o corte em meu ombro lateja e a realidade volta. O andar sacudido da carroça abaixo de nós certamente não ajuda.

“Cresci numa aldeia perto da fronteira com o Sertão”, digo. “Não me aventurei muitas vezes a cruzar a fronteira, mas estas árvores e o calor fazem-me pensar nos clãs orientais.”

“Eles têm uma reputação terrível”, diz ela. Sua cabeça repousa contra meu peito. Eu nem me importo que cada parte do meu corpo esteja doendo como um bastardo.

Meu estômago ainda está embrulhado.

Eu preciso de mais sangue.

Eu não vou conseguir nenhum.

Já me senti pior... Também me senti muito melhor, mas nada foi feito comigo que não curasse. Mesmo aquela pequena quantidade de

sangue dela amenizou o pior.

"Eles são pessoas comuns que vivem de maneira um pouco diferente de nós", digo. "Mas eles são pequenos em número e as suas aldeias estão desprotegidas. As aldeias próximas da fronteira não estão muito melhor", acrescento com amargura. "Mas só ouvi falar de pequenos grupos de ataque atacando-os para recolher escravos. Existem centenas de orcs aqui, o suficiente para acabar com todos os clãs."

Seja o que for que esteja acontecendo, precisamos pegar a criança, a pedra, e dar o fora dela o mais rápido que pudermos.

"É isso que você acha que está acontecendo?" ela pergunta.

Eu acho que isso está acontecendo? Minha mente confusa de dor demora a se recuperar.

Não, eu não. Uma sensação desconfortável arrepia minha pele, seguida por uma sensação mais pesada de mal-estar.

"Não", eu digo. "As comunidades shifters têm sido uma pedra no sapato dos Blighten. Eles são os únicos comparáveis em força quando em meio turno. Ouvi o velho Cecil falar de negociações com eles enquanto o seu povo procura alianças na guerra. Talvez os Blighten tenham ficado sabendo disso? Talvez os orcs estejam cansados dos metamorfos assediando seus trens de escravos?

"Eu não ouvi sobre negociações com os metamorfos", diz ela. "Mas abstive-me de assuntos de guerra durante muitas décadas."

Como diabos um Blood pode se abster de assuntos de guerra? Eu quero sacudi-la. Quero exigir que ela acorde e veja a dizimação se espalhando por todos os cantos deste mundo.

"Como você se tornou um escravo?" ela pergunta baixinho, só que acho que ela já sabe.

"A aldeia onde cresci já não é uma aldeia. Eles arrasaram tudo. Depois disso, eles visitaram clã após clã até que seus carrinhos estivessem cheios. Então eles nos levaram para Bleakness."

Sua mão pressiona meu peito ao lado de sua bochecha. "Estou aliviada por você ter sido salvo", ela diz calmamente. "Que os escravos tirados de sua aldeia e dos clãs foram resgatados das garras dos Blighten."

"Eles não estavam," eu digo, sentindo um baque familiar em minha têmpora enquanto penso na linda moça Beta e no outrora doce rapaz Beta que foram deixados para trás. "Eu era um Alfa e muito valioso. Meu irmão e minha irmã mais novos eram Betas e foram deixados para trás."

Inverno

Eu choro.

Acho que parte disso é por Jacob, mas parte também é por mim e pela desesperança de nossa situação.

O choro da criança pequena ecoa em minha mente. Ela queria tanto que eu fosse sua mãe. O fato de ela estar confusa sobre um vínculo e conexão tão profundos me diz que ela não vê sua verdadeira mãe há muito tempo.

Somos prisioneiros, escravos ou pior.

Para Jacob, isso deve parecer que ele completou o círculo. Uma vez escravo, um homem liberto e agora escravo novamente. Eu sei que ele sente ressentimento em relação a nós pela amarração, mas até ele deve entender que isso não é o mesmo que pertencer aos Blighten.

Meu peito aperta. Suas palavras sobre seu irmão e irmã encontram dentro de mim uma suavidade que eu não sabia que ainda existia. Ser separado de seus irmãos dessa forma deve ter deixado cicatrizes mais profundas. Não é de admirar que ele não consiga evitar libertar escravos toda vez que retorna à Desolação.

Eu me pergunto se eles ainda estão vivos?

A vida de um escravo não é fácil, mas muitos continuam vivos. Um escravo morto não pode trabalhar para você, decido com tristeza.

Sou culpado de muitas coisas. Abstive-me da vida, dos costumes do meu povo, dos detalhes de como reforçamos as nossas fileiras Alfa e dos detalhes daqueles que descartamos porque não têm utilidade para nós.

Seu ronronar só vai até certo ponto para me acalmar.

"Nem todos os orcs são Blighten", Jacob disse. No entanto, esses orcs são Blighten. Memórias antigas, mas tão claras como se tivessem acontecido ontem, me bombardeiam. Nossa fortaleza em Sendar foi construída para resistir a um cerco, mas mesmo assim os Blighten a destruíram, não nos deixando escolha a não ser fugir.

Este partido está caminhando para a guerra. Seja qual for o seu destino, é o suficiente para fazer chorar os deuses antigos e os novos.

Minha mão desliza por dentro do colarinho até onde a pedra angular repousa em meu peito. Sei que devo descartá-lo sob o risco de ser descoberto.

"Dê para mim", ele diz. "Vou deixar isso de lado. As pessoas que vivem nesta parte do mundo não saberão o que é. Os bastardos Blighten que nos mantêm, irão."

Lábios tremendo, eu aceno. Levantando-o cuidadosamente sobre minha cabeça, passo para ele.

Escondido em seu punho cerrado, ele desliza casualmente o braço pelas ripas da jaula.

Quando ele coloca a mão de volta para dentro, a pedra angular desaparece.

E também minha esperança de voltar para casa.

CAPÍTULO DEZ

Jacó

Viajamos durante todo o dia, balançando e balançando na carroça-gaiola. O calor no ar é desagradável depois do tempo gelado que vivemos em Bleakness.

Winter faz algumas tentativas tímidas de sair do meu colo, mas com um rosnado baixo seguido de um ronronar, ela logo se acalma. As fadas, apesar de serem geralmente gregárias e cheias de vida, são sensíveis ao estresse.

O inverno não é divertido nem social como sua espécie. Mas ela ainda é uma Ômega e meus instintos não me permitem deixá-la de lado.

Ao anoitecer, nossa carroça para.

Sinto-me uma merda, estou com fome e preciso esvaziar a bexiga.

Estou pensando em fazer xixi pelas ripas da jaula quando os supervisores brandindo o clube vêm destrancar a porta.

Meus músculos se contraem quando me levanto, empurrando Winter para trás de mim.

Os bastardos não se arriscam. Postes com pontas pontiagudas são enfiados nas laterais da gaiola.

"Temos ordens para matar o Ômega se você nos causar algum problema," um bastardo careca e de pescoço grosso, segurando um porrete, diz da porta aberta da jaula.

Parece que ele está esperando uma desculpa para me vencer com o clube. Seu companheiro superintendente me dá um sorriso desdentado. Tenho a sensação de que sou a razão pela qual ele está sem os dois dentes da frente.

Acho que nenhum deles precisa de uma desculpa.

Ainda fraco pela luta anterior, não tenho um plano claro para nos tirar dessa situação. Há muitos deles, e eles estão cautelosos depois que matei alguns de seus irmãos.

Avanço lentamente. “Aconteça o que acontecer”, digo a Winter, “não interfira”.

Assim que desço da jaula, eles me espancam.

Eu me enrolo o melhor que posso. Não há nada que eu possa fazer para impedir isso. Só posso suportar e tentar manter a consciência.

Mas há muitos e eles estão determinados.

Desperto com a sensação de metal frio envolvendo minha garganta – uma *coleira de escravo* . Estou muito quebrado para me mover. Quando consigo me levantar, eles também já adaptaram um para Winter. Ela treme violentamente, agarrando a gola como se sua vontade fosse arrancá-la. Cuspi uma gota de sangue e me levantei cambaleando.

O bastardo careca me dá um sorriso desagradável, com o maldito porrete apoiado em seu ombro. "O mestre verá você agora."

As bochechas de Winter estão úmidas de lágrimas, embora eu duvide que isso a torne mais caridosamente inclinada a me dar seu sangue. É preciso do sangue dela ou de cerca de um mês de descanso para superar o que acabou de ser feito comigo pela segunda vez hoje.

Enquanto somos escoltados pelo extenso acampamento, sinto minha pele arrepiar enquanto os olhos dos orcs nos seguem enquanto passamos entre as tendas montadas rapidamente.

Minha mente está confusa por causa da surra. Tenho que parar no caminho para onde diabos estamos sendo levados para poder vomitar.

Eventualmente, chegamos a uma tenda com o dobro do tamanho das demais. Dois enormes orcs de pele verde, cabelos trançados, orelhas altas e tufadas e presas curvas estão de plantão. Com um aceno para nossos supervisores, o orc da esquerda empurra a aba para o lado e entra. O segundo orc nos segue para dentro.

A tenda é mobiliada de forma simples, com uma mesa robusta bem em frente à entrada. Um par de luminárias penduradas no teto e outra sobre a mesa iluminam bastante o maior orc que já vi, que está sentado à mesa. Há um pouco de grisalho em seu cabelo e linhas desgastadas em seu rosto. Sua bela armadura de couro o marca como importante e guerreiro. Ele está comendo uma refeição muito humana de carne fria, queijo e pão.

Ele nos estuda, mastigando ruidosamente sua carne, olhos escuros intensos.

À direita, uma seção foi separada por uma cortina – uma área de dormir, presumo. As cortinas são funcionais, o piso áspero sob meus pés é o mesmo.

Ao meu lado, o medo de Winter manifesta-se no tremor do seu corpo. Quero tocá-la, confortá-la, ronronar e puxá-la para mim, mas isso

não é por enquanto. Limpo o sangue que escorre do meu nariz, mas mais gotas escorrem.

"Blood Omega", diz o orc, olhos intermináveis pousando em Winter.

Quero deixá-la para trás, me colocar entre ela e a ameaça. No entanto, existem tantas ameaças, tanto dentro desta tenda como no acampamento mais amplo, que não há forma de mantê-la segura.

"Você não curou bem seu escravo, então presumo que você não seja um Sangue superior", conclui o orc.

Nós não falamos. Minha mente confusa pela dor não consegue decidir rapidamente se sua presunção de que Winter é um Sangue menor é melhor ou pior.

"A criança gosta de você", diz ele, recostando-se na cadeira robusta e fazendo-a ranger.

"Onde está a mãe dela?" Winter pergunta, a hesitação em sua voz contrastando com o tom exigente.

Meu corpo espancado se levanta enquanto eu antecipo que eles vão algemá-la por seu atrevimento. Eu me viro, puxando-a atrás de mim, enquanto divido meu foco entre o mestre orc e seus dois guardas, que agora apontam suas lanças para mim.

A gargalhada do orc sentado fez os guardas baixarem as armas.

Pisco e balanço a cabeça para tentar dissipar a névoa.

"Paz, guerreiro", diz o orc sentado. "Sua pequena amante atrevida pode dizer o que pensa."

Eu relaxo um pouco, os olhos alternando entre os guardas e o mestre orc. A mão de Winter repousa nas minhas costas. Isso me acalma o suficiente para liberar um pouco da tensão. Ainda observo os guardas com cautela enquanto Winter fica ao meu lado.

"A mãe dela está morta. Meu senhor da guerra a deu para mim. Isso é tudo que você precisa saber", diz o mestre orc. "Ela gostou de você, falou sem parar sobre você desde o momento em que você atravessou o portal."

"Ela pertence ao seu povo", Winter afirma corajosamente como se ela tivesse algum maldito poder aqui.

O orc ri, um som baixo e estrondoso que sinto dentro do peito.

"O interesse dela em você é a única razão pela qual você não está sentindo as ferramentas do questionador." Seu olhar negro se desloca para mim. "Você lutará por nós, guerreiro."

"Eu não vou lutar por você", eu cuspo.

A mão de Winter deslizando na minha é chocante. Instintivamente, percebo a conexão.

"Você vai lutar", continua o orc, com as orelhas tufadas erguidas. "Ou sua Senhora de Sangue será interrogada enquanto você está

amarrado e forçado a assistir. Depois, ela será entregue aos meus guardas para seu prazer. Um Ômega, por mais frágil que pareça, pode suportar muita coisa. Tenho certeza de que ela desfrutará de muitos anos de serviço frutífero."

Eu rosno.

O grande orc solta um suspiro estrondoso. "Você vai lutar por nós. Você tem habilidades. Com o tempo, você esquecerá que teve outros mestres e se assimilará conosco. Você matou três bons supervisores e dois orcs. Você está em dívida comigo, guerreiro, e vai me retribuir. Vou deixar você ficar com o pequeno Blood Omega. O Blood Omega cuidará da criança."

"Com quem você está lutando?" Eu cerro entre os dentes cerrados.

"Isso importa?" ele rosna, os lábios se curvando em um sorriso que se estende ao redor de suas presas.

Minha mão aperta a de Winter. Devo estar machucando-a, mas ela nem sequer recua.

"Não", eu digo. "Isso não."

"Bom", diz ele, voltando para o jantar. "Leve-os de volta para sua jaula."

Esgotado após o interrogatório do orc bastardo, onde descobrimos nosso destino, tudo o que posso fazer é colocar um pé na frente do outro enquanto desdentados e carecas nos escoltam de volta à jaula. Está escuro o suficiente para que nossos acompanhantes carreguem lanternas, mas sinto os olhos de Winter sobre mim, sensíveis como se ela se preocupasse comigo.

Ela não se importa comigo. Eu sou um pedaço de carne que ela usa para mantê-la segura. É irritante que a amarração me deixe preocupado com a cadela fria que mal me deu sangue suficiente para curar a primeira surra e sem dúvida será avarenta novamente.

Somos levados para a floresta e dizem: "Vá".

Eu vou sem hesitar. Minha bexiga está prestes a estourar. Sinto-me doente. Há uma coloração vermelha na minha urina que não é um bom presságio.

Winter também não hesita, então só posso presumir que ela também precisava ir.

Depois, somos levados de volta ao carrinho. Só agora percebo que ele foi movido, ou talvez o acampamento tenha sido montado em torno dele enquanto conversávamos com o mestre orc, pois agora está cercado por um mar de tendas enquanto os orcs se dedicam à tarefa de preparar e comer comida.

Minha pele se arrepia e engulo a raiva dentro de mim que quer tentar lutar contra todos eles.

Enquanto subimos na jaula, alguns trapos são jogados para nós.

“Tire a roupa”, ordena o capataz desdentado com um sorriso de escárnio.

As lanças são apresentadas através das ripas da carroça por homens adicionais para garantir que obedecemos.

Estou cansado demais para me importar, então vou em frente. Minha armadura de couro está incrustada em alguns ferimentos, e eles se abrem quando eu a retiro. Os lábios de Winter tremem quando ela vira as costas para os homens e tira a roupa com as mãos trêmulas. O bastardo desdentado olha para ela através das barras da jaula. Prometo a mim mesmo que vou sufocar o filho da puta antes de escaparmos deste acampamento.

Jogo minhas roupas para o bastardo careca que espera na porta aberta da jaula. Eles também querem minhas botas, então eu as envio também. Nua, pego a calça grossa e prendo-a até a cintura com o barbante. Testo o barbante enquanto o amarro, mas ele está fraco o suficiente para quebrar se eu aplicar pressão. Não será uma grande arma.

Quando termino, Winter está colocando um vestido de escrava pela cabeça e jogando as roupas de couro e as botas para o capataz que está esperando, que ri enquanto os recolhe.

Um odre e uma tigela de purê são jogados na entrada da gaiola, um cobertor áspero é jogado dentro e a porta é fechada com um barulho sinistro e um clique na fechadura. Outra corrente é enrolada na porta, para garantir, antes que todos os homens saiam.

Sem as suas lanternas, a escuridão é atenuada apenas pela lua alta e pelas fogueiras próximas. Os orcs têm melhor visão noturna do que os humanos, e os soldados próximos não se preocupam com lâmpadas ou lanternas.

O silêncio que se segue é opressivo. Eles nos despojaram de nossas roupas e dignidade, colocaram colarinhos em volta do pescoço e aqui devemos chafurdar.

“Eu preciso de sangue”, eu digo.

Seus olhos me imploram, mas não tenho energia para mimá-la ou convencê-la a desistir de seu sangue.

“Se eu morrer, você morre.”

Evitando o rosto, ela me oferece o pulso.

A porra do pulso dela. De novo.

Eu levo. Os princípios não têm consequências quando meu corpo está em extrema necessidade.

Seu pulso é minúsculo e frágil. Ela parece anormalmente pequena e vulnerável diante de mim enquanto baixo meus lábios até seu pulso.

Minhas presas perfuram a veia latejante e sangue quente e rico em poder escalda minha garganta e barriga. Uma onda de enjôo toma conta de mim, seguida por uma euforia. Ele explode em um fogo que varre meu corpo.

"Suficiente!"

Eu me afasto tão rápido que tropeço um passo para trás.

A súbita ausência de dor é chocante. Não estou totalmente bem, mas o processo de cura faz com que o suor jorre dos poros das minhas costas, peito e axilas.

Ela balança um pouco. Meus feromônios Alfa estarão bombeando, saturando o ar.

O cheiro rico de liso segue, e meu pau fica mais espesso e alongado conforme o instinto assume o controle do bom senso. Meus olhos descem para onde suas pernas se apertam enquanto ela tenta conter o fluxo. Com os lábios puxando para cima, ignoro a tentação e vou pegar a comida, a água e o cobertor.

Como os poderosos caíram. Este inverno está muito longe de alguém usando um vestido extravagante e uma expressão gelada enquanto ela me inspecionava para sua missão no poço de prática do Sanctum, com o nariz empinado erguido em desgosto. Agora ela é uma humilde escrava e Ômega, sua boceta chorando por um Alfa com quem ela está trancada em uma gaiola. Ela nem consegue esconder de mim as evidências, reduzida aos seus componentes básicos em um vestido feito em casa. Eu não desejaria o status de escravo para ninguém, mas aqui, neste momento terrível, somos iguais.

Quando me viro, descubro que ela não se mexeu.

Não é exatamente igual, eu altero. A amarração ainda me impede de jogá-la no chão e saciar minha luxúria em seu corpo disposto.

Voltando a Winter, coloco a tigela e o odre no chão e a pego pelo braço. Há alguma resistência, mas ela está mentalmente abalada e apenas um pequeno protesto vem dela quando me sento de costas para o canto e a coloco no colo.

Eu ronrono, e o que resta de sua luta a deixa. Eu odeio não poder deixar de cuidar dela. Minha mente quer sentar o mais longe possível dela e deixar o sono me levar.

Mas eu não.

“Deixe-me ver sua garganta”, eu digo.

Ela levanta o queixo, e nunca vi algo mais lamentável do que as bolhas em volta de sua garganta, onde o ferro frio toca sua pele. O

cobertor está puído. Rasgo uma tira dela, usando-a para criar uma barreira entre a pele delicada de sua garganta e o metal em chamas.

"Isto é melhor?" Eu pergunto.

"Sim, obrigado."

Ela parece tão pequena e perdida que quase me quebra.

Apertando os lábios, espalho o restante do cobertor sobre nós o melhor que posso e encosto a cabeça dela no meu peito. Aqui ela chora, as pequenas mãos cerradas contra meu peito, o corpo estremecendo com o atoleiro emocional que ela mesma criou.

Quero dizer a ela que isso é culpa estúpida dela.

Quero dizer a ela que essa missão sempre esteve fadada ao fracasso.

Quero dizer a ela que será necessário um maldito milagre para escaparmos de um acampamento tão fortemente vigiado.

Ofereço-lhe a água. Ela balança a cabeça.

“Beba a porra da água, senhora,” eu digo, exercendo um pouco de vontade nisso. Só deveria funcionar com um Alimentador ou Criador, mas ela pega a pele, levando-a aos lábios com as mãos trêmulas.

Ela derrama um pouco, engole rápido demais e engasga.

“Pelo amor de Deus, tome um gole”, eu digo.

Ela consegue beber um pouco mais antes de passar para mim. Inclino a pele para cima e tomo um longo gole.

Em seguida, pego a tigela e inspeciono o purê: aveia com caroços que presumo serem raízes e, se tivermos sorte, um pouco de carne. Não há colher, então pego um pouco com os dedos e coloco nos lábios de Winter.

Ela balança a cabeça. As lágrimas secaram enquanto ela se distraía.

Não hesito em colocar a comida rejeitada na boca. O gosto é totalmente insípido, mas meu estômago aprecia, mesmo assim.

Ofereço a ela o próximo furo. “Coma, senhora. Você doou sangue duas vezes. Mesmo uma oferenda tão pequena do seu pulso irá esgotar você.”

Ela estremece ao ouvir a palavra *drenar* , mas abre os lábios e coloca a comida na boca. Não deveria ser erótico, mas a sensação da língua dela lambendo a comida dos meus dedos traz uma onda quente de sangue para o meu pau. É uma prova do seu estado subjugado que continuemos a partilhar a comida desta forma íntima. Eu não desperdiço nenhum. Já fui escravo antes. Você aceita tudo o que é oferecido sem reclamar.

Um aperto familiar em meu estômago estabiliza minha excitação. Odeio não poder mais imaginar totalmente os rostos de meu irmão e minha irmã mais novos, apenas impressões. No entanto, o sentimento

de doença e desesperança não perdeu nada da sua potência, especialmente em tempos como estes, quando a minha memória deles desperta do seu sono.

"O que vai acontecer agora?" Ela pergunta enquanto coloco a tigela na mesa e descanso a cabeça nas ripas ásperas da gaiola.

“Esta noite vamos dormir”, eu digo. “E amanhã, o grupo de guerra se moverá novamente. Um dia, em breve, serei forçado a pegar em armas e lutar contra pessoas que já foram meus vizinhos. Farei isso porque a ligação está no lugar e não posso deixar você morrer, assim como não posso impedir que meus pulmões respirem novamente.

“Você me deseja morta e eu não culpo você”, ela diz calmamente.

“Eu não desejo que você morra,” eu digo, encontrando conforto relutante em seu corpo pequeno e macio pressionado contra o meu. “Mas eu sou uma arma terrível capaz de matar muitos, e suas ações me entregaram aos orcs.”

Ela começa a chorar novamente.

CAPÍTULO ONZE

Inverno

Embora pareça impossível, durmo melhor do que há anos, aninhado no colo de um homem e guerreiro que me odeia. E por que ele não faria isso? Nada do que ele faz é feito porque ele quer. Esta não é a causa dele, percebo amargamente. A ligação vai além de simplesmente impedi-lo de tomar meu sangue. Isso rouba dele todas as decisões e a oportunidade de ser igual.

Por que só entendo isso agora?

Seu peito está quente e o cabelo áspero sob minha bochecha. Minha garganta está dolorida onde o metal queima, mas a tira de cobertor áspero que Jacob cuidadosamente enrolou em minha garganta aliviou a dor. Nós nos mudamos durante a noite. Jacob está deitado de costas e eu estou deitada em cima dele, o cobertor sobre mim. Enquanto eu me mexo, suas mãos apertam minha cintura, fazendo minha barriga tombar e minha boceta apertar. Minhas coxas doem onde elas se esticaram ao redor de seu abdômen firme, mas é um tipo de dor agradável.

Ele se espreguiça, mãos grandes indo para minha bunda. Aqui ele agarra e aperta enquanto empurra os quadris para cima. A ponta de seu pau duro pressiona contra a entrada escorregadia da minha boceta, separada apenas por suas calças grosseiras.

“Jacó!” Sai um pouco choroso. Eu gostaria que as roupas não estivessem no caminho.

Ele afasta as mãos como se estivesse escaldado. Levantando-se, ele me faz cair no chão da carroça.

“Uf!”

“Desculpe, senhora”, diz ele, ajudando-me a ficar de pé.

Eu o afasto, tentando controlar minha libido furiosa. Está escuro o suficiente para que mal consiga ver, mas meus olhos estão grudados no comprimento duro que cobre suas calças. Eu engulo. Soa anormalmente alto contra o pano de fundo do acampamento imóvel.

“Não continue olhando para isso, a menos que você vá acabar com meu sofrimento”, ele diz rispidamente antes de passar a mão pelo rosto. “O sonho que eu estava tendo era certamente mais agradável que a realidade.”

Meus lábios tremem. Ele estava pensando naquela vadia da Betsy, mesmo quando colocou a mão em mim?

Como se fosse uma deixa, os orcs começam a emergir das tendas.

O capataz careca que puniu Jacó vem nos deixar sair para que possamos *ir.* Não estou acostumado a andar descalço. É desagradável e sei que em breve meus pés ficarão doloridos.

Assim que concluímos o nosso trabalho, outro feitor, este desdentado, chega, separando-me do meu guerreiro.

Um momento atrás, eu me odiei e essa atração crescente que sinto por Jacob, quando claramente ela não é correspondida. Agora, não suporto a ideia de estar separada dele e da segurança que ele representa.

Jacob rosna. Depois de alguns golpes fortes com o porrete, ele para. Um tique bate em sua mandíbula. Eu sei que ele poderia escapar se quisesse. Eu sei que ele poderia arrancar aquele porrete do capataz e matar o homem sem suar a camisa. Mas ele não o faz, porque isso me colocaria em perigo.

Nossos olhos se encontram antes que ele seja empurrado para um lado enquanto eu sou levada para o outro.

Agarrei-me à segurança da amarra porque ela mantém o guerreiro sob meu comando. Agora, eu daria qualquer coisa para Jacob ficar porque era isso que *ele* queria fazer. Ele resgatou Betsy, lembro a mim mesma com inveja enquanto sou conduzida pelo acampamento do despertar. Ninguém o obrigou e, além disso, ele foi espancado por fazer isso. Ele *sabia* que seria espancado por fazer isso e o fez mesmo assim.

Betsy, que sorri docemente para ele com adoração de herói nos olhos.

Betsy, a quem ele deu cio e deu prazer no corredor, enquanto eu olhava como um idiota.

Tenho uma missão que deu errado da maneira mais profunda e perigosa, mas estou desperdiçando energia no meu despertar emocional.

Sou arrancado dos meus pensamentos tolos pela minha escolta maliciosa. Ele faz minha pele arrepiar e não consegue tirar os olhos de mim... nem as mãos que apertam meu braço com muita força em seu punho suado. É um alívio quando ele para do lado de fora de uma tenda de lona desgastada que parece normal, apesar da presença de dois guardas. O superintendente desdentado acena com a cabeça para a tenda.

O guarda mais à direita se vira para abrir a aba.

“Mamãe!”

Um grito saúda minha entrada, e um corpo minúsculo se lança em minha direção, agarrando-se com mãos surpreendentemente fortes, como se pudesse ser arrebatado.

Meu peito se contrai por esta criança fada que foi entregue a este inferno.

Não sei o que fazer ou dizer. Devo corrigi-la? Explicar que não sou a mãe dela? Sinto-me compelido a fazê-lo, pois sem dúvida isso causará ainda mais dor para ela no longo prazo. No entanto, estou relutante.

“Melody, já cobrimos isso muitas vezes. A fada não é sua mãe”, diz o alto capataz. “Ela é uma escrava do nosso mestre, nada mais. Através de sua graça, ela pode atuar como sua companheira.

Observo o homem esbelto com cabelos grisalhos e nariz adunco e pontudo. Olhos pálidos e remelentos num rosto enrugado, me avaliem. Eu não gosto dele, eu decido.

A tenda é mobiliada de maneira simples, com duas camas de paletes, duas malas de viagem entre elas e uma única lâmpada que ilumina a luz fraca do amanhecer.

Com a cabeça de Melody enterrada em minha barriga, acaricio suavemente seu cabelo ruivo dourado. Parece mais macio do que uma pia giratória e brilha à luz da lanterna. Já se passaram muitos anos desde que estive na presença de uma criança.

Houve um tempo em que eu esperava ter um para mim, mas os medos e os anos atrapalharam. Acho que a idade dela é cinco anos, ou um pouco mais nova. Ela parece minúscula e incrivelmente frágil aos meus olhos inexperientes.

Levantando a cabeça, ela olha para mim com os olhos prateados mais cativantes. “Eu sei disso”, diz ela, parecendo mais velha do que eu pensava. “Mas eu quero fingir.”

O rosto do feitor suaviza de uma forma que o faz parecer ainda mais velho.

Certamente, tanto os deuses antigos como os novos deuses devem chorar ao ver uma criança tão carente de nutrição emocional que se agarraria a um estranho.

A aba da tenda se abre e uma jovem escrava entra carregando uma bandeja. Cabelos e olhos escuros, ela usa um vestido parecido com o meu, com uma gola no pescoço. “Aqui está, senhorita”, ela diz com um sorriso.

Melody aperta minha mão com essa interrupção, sorrindo para a jovem escrava que carregava a bandeja.

É o mesmo purê de aveia que Jacob e eu ganhamos ontem à noite, só que tem frutas vermelhas e vem acompanhado de um copo de leite.

"Mamãe também precisa de café da manhã", anuncia Melody com sua voz doce e aguda.

O escravo lança um olhar furtivo para mim antes de se voltar para o capataz.

Ele balança a cabeça, pegando a bandeja do escravo. Só então noto a coleira em volta de sua garganta. É sutil e ornamentado em comparação com o metal duro que uso. Ele ainda é um escravo, apenas um escravo superior.

"Tome seu café da manhã, Melody", diz ele, dirigindo-se à criança. Ela me puxa com ela enquanto se senta, de pernas cruzadas, na cama. O capataz lhe apresenta a bandeja.

Para mim, ele diz: "O acampamento permanecerá aqui pelos próximos dias".

Ele não dá mais detalhes. Eu sou um escravo e um escravo inferior a ele. O fato de ele me oferecer isso é um presente.

A escrava volta com meu café da manhã e eu como em silêncio. Depois, li uma história para Melody à sombra de uma árvore próxima. A criança é doce. Estar com ela não é difícil. Se não fosse pela gola e pelo vestido áspero, eu nem me consideraria uma escrava.

Eu suspiro.

Quero que Jacob sonhe comigo.

Quero que ele me liberte, que tire minha mente desse desastre iminente.

"Um dia, em breve, serei forçado a pegar em armas e lutar contra pessoas que já foram meus vizinhos", disse Jacob. *"Eu farei isso porque a ligação está no lugar, e não posso deixar você morrer, assim como não posso impedir que meus pulmões respirem novamente."*

Não sei como preencher a lacuna que criei entre nós.

Não sei ser mulher e vulnerável diante dele.

Esqueci o que é ser uma fada.

Eu esqueci como viver.

Orgulho.

Eu o tive, perdi e agora me agarro a ele como uma capa protetora.

Isso não me serve bem. Não serve bem a ninguém, verdade seja dita.

Quero odiar Jacob por agitar a superfície do lago onde definhei por tanto tempo.

Quero odiar esta doce criança que me lembrou que a vida é mais do que as sombras onde me escondi por tanto tempo.

Mas quando olho para seu rosto doce e inocente, descubro que não consigo.

CAPÍTULO DOZE

Jacó

PRECISO parar de sonhar com a maldita fada com disposição de vespa. Não ajuda que a boceta de Winter fique cremosa toda vez que a toco, me deixando com água na boca pelo gosto. Acordar com seu corpo macio e exuberante esparramado sobre mim foi um teste contra a ligação da mais alta ordem.

Não adianta, porra. Eu coloquei minhas mãos em sua bunda surpreendentemente gorda. Eu aceitaria de bom grado cem chicotadas para colocá-los de volta nele. Meu pau tem vontade própria. Se pudesse ter atravessado minhas calças e entrado em sua boceta quente, ela teria sido empalada esta manhã antes mesmo de eu acordar.

Minha mente é arrastada de volta à nossa terrível situação quando sou levada a uma pequena clareira. Aqui, vinte homens estão esperando, vestidos com trajes rústicos de escravos e colarinhos em volta do pescoço. Uma dúzia de orcs fortemente armados estão na periferia. De onde vieram os humanos? Não me lembro de tantos escravos passando pelo portal.

Eles vão me bater de novo?

“Você deve treiná-los”, diz o capataz, no momento em que outro homem joga no chão uma braçada de espadas de madeira.

Trem?

"Lutar?" Eu pergunto. Ele concorda. "Por quanto tempo?"

"Dia todo. Suas habilidades são pobres. Estes são principalmente agricultores recolhidos localmente. Eles entrarão primeiro, mas durarão mais com o seu treinamento.”

Meu queixo aperta quando observo os homens desgrenhados que estão diante de mim com expressões vazias. Eu perguntaria por que eles lutam por orcs bastardos imundos quando claramente só estão indo para a morte, mas já sei a resposta. Em algum lugar deste acampamento estarão suas mulheres e talvez seus filhos. Eles vão lutar, como eu, porque não têm escolha.

Eles lutarão e morrerão.

Assim como eu, eles também não têm escolha.

Quero levantar meu rosto para o céu e rugir.

Quero espetar o superintendente presunçoso na espada de madeira mais próxima.

Mas não o faço, porque, tal como os homens destroçados que me enfrentam, também estou preso.

Não sou treinador, mas conheço bastante as formas de treinamento devido aos meus muitos anos de exercícios.

Eu sei mais do que esses homens.

"Formem pares", eu chamo. "Pegue uma espada e faremos alguns exercícios práticos."

Eles avançam pesadamente, olhos cautelosos disparando entre o feitor, os orcs e eu. Suas ações são afetadas no início. O feitor ri dos agricultores antes de sair para cuidar de seus negócios. Os orcs assistem, entediados.

Paramos e começamos. Os homens grunhem e gemem e não colocam nenhum coração nisso. À medida que o dia passa, eles se cansam e começo a me perguntar como diabos vou fazer alguma coisa com eles.

Eles não vão morrer lutando.

Eles vão ser massacrados, porra.

À medida que o sol atinge o seu apogeu, as escravas chegam com comida e bebida, o que as anima. Eles ficam mais eretos enquanto aceitam a oferta. Os olhos permanecem, as palavras são sussurradas, os mais breves toques são trocados. O feitor acompanha as mulheres, escravas garantindo que elas sigam em frente rapidamente.

Quando a última mulher desaparece de vista, os homens sentam-se e comem, e a melancolia toma conta mais uma vez.

Conheço bem a desesperança deles, pois já experimentei isso uma vez. É difícil resistir à sua atração sedutora.

"Um dia de cada vez, é assim que você vive como escravo", digo.

Cabeças aparecem e olhos cautelosos se voltam em minha direção.

"Eu era uma escrava antes", digo. "Quando eu era apenas um rapaz."

"Você ainda é um escravo", um homem aponta duramente.

"Não pretendo morrer escravo", digo. "E passei todo o tempo desde então até agora livre."

Livre? O que eu sei sobre ser livre? No entanto, a vida de um guerreiro preso não se parece em nada com a de um escravo Blighten. Por que só agora vejo a diferença entre os dois? Eu poderia ter deixado

o Sangue muitas vezes enquanto fazia reconhecimento. Não se fala sobre isso, mas sei que alguns guerreiros falam. Assim como alguns guerreiros passam a se relacionar com Criadores ou Alimentadores, e até mesmo com Sangue de vez em quando.

Alguns vivem e morrem como guerreiros e não anseiam por mais nada.

Anseio por mais, mas não sei o que é isso.

Escolha. Tudo se resume à escolha. Se eu pudesse escolher, dedicaria minha vida à libertação de escravos. E aqui estou eu com essa oportunidade que me foi apresentada. Nem todos os escravos do campo desejarão a liberdade e nem todos estarão dispostos a correr os riscos necessários para alcançá-la. O bastardo supervisor careca é bem doutrinado e muito apaixonado por seu pequeno poder. Ele morreria por seus mestres Blighten e não hesitaria em me matar.

Mas estes agricultores e caçadores que se sentam ao meu lado a comer puré têm fome de liberdade se esta incluir também a liberdade daqueles que amam.

O homem que falou tem a mesma idade que a minha, com cabelos loiros e olhos azuis brilhantes. Olhos de lobo, como eles os chamam, pois todos os shifters os possuem. Os humanos também podem ter olhos azuis, mas algum instinto me diz que esses homens são de fato shifters. Meu foco se move pelo grupo enquanto observo quantos têm olhos azuis brilhantes. Três? Talvez quatro? Talvez mais alguns?

Sinto meu coração acelerar à medida que a esperança cresce dentro de mim. Nem todos os shifters são lutadores, assim como nem todos os homens são. Muitos que escolheram viver em comunidades humanas o fazem porque estão cansados das formas naturalmente guerreiras das matilhas e assumem o papel de caçadores.

Mas todos os lobos *podem* lutar.

O fato de terem optado por não fazê-lo quando foram capturados fala de circunstâncias além de seu controle.

Também fala agora de oportunidade.

“Eles estavam com nossas mulheres e crianças quando voltamos da caça”, diz o homem de olhos azuis ao meu lado calmamente entre garfadas de purê. “Nem todos os homens aqui são acasalados, mas muitos de nós somos. O resto tem irmãs, sobrinhas e mães mantidas pelos orcs.”

“Eles estão indo para a guerra com as matilhas”, diz outro homem. “Não temos amor pelas matilhas, mas também não desejamos guerrear com elas. Mas que escolha temos? Preocupo-me com minha esposa e filho enquanto ainda vivo. Minha preocupação será mil vezes pior para eles quando eu morrer.”

“Eu sou Dirk”, diz o homem de olhos azuis. “E este é Jim.”

Aceno para os dois homens. “Eu sou Jacob,” eu digo. “E não importa o que aconteça, será melhor para vocês aprenderem a lutar... e os tolos não algemaram seus pulsos.”

Todos os shifters são diferentes no que impede uma mudança, mas você deve amarrar seus pulsos para conter um shifter lobo. Vejo alguns olhos se arregalarem conforme a compreensão surge.

Então o feitor retorna e recebemos ordem de retomar os exercícios.

Só que desta vez os homens os abraçam com certa medida de fogo. Eles ainda são desleixados. Eles ainda têm um longo caminho a percorrer, mas sinto que agora estão caminhando para lá com um pouco de esperança. Olhares são trocados, junto com uma palavra ocasional.

É o começo.

Ainda não tenho uma visão clara do fim.

A vida segue um padrão.

Alguns dias viajamos e treino os homens à noite. E tem dias que o acampamento fica no lugar e eu treino eles o dia todo.

À noite, tenho permissão para me lavar no rio ou riacho próximo e voltar para a carroça-gaiola, onde durmo com minha fada amante aninhada em meu colo. Pela manhã, ela está sempre esparramada sobre mim, seu corpinho exuberante deixando minha pele em chamas onde quer que a tocamos.

Ela nem reclama, nas primeiras horas da madrugada, antes do acampamento levantar, quando minhas mãos vagam.

CAPÍTULO TREZE

Inverno

SUAS MÃOS ESTÃO na minha bunda novamente, mãos grandes e calejadas que deslizam sob a bainha do meu vestido de escrava para massagear suavemente a carne. Eu tento o meu melhor para equilibrar minha respiração. Se eu mostrar sinais de vigília, ele certamente irá parar.

Eu não quero que ele pare.

Quero que ele tire suas calças grossas do caminho e me encha com seu pau.

Fica pior a cada dia. Passei a ter fome de seu cheiro quando estou longe dele durante o dia. No momento em que ele retorna para a jaula e me coloca em seu colo, enterro meu rosto em seu peito e sugo seus ricos feromônios.

No início, eu seria sutil sobre isso. Agora, eu nem finjo.

Se eu pedir a ele para cuidar de mim, sei que ele o fará. A ligação esperaria sua conformidade. Seu corpo não é avesso ao meu. Seu pau duro, que sacode contra minha coxa ou boceta, dependendo de como nos espalhamos, é uma prova disso. No entanto, não quero que a sua conformidade seja motivada pela ligação antinatural. Quero que seu coração, alma e livre arbítrio conduzam a fome em seu toque.

Eu não posso permitir isso. Eu nunca poderia ter isso, nem ter certeza disso, não enquanto a ligação estiver em vigor.

Suas mãos ficaram um pouco mais ousadas nos últimos dois dias. Mordo meus lábios para conter meu gemido de necessidade enquanto as pontas dos dedos deslizam para baixo, perto das dobras encharcadas da minha boceta. Enquanto ele puxa e aperta as bochechas da minha bunda, ele separa os lábios da minha boceta antes de amassá-los novamente. Meu clitóris lateja. Meus mamilos são pontos duros contra seu peito. Os dedos se movem ainda mais para baixo, estabelecendo-se no ponto crucial da minha bunda e coxa.

Deusa, estou quase insensível à necessidade dele de mergulhar aqueles dedos grossos em meu núcleo gotejante, de passar o dedo ou o polegar sobre meu clitóris formigante.

Os dedos de uma mão agora traçam a costura da minha bunda. Para cima e para baixo, quase, mas não alcançando minha boceta. A outra mão segura minha bunda – uma mão grande e possessiva, com os dedos bem abertos como se ele estivesse reivindicando-a como sua.

Eu quero que ele reivindique isso como seu.

Permanecer parado é uma batalha. Um com quem luto todas as manhãs.

Um que transforma todas as minhas necessidades em um frenesi. Minha boceta chora copiosamente. Alguns dias, há uma mancha molhada nas calças de Jacob, onde seu pau vazou pré-sêmen e minha boceta derramou sobre ele. Ele não se importa, não presta atenção, pelo que posso perceber.

Aperto meus músculos internos com cuidado, sentindo uma onda doce quando a substância escorregadia escorre. Sua grande mão aperta minha bunda, me prendendo contra ele e fazendo todas as sensações gloriosas se agitarem.

“Goze para mim”, ele rosna, os lábios contra minha têmpora. "Goze em cima de mim."

É como se uma corrente elétrica passasse por mim. Minha frequência cardíaca aumenta e minha respiração falha em meu peito. Minha boceta aperta antes de cair em contrações celestiais.

"Porra!" Ele se levanta, me fazendo cair.

No rescaldo de um clímax que foi meio arrancado do meu alcance, pisco, tentando reunir bom senso o suficiente para não me jogar aos pés dele e implorar que ele me abrace.

Minha excitação acalorada esfria um pouco enquanto me pergunto se ele estava sonhando com Betsy novamente.

Rezo para que não viajemos hoje, para que eu não faça papel de boba enquanto estiver preso com ele o dia todo nesta carroça-jaula.

Não estamos viajando, descubro quando o capataz de pescoço grosso vem nos buscar. Jacob sai, sem olhar para trás, para onde ele está treinando alguns dos escravos para lutar. Fico enojado que os gentis agricultores tenham agora de lutar numa guerra que não é da sua responsabilidade. Fico enojado que Jacob tenha feito a mesma coisa durante toda a vida.

Apesar da sensação persistente de suas mãos, um abismo está crescendo entre mim e o jovem guerreiro ao qual estou preso pelas circunstâncias. Para começar, não foi nada amigável.

Ninguém mais se importa comigo enquanto vou me lavar no rio. Estou descalço, com os pés cobertos de bolhas e uso uma coleira no pescoço. Eu sou uma escrava, que já está curvada à vontade do seu mestre. E para onde eu iria sozinho? Eu não duraria um dia e provavelmente mataria Jacob caso tentasse fugir.

Terminadas minhas abluções matinais, procuro a tenda vigiada onde encontro Melody.

“Mamãe!”

Apesar dos muitos dias em que nos conhecemos, sua exclamação alegre nunca deixa de encontrar outra brecha em minha fachada outrora gelada. Seu antigo superintendente sai da tenda assim que eu entro, resmungando sobre encontros com o mestre.

A jovem escrava que atende a todas as necessidades de Melody se chama Jasmine. Ela está sentada de pernas cruzadas no canto, consertando roupas enquanto Melody e eu conversamos. Ocasionalmente, ela faz novas roupas com material caseiro. Mas principalmente, ela traz consigo uma trouxa de roupas para consertar.

“E é tudo subterrâneo?” Melody me pergunta. Ela senta-se cuidadosamente de pernas cruzadas em seu catre, enquanto eu sento ao lado dele em um banquinho baixo.

"Isso é. Embora existam pomares e terras agrícolas dentro da segurança das muralhas externas. Mas ninguém dorme fora do Sanctum.”

"Por que?"

“Porque eles estariam em perigo se fôssemos atacados.”

“Quem atacaria?”

“Pessoas más”, digo na minha melhor tentativa de neutralidade. Ela não demonstra medo dos orcs nem de seus superintendentes humanos fortemente armados.

“Como são as pessoas más?”

Deusa, ajude-me a navegar no questionamento da criança sem tropeçar em algo inapropriado.

“Eles se parecem muito com pessoas normais, exceto que seus corações são perversos”, digo finalmente.

“Eles têm orelhas pontudas?” ela pergunta, enrolando uma mecha de cabelo ruivo dourado em seu dedo.

“Pessoas com orelhas pontudas mataram minha mãe e meu pai.” Com os lábios franzidos, ela lança um olhar furtivo em minha direção. “Minha primeira mãe. Mas Bard diz que eles não ousariam me matar agora, pois os orcs nunca deixariam isso acontecer.

Meu coração se contrai pela perda dela, mas também se suaviza em relação a Bard, o supervisor idoso encarregado de cuidar de Melody.

Ao longo das poucas semanas que viajamos, determinei que Bard não é um homem mau, sendo gentil e tolerante com Melody, que é certamente a criança das fadas mais falante e gregária de todos os mundos. Não conheço muitas crianças fadas e não tenho contato com nenhuma há muitos anos, mas ainda assim, ela parece viva e falante para minha mente destreinada.

Eu franzo a testa enquanto suas palavras são reproduzidas. Ela não associa a morte de seus pais aos orcs. A quem ela atribui então?

"Inverno?" A melodia exige. “Eles têm orelhas pontudas, as pessoas más que atacam sua casa?”

“Eles fazem”, eu digo, minha mente girando enquanto tento juntar as peças.

“Mamãe chamou as pessoas que nos atacaram de fadas sombrias. Eles se pareciam muito conosco, exceto que seus cabelos eram brancos como a neve e seus dentes afiados e pontiagudos. Pintaram as paredes de Estoria com sangue antes de me levarem embora.”

Eu respiro fundo. A pequena e doce criança fada parece incrivelmente mais velha enquanto aquelas palavras terríveis saem de sua boca sem qualquer sinal de inflexão. Do outro lado da tenda, Jasmin faz o sinal da Deusa no peito.

Melody tinha idade suficiente para lembrar as palavras de sua mãe, então ela não era um bebê na época.

Quero perguntar a ela sobre a pedra angular.

Quero perguntar como ela pode manejá-lo quando não poderia ter sido ensinada a fazê-lo.

Quero alertá-la contra os monstros Blighten, aos quais ela se apega como salvadores quando eles são tudo menos isso.

No entanto, não conheço todos os detalhes da jornada desta criança, e o que sei me aterroriza.

“Por que não leio uma história para você?” Eu sugiro.

“Tudo bem”, ela concorda com sua voz doce e estridente.

Depois, daremos um passeio sob a escolta de seus dois imponentes guardas orcs. Quando voltamos, ela está cansada, então relutantemente admite tirar uma soneca.

“Ela é uma boa moça”, Jasmine diz na quietude que se segue enquanto ela volta a costurar, “e se apegou a você rapidamente, senhora.”

“Ela é,” eu concordo. Meus pensamentos nunca conseguem escapar da dor causada pela dura coleira de metal por muito tempo. Mesmo abafado pelo cobertor, deixa uma fraqueza residual em meu corpo e forma bolhas na pele.

A coleira me lembra do meu status.

Isso me lembra que sou um escravo.

“Não sou mais amante de ninguém”, digo.

“E quanto ao seu guerreiro vinculado? Não é do jeito do Sangue que você seja sua amante?

“É o caminho do Sangue, mas Jacob e eu não estamos ligados um ao outro no caminho mais profundo de um vínculo de vida.”

"Você não é?" Jasmine interrompe suas tarefas de costura. “Mas o seu cheiro de Omega está abafado. Eu tinha certeza de que ele era seu companheiro.

Não sei o que fazer com essa conversa. Não tenho consciência do meu próprio cheiro, presumindo que ainda seja potente, dada a reação do supervisor desdentado e malicioso que encontra desculpas para colocar as mãos em mim.

Estou imprimindo?

“Preciso de um momento”, digo.

Jasmine franze a testa. Ninguém mais me presta muita atenção, sabendo talvez que não tenho esperança de escapar. Mas não costumo andar além da pequena distância entre minha casa-gaiola e a tenda onde Melody é mantida, e elas nunca ficam muito distantes uma da outra.

Fujo da tenda, sem esperar para ouvir o que Jasmine dirá a seguir. Não é como se eu pudesse ir longe, dado o quão fraco e doente estou depois de muitos dias com a coleira. De repente, o ar quente bate em minha garganta e meus dedos agarram a gola como se eu fosse arrancá-la. Queima meus dedos, assim como queimaria minha garganta se o pedaço do cobertor não estivesse ali. Soluço enquanto corro, cego pelas lágrimas. Não sei para onde estou indo. Eu só preciso ir, sair, escapar.

Meus planos são interrompidos abruptamente quando o supervisor desdentado e malicioso se move para bloquear meu caminho.

“Para onde você vai, minha linda fada?” ele diz.

Não acho que o interesse dele tenha algo a ver com o meu cheiro. Acredito que ele é apenas um escravo que recebeu uma certa medida de poder e agora isso subiu à sua cabeça.

Ele se move mais rápido do que eu esperava, agarrando meu pulso e colocando a mão sobre minha boca.

Meu pânico explode quando sou arrastado para uma tenda próxima. Luto com todas as minhas forças, mas estou fragilizado pelos tantos dias de colarinho e não tenho esperança.

“Quieta, pequena fada, e não vou te machucar.”

Eu luto mais, chutando, arranhando-o com as unhas. Sinto meu couro cabeludo queimar quando ele segura meu cabelo, enquanto a

outra mão cobre minha boca.

Eu mordo, escapando de seu domínio por tempo suficiente para gritar. É interrompido quando ele me dá um tapa. Sinto gosto de sangue, desmaiando brevemente e me encontro preso no chão. Não consigo respirar com sua mão grande cobrindo minha boca e nariz. Meu queixo lateja com o golpe. Vou desmaiar de novo, quando a mão dele empurrando por baixo do meu vestido traz uma injeção de adrenalina.

“Uf!”

Seus olhos reviram e ele cai para o lado.

Jasmine está de pé ao lado dele, com uma grande tábua de madeira na mão, que ela joga no chão enquanto se apressa para me ajudar a levantar.

A fera caiu sobre mim, e nós dois grunhimos e soluçamos enquanto o empurramos. Ao ouvir seu gemido, dobramos nossos esforços até que finalmente libertei minhas pernas.

“Venha, senhora”, ela diz. “Não podemos ficar aqui.”

"Melodia?" Eu pergunto, preocupado que a criança esteja sozinha.

“Bard voltou”, diz Jasmine. “Você não pode ir até ela assim. Vir."

Tremendo tanto que mal consigo colocar um pé na frente do outro, sou levado para outra tenda. Aqui, estou sentado no chão e recebo um copo d’água.

Derramo mais do que bebo.

Colocando mais água em uma tigela, ela torce um pano e o pressiona no meu lábio latejante.

“Haverá retaliação”, diz ela com tristeza enquanto torce e reaplica o pano. “Seu guerreiro não tolerará isso.”

“Ele não é meu guerreiro”, digo, sentindo a amargura familiar se espalhar. Jacob não se importa comigo além do que a ligação considera uma obrigação.

“Você é uma mulher e uma escrava”, diz Jasmine, com o rosto tenso enquanto olha para mim. “Se ele não é seu homem, então você deveria torná-lo assim. Se você não fizer isso, outros escravos oferecerão a ele o que você não oferece, e então ele os protegerá e não você.”

Quero salientar que Jacob está agradecido a mim através da magia da ligação, mas não tenho mais certeza de até que ponto isso funciona entre nós dois. Nunca completei o Meld e questiono quanta obrigação ele tem comigo, forçada ou não.

“Se você não der a ele o favor do seu corpo, não poderá esperar que ele lute por você.” Ela está toda dura agora enquanto torce e reaplica o pano. “Isso é uma questão de sobrevivência. Minha mãe me contou no dia em que me levaram para encontrar o macho maior e mais

malvado e me jogar à sua mercê. Ainda estou vivo porque foi isso que fiz. Os senhores não se importam muito com as brigas entre escravos. O que é o estupro de uma escrava? Não é nada para eles. Eles não se preocupam com as nossas lutas internas, desde que nenhum escravo morra. Sem uma mensagem clara do seu guerreiro, Dolan certamente tentará novamente, só que da próxima vez ele será mais cruel e cruel.

Suas palavras caem sobre mim como chuva de inverno, e sinto sua desolação profundamente.

"Não fazemos nenhuma das coisas que fazemos porque queremos", ela continua. "Nós fazemos isso para que possamos viver para respirar outro dia. Passei a amar o escravo cuja proteção troquei com meu corpo. Quando eu era mais jovem, sonhava em me casar com um príncipe. Em vez disso, estou acasalada com um gigante e um monstro, mas ele agora é o príncipe do meu coração. Um homem pode sentir-se obrigado pela honra a proteger uma mulher que não é sua por muitas razões, mas um homem protege *a sua* mulher com o coração e a alma, e isso é uma coisa muito diferente."

CAPÍTULO QUATORZE

Jacó

EU NEM PRECISO ver o rosto dela para saber que algo está errado.

"O que aconteceu?" — exijo enquanto subo na carroça-jaula.

Ela se senta no canto, enrolada como uma bola, de cabeça baixa, mas seu queixo se levanta quando me aproximo. Uma raiva incandescente me invade ao ver o hematoma preto e roxo em seu queixo.

Minha cabeça se volta para o bastardo careca que ainda não trancou a jaula.

"Quem?" Eu exijo.

“Eu não sou tão estúpido assim”, diz ele.

Vou em direção a ele, arrancando a porta de seus dedos enquanto ele vai fechá-la.

“Muito lento,” eu mordo enquanto o pego pela garganta e o bato contra a lateral da jaula. Ele tenta trazer o taco para cima, mas eu bato contra a jaula também. “Você sabe disso?”

Alguns orcs nos dão uma olhada, mas decidem não interferir. Nas poucas semanas desde que nos juntamos ao grupo de guerra, entendi que os orcs raramente se envolvem em negócios de escravos, preferindo deixar os feitores cuidarem dos assuntos. Eles não gostam de matar, mas qualquer coisa que não seja matar é ignorada.

— Foi Dolan — Winter diz, arrastando minha mente da fantasia onde bati a cabeça do presunçoso e careca na parede da jaula até que ele falasse.

Dolan? Parece que me lembro de ser esse o nome do bastardo desdentado que guarda rancor.

"Onde ele está?" Eu sibilo na cara do supervisor.

Ele aponta por cima do ombro.

Eu me afasto. “Leve-me,” eu digo.

“Jacó!”

“Fique aqui, senhora,” eu digo. Não consigo olhar para seu rosto machucado. Ainda não. Quero cair de joelhos e implorar que ela me perdoe e a minha negligência de uma forma que não posso nem culpar a ligação.

Mas preciso lidar com isso primeiro. Conheço o caminho dos escravos, a hierarquia que às vezes é construída com base na confiança compartilhada e às vezes na força bruta. Instintivamente, sei a qual dos dois métodos Dolan responderá.

Não dando a Winter a chance de responder, empurro o feitor à minha frente em direção ao extenso acampamento.

Eu avancei, afundando-me mais profundamente dentro de mim, com a visão escavada e o foco absoluto. Devo estar projetando minhas intenções, porque acumulo uma multidão de seguidores à medida que vou mais longe.

Encontro-o, o bastardo desdentado, sentado na entrada de uma tenda. Sua cabeça se levanta. Ao me ver, ele se levanta. Nós nos encontramos, um confronto de dois Alfas, ambos sabendo que depois de terminarmos, apenas um de nós resistirá. Mas ele é apenas um escravo e, embora deva ser durão para sobreviver, sou um guerreiro treinado a serviço do Sangue.

Quando chegamos, atravessamos o portal, usei todos os truques que conhecia para derrubar a escória Blighten.

Agora não tenho armas, mas ele também não.

Nós nos deitamos um contra o outro, os baques fortes quando meus punhos se conectam com sua carne. Seus grunhidos e chiados de dor são música para meus ouvidos. Eu o venci usando punhos, cotovelos e joelhos com bons resultados, fazendo uma transição perfeita de um movimento para o outro.

Ele não pode vencer. Eu sei disso, mas ele demora para alcançá-lo. Minha raiva é tanta que não posso ficar satisfeito até que o sangue dele comece a fluir e, mesmo assim, quero e preciso de mais. Ele colocou as mãos sobre minha amante de Sangue, uma de alto Sangue, alguém que tem séculos de existência e está em posição além de qualquer coisa que este rufião possa imaginar. Não importa que ela seja uma escrava. Esse status é temporário. E se os planos que tenho feito se concretizarem, ela não sofrerá tanto por muito mais tempo.

Há uma multidão ao nosso redor, zombando, gritando e pedindo sangue.

Eu dou a eles o sangue que eles desejam. Ele respinga e mancha a mim e ao chão.

Meu adversário cai. E eu o sigo.

“Os orcs estão chegando!” alguém liga e sei que meu jogo terminará em breve.

Pegando sua cabeça grossa em minhas mãos, coloco meu braço em volta de seu pescoço e me esforço até ouvir e sentir o estalo.

Mãos me agarram, me levantando do chão. Esfrego o sangue do nariz e cuspo no corpo.

“Que isto sirva de lição para quem tocar no que é meu!”

Sou arrastado pelas vaias da multidão. Eu ultrapassei uma linha. Percebo isso quando a raiva sai de mim e a clareza retorna.

Marchando pelo acampamento, me pergunto se estou sendo levado para a morte, ou pior, se Winter será agora punido pelo meu erro. Sinto-me mal quando uma tenda familiar, maior que as outras, surge à vista. Sou levado direto e jogado de joelhos.

As mesmas lâmpadas, o mesmo tapete tecido, a mesma mesa robusta e o mesmo monstruoso mestre orc sentado jantando.

“Ele matou um homem”, diz o orc à minha direita, as palavras em um sussurro em torno de suas presas.

O mestre orc continua comendo enquanto eu balanço um pouco de joelhos. Eu sutilmente examino as ameaças dentro da sala. Se eles tentarem me matar, estou confiante de que posso derrubar os dois guardas orcs. O mestre orc é um adversário desconhecido. Ele usa armadura e tem o porte de um orc familiarizado com conflitos.

Ele também não carece de confiança, pois continua a comer sua comida.

Empurrando o prato para o lado, ele pega o copo de madeira e bebe muito do que quer que esteja dentro.

“Você é um grande problema, humano”, ele diz longamente. “Eu te avisei sobre o seu lugar aqui. Você ficou de alguma forma confuso?

“Ele tocou minha amante,” eu digo.

Ele rosna. É um som terrível que faz com que os cabelos da minha nuca se arrepiem.

“Este é o seu último aviso, humano. Eu disse que puniria a fada se você não lutasse por mim. Agora, deixe-me ser claro: as mesmas regras se aplicam a você e a outros escravos. Você se saiu bem treinando os homens. Mas não cabe a você decidir sobre a vida ou a morte. Você agora me deve outra vida e eu terei minhas dívidas.

Ele acena com a cabeça para o orc. "Leve-o de volta para sua mulher."

Arrastado do chão, sou levado de volta pelo acampamento e jogado dentro da carroça-jaula ao lado de Winter. A porta é fechada e as fechaduras colocadas no lugar.

“Porra,” murmuro rispidamente enquanto Winter cai sobre mim, soluçando. O crepúsculo caiu enquanto eu estava perdido na névoa desses acontecimentos, encerrando-nos nas sombras.

“Ah, o que você fez? Oh, suas pobres mãos e rosto.

Não há hesitação quando ela estende o pulso para mim, embora ela ainda evite a porra do rosto. Não estou tão machucado, mas tomo um pouco — o suficiente para aliviar a tensão.

Isso não diminui minha fúria quando gentilmente seguro sua bochecha. Esfregando o polegar sobre a carne machucada, quero encontrar o bastardo inútil e matá-lo novamente.

"O que aconteceu?" ela pergunta entre soluços. "Diga-me!"

“Nós brigamos,” eu digo, puxando-a para meus braços e enterrando meu nariz em seus cabelos, trazendo seu doce perfume de Ômega para meus pulmões. "Ele está morto."

Ela soluça mais forte. "O que vai acontecer agora?"

Ela está preocupada que minha tolice a faça ser entregue aos orcs do prazer? Eu a seguro com mais força, tentando fundir sua carne com a minha. Quero contar a ela sobre meus planos, mas é muito cedo e não quero lhe dar falsas esperanças. “A mesma coisa que aconteceu ontem. Tornei-me importante para o mestre, pelo menos por enquanto.”

Seu cheiro está exercendo um feitiço poderoso em mim. O perigo sempre presente, os riscos, a luta que acabou de passar e a nossa proximidade forçada têm um efeito previsível.

Meu pau endurece e engrossa. Meus instintos clamam para que eu tome o que é meu.

“Diga-me para te foder,” exijo com um grunhido, balançando-a em meus braços. Minha raiva ainda está desenfreada e preciso de uma válvula de escape para ela.

“Eu não posso”, ela soluça.

Com a mandíbula tremendo de tensão, deixei minhas mãos caírem. Meu corpo vibra, clamando para que eu a reivindique. Eu lutei e matei um homem por ela. Em todos os aspectos que importam, ela é minha. "Diga-me para te foder ou saia do meu colo."

"Não posso!"

Eu me levanto, jogando-a no chão do carrinho. Meu estômago se aperta ao vê-la me alcançar. Ela precisa do meu conforto e ronronar, mas eu não posso dar isso a ela. Meu lado basal me monta. Ela precisa estar no cio, precisa sentir a segurança dentro da gaiola dos meus braços, precisa da conexão que só pode acontecer quando estou enterrado dentro de sua boceta quente e estamos presos juntos com meu nó. Meus dentes doem pelo gosto de seu sangue e pelo êxtase imaginado que seria nosso se ela se submetesse. A ligação ainda tem potência suficiente para que eu não insista no assunto como meu lado Alfa exige.

Ela também precisa de cuidados, posso sentir o cheiro de sua boceta chorando copiosamente ao se oferecer para o acasalamento, mas sua mente não está alinhada.

Com o peito arfando, vou até o canto mais distante e, de costas para ela, sento-me.

"Por favor!"

Ela continua soluçando e me implorando para abraçá-la e ronronar, e isso está perto o suficiente para me destruir. Mas eu não posso tocá-la neste estado.

Não vou tocá -la novamente, não até que ela se submeta totalmente a tudo que quero e preciso.

CAPÍTULO QUINZE

Inverno

NO DIA SEGUINTE viajamos e é o pior dos dias. Está quente e úmido e o ar traz consigo a ameaça de chuva. A cobertura de nuvens é baixa, trazendo escuridão prematura, embora não passe do meio-dia.

Jacob se recusa a me dar qualquer conforto e se senta no canto oposto, de costas para mim.

Não consigo tirar os olhos dele, observando a maneira como seus músculos tensos brilham na luz fraca enquanto balançamos e andamos pelo caminho da floresta. Eu nem tenho Melody ou Jasmine como distração da minha miséria. Há cicatrizes em suas costas, e me pergunto se são as que ele recebeu das chicotadas por libertar escravos. Invejo sua clareza de propósito, seu vigor para a vida. A vida mortal é, por natureza, passageira e frágil, mas eles são tão imprudentes com ela.

Eles também valorizam isso e vivem sem medo.

"Se você não lhe der o favor do seu corpo", disse Jasmine, *"você não pode esperar que ele lute por você".*

Não funciona assim com o Sangue, mas estamos longe das armadilhas da civilização às quais estamos em dívida dentro do Sanctum. Aqui estamos nós, ambos escravos.

Aqui estamos, mal sujeitos à vinculação.

Jacob não se lavou desde que lutou e seus feromônios são ricos e potentes. Minha boceta chora constantemente, apertando nada até que fico quase insensível de necessidade.

Estou sujo, pegajoso e com sede, e temo estar entrando no cio.

Nunca experimentei um calor. Um Ômega de Sangue que não é cuidado por um homem não experimenta um. Esqueci até os sintomas. No entanto, tudo sobre minha pele corada, excitação intensificada e vibração na parte inferior da minha barriga fala de um calor iminente.

Nossa situação desesperadora seria mil vezes pior se isso acontecesse.

Agarro-me aos meus últimos resquícios de sanidade pelo fio mais fino. No entanto, quero Jacob, o guerreiro que matou por mim, que ronronou e me confortou, que me salvou de uma aranha estúpida e que foi gentil comigo.

Exceto ontem, quando ele me descartou. Ele não foi gentil então. *"Diga-me para te foder, ou saia do meu colo,"* ele disse com um grunhido, os olhos escuros de fome.

Eu queria, ah, como eu queria, mas mesmo assim recusei.

"Um homem protege sua mulher com o coração e a alma", disse Jasmine.

Suas palavras brincam em minha mente enquanto preencho minha visão com o Alfa e guerreiro com quem compartilho esta carroça-jaula. Parece a ordem natural das coisas que eu deveria presentear ele com meu corpo. Blood tem feito o mesmo com seus pares de guerreiros desde o início de nossos registros.

Mesmo assim eu me contenho, a fada quebrada e o Sangue defeituoso que se esqueceu de como ser íntimo.

Jacob é tão diferente de Leander quanto o dia é da noite.

Mas minhas cicatrizes são profundas.

Um grande estrondo quebra a vibração da floresta enquanto um trovão ressoa no alto. Alguns segundos depois, um raio ilumina a escuridão.

A carroça para. Sobe um grito, que não consigo ouvir, e a grande coluna do grupo de guerra se desintegra. Estamos acampando, ao que parece.

Meu olhar muda para Jacob, mas ele nem sequer se contorce.

Ao nosso redor, tendas são montadas rapidamente.

Outro estrondo, mais alto, e as primeiras gotas de chuva quente caem sobre mim.

A montagem das tendas assume um tom de frenesi.

Outro estrondo, outro relâmpago e as gotas se transformam em uma chuva torrencial.

Eu tremo. A temperatura cai, sentindo-se agradável depois do calor abafado.

Os cavalos são encurralados e, com as tendas prontas, os orcs e os humanos mergulham em busca de abrigo enquanto a chuva se transforma em um dilúvio.

Estamos esquecidos, ao que parece. À medida que o relâmpago lança a luz do dia na escuridão, meus olhos pousam em Jacob.

Minha respiração fica presa na garganta quando o encontro olhando por cima do ombro diretamente para mim.

Fome. Quando já testemunhei tal expressão de fome crua e não diluída? Ele pisca através da chuva que nos encharcou até a pele.

“Venha aqui”, diz ele, e como se um feitiço tivesse se apoderado de mim, levanto-me com as pernas trêmulas e vou até ele.

Ele se vira, me oferecendo seu colo para me aninhar, e eu vou ansiosamente, enterrando meu nariz em seu peito úmido e áspero e tentando sugar seu cheiro para meus pulmões antes que a chuva possa lavá-lo. Eu me agarro, me gloriando no momento em que seus braços me envolvem.

Ele me segura. Deusa, como senti falta da sensação de seu aperto.

“Por favor,” eu imploro, dando beijos em sua garganta, encorajada pela minha necessidade ardente e sabendo que minha mente está finalmente tão disposta quanto meu corpo.

Ele resiste a princípio, estóico sob meus beijos apimentados, imune à tentação que apresento enquanto pressiono meu corpo menor contra o dele. "Por favor, eu preciso de você. Preciso que você me faça esquecer todas as dores e preocupações. Por favor, preciso de você, Jacob.

Estou caída de costas, seu grande corpo pairando sobre mim enquanto ele prende meu corpo menor. A chuva cai sobre ele e escorre sobre mim. As nuvens densas e escuras cobrem o acampamento rapidamente montado. Sua mão se desloca para minha coxa, uma mão grande e forte, calejada pelo uso da espada, abrindo um rastro de fogo contra minha pele molhada enquanto desliza para cima e sob a bainha do meu vestido de escrava.

Eu me arqueio, ansiosa pelo toque, as mãos deslizando sobre os gloriosos músculos firmes de seus ombros. Ele me prende com força, me fazendo choramingar de necessidade enquanto sua outra mão sufoca minha boca.

Piscando para afastar a chuva, respiro o ar pelo nariz, me gloriando em seu domínio sobre mim.

“Silêncio,” ele rosna em meu ouvido, enviando um arrepio percorrendo meu corpo.

Orelhas de fada são incrivelmente sensíveis. Sua voz profunda, grossa com a fome sensual, e sua respiração quente percorrendo a pele delicada a fazem ficar rígida de excitação.

Eu não posso ficar quieto. Meu corpo passou de fervura a fervura. Slick está chorando da minha boceta, deixando as dobras íntimas inchadas e escorregadias de necessidade.

Quando foi a última vez que experimentei uma necessidade tão intensa?

Ele tira os dedos da minha boca, apenas para substituí-los por seus lábios, sua língua corajosamente varrendo para dentro para se enredar na minha enquanto a chuva continua a cair.

Meu coração bate descontroladamente, o sangue pulsando em minhas veias enquanto nossas respirações tempestuosas se misturam, o som perdido na tempestade.

Sua outra mão desliza mais alto sob meu vestido de escrava molhado, segurando meu seio, apertando-o e testando o peso antes de seu polegar dedilhar meu mamilo tenso. O prazer explode em um fio dourado que se estende até meu ventre. Ele se dobra no beijo, engolindo meus gritos de necessidade.

Ele segura meu cabelo, provocando uma deliciosa pontada de dor, e o beijo se aprofunda no momento em que ele aperta e rola meu mamilo com força.

Êxtase.

Quando foi a última vez que senti êxtase?

Há muito tempo, quando eu era uma pessoa diferente, antes da grande cidade de Sendar ruir e fugirmos para Sanctum. Certa vez, houve outro homem que me deu êxtase.

Mas ele se foi.

Por tantos séculos, eu também estive ausente, uma concha morta percorrendo os movimentos da vida e, ainda assim, nunca experimentando mais do que seu eco outrora alegre.

A abstinência de muitas vidas humanas me atinge. Quero sentir a conclusão quando Jacob perfurar meu corpo menor com seu pau grosso, quero o estiramento, a mordida e a plenitude dolorida enquanto sua carne força a minha a ceder.

Ele parece entender minha urgência. Atrapalhando-se entre nós, ele abaixa as calças saturadas e as tira. Tento levantar meu vestido, mas ele está encharcado, grudado na minha pele e frustra minhas tentativas. Ele assume o controle, rasgando-o e jogando-o de lado.

Relâmpagos e um estrondo sobrenatural acompanham sua grande mão segurando meu peito, e sua boca envolvendo a ponta inchada e metade do inchaço. Ele chupa com muita força, seus dedos machucam enquanto ele aperta, oferecendo a si mesmo. É como um fogo acendendo sob minha pele. Eu me contorço, inquieta, vazia e desesperada por mais.

Ele muda para o outro seio enquanto rola o mamilo dolorido e abandonado entre os dedos. Enquanto ele me atormenta até a loucura, seus joelhos roçam entre os meus, forçando minhas coxas a se separarem desconfortavelmente em torno de seu grande corpo.

Minhas mãos vagam mais abaixo, encontrando a carne firme de sua bunda e apertando, encorajando-o a entrar no cio.

Seus lábios saltam e ele olha para mim através da chuva. "Diga-me para te foder."

As palavras ficam presas na minha garganta, mas eu as forcei a sair. Se eu hesitar, Jacob me abandonará mais uma vez, me dará as costas e me deixará ardendo de necessidade. "Por favor, me foda."

Seus lábios se erguem, mostrando as pequenas presas que todos os guerreiros têm. Chegando entre nós, ele provoca meu clitóris inchado com a ponta do seu pau, deslizando-o para cima e para baixo, me fazendo choramingar. “Por favor, Jacó. Por favor, mal posso esperar.

Agarrando minha entrada escorregadia, ele empurra um pouco para dentro.

Meus músculos internos deleitam-se com o alongamento glorioso.

Apoiando-se nos cotovelos, sua mão abafa meu grito enquanto ele puxa e empurra mais uma vez, mais profundamente. Os músculos internos se esforçam agora para ceder à penetração selvagem e ainda assim permanecem travados, apesar da abundante mancha. Ele se afasta novamente, mas desta vez desliza a mão por baixo da minha bunda para me manter imóvel e avança até o fim.

Isso dói. Eu sinto como se tivesse sido quebrado e refeito para pegar seu pau monstruoso.

Então ele começa a me esfolar, para dentro e para fora, golpes ásperos de corpos escorregadios pela chuva. A dor se foi, substituída por um êxtase inebriante que me consome, me levantando.

Tirando a mão da minha boca, ele me beija, um beijo áspero, cheio de língua e respirações mal interrompidas.

Ásperos, terrenos, desesperados, os nossos corpos e mentes unem-se numa fuga do estado opressivo das nossas vidas e do nosso destino. Neste momento quente e selvagem, somos duas almas livres demonstrando à Mãe de Todas as Coisas o nosso amor através do prazer que damos e recebemos.

Faz muito tempo que não demonstro seu amor. Não admira que ela tenha me abandonado.

Sua boca deixa a minha, deixando um rastro de beijos em minha garganta, enviando um arrepio através de mim enquanto ele provoca a pele onde ele morderia se eu lhe desse permissão.

Eu quero que ele faça isso, eu percebo, mas as palavras de permissão para isso, pelo menos, ficam presas na minha garganta, e ele segue em frente, os lábios roçando a concha da minha orelha, tornando-a totalmente rígida e minha mente frenética de alegria.

“Eu queria você desde o primeiro dia”, ele rosna em meu ouvido, a mão sufocando minha boca novamente, como se sentisse que quero gritar com a selvageria do próximo impulso.

“Fadinha gostosa, toda afetada e adequada em seu lindo vestido. Gelado e ainda quente sob aquela fachada. Uma pequena fada gostosa e imunda que foi enviada pela Deusa para pegar o pau de um guerreiro.

Suas palavras acendem um fogo em minhas veias, enquanto os nervos em minha boceta vibram para aquecer a vida enquanto seu pau duro e sedoso me enche mais e mais. Estamos tão escorregadios que seus dedos ficam machucados enquanto ele me segura para receber as batidas de seu pau.

“Agora veja onde estamos, senhora.”

Eu gemo.

“High Blood, fada intocável com as pernas abertas para um cio profundo como um bom pequeno Criador. Arqueando-se ao meu toque — ele provoca enquanto faço exatamente isso. “Buceta chupando meu pau de volta toda vez que tento sair. Você gosta do meu pau, senhora? Você gosta de ser meu pequeno escravo Criador?

Eu venho.

Sua mão mal contém os gritos enquanto minha boceta convulsiona em torno de sua vara dura de ferro.

“Bom Criador”, ele canta. “Abra-se para o seu nó de guerreiro.”

Ele continua me atacando, fazendo minha boceta se contorcer e ter espasmos durante os tremores secundários. Estou muito sensível, presa entre querer que ele pare e desejar mais. Eu me esforço contra ele quando seu nó começa a inchar, me esticando intimamente de uma forma que é tão boa, tão bem-vinda, despertando memórias há muito esquecidas.

“É isso, meu doce Criador, pegue meu nó como uma boa fada. Abra sua boceta apertada e deixe-a entrar.

Suas palavras são grunhidos acalorados contra a sensível concha da minha orelha. Mudando de posição, ele apoia todo o braço sob minha bunda e força o nó protuberante para dentro e para fora, rosnando em meu ouvido, enchendo meus sentidos com ele e somente com ele.

“Boa fada, tire todo o meu nó.”

Meus olhos reviram quando minha boceta começa a ter espasmos, contrações profundas e inebriantes que se apertam em torno de sua circunferência impossível.

Ele empurra, sentando-se, abrindo bem as coxas para prender meu corpo por dentro e por fora. Minhas coxas queimam com o esforço de

acomodar seu corpo muito maior enquanto minha boceta treme e aperta seu nó, atraindo os primeiros respingos quentes de sua semente.

Ele rosna contra meu ouvido, um som baixo e estrondoso que provoca outro aperto feroz e afiado enquanto minha boceta esmaga seu pau e dá um nó. Sinto uma dor por dentro, uma dor quente e celestial enquanto me esforço para aceitar sua carne masculina.

Ele se esfrega contra mim, parecendo empurrar um pouco mais fundo, a virilha esmagando meu clitóris inchado para fazer meu corpo cair em êxtase mais uma vez, estimulando ainda mais as contrações doloridas enquanto eu ordeno cada gota de sua semente.

Seus lábios capturam os meus mais uma vez, e ele se mexe, apertando os braços em volta de mim enquanto fica de joelhos e puxa meu corpo para o dele. Eu caio mole, com a bochecha esmagada em seu peito escorregadio, as pernas esticadas em volta de sua cintura e a boceta cheia de pau e nó.

Com a mão grande na minha bunda, ele me aperta com seu nó. Sua outra mão se enrosca em meu cabelo molhado, prendendo-me firmemente contra ele até sentir minhas costelas rangerem. Eu choramingo, sentindo outra contração surgir do nada enquanto minha boceta tem espasmos ao redor de seu pau. Eu me contorço e gemo. Minha barriga dói. Juro que parece que seu pau está alojado em lugares onde não deveria ir.

Nada disso importa, nem o esforço monstruoso de levá-lo para dentro de mim, nem a queimação em minhas coxas que estão esticadas em torno de sua grande circunferência. Meus braços fracos se agarram ao seu pescoço enquanto meus pequenos dentes mordem seu cabelo áspero no peito.

Eu quero morder.

Eu quero reivindicá-lo.

Quero marcá-lo para que nenhuma mulher ou fada possa tê-lo novamente.

De alguma forma, eu não. E então Jacob está se movendo, nos levando para o chão áspero do carrinho de madeira comigo em cima, ainda intimamente conectado. O cobertor, agora encharcado, é recolhido e jogado sobre mim.

Eu tremo, a pele gelada agora pelo cobertor molhado e pela chuva. Abaixo de mim, seu corpo está quente e o calor penetra lentamente.

Não quero que esse momento acabe, não quero que a paz proporcionada pela tempestade acabe.

Mas nenhuma tempestade dura para sempre e, à medida que a chuva diminui, ele gentilmente me tira de cima dele. Uma onda de viscosidade inunda entre nós.

Eu choramingo, me sentindo vazia, tentando me agarrar a ele enquanto ele gentilmente me afasta.

"Os orcs e supervisores logo sairão de suas tendas", diz ele. "Eu não permitiria que eles encontrassem você assim."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Jacó

Mal cobri Winter e me enfiei nas calças quando o acampamento desperta. Orcs e humanos saem das tendas e chapinham no chão encharcado.

Finalmente, alguém se lembra que estamos aqui. O bastardo careca nos traz um odre de água – o primeiro gole que tomamos o dia todo.

"Vamos ficar aqui pelos próximos dias", diz ele. "Haverá treinamento assim que terminarmos de montar o acampamento."

Aceito o odre com um aceno de cabeça e o passo para Winter. "Beba, senhora," eu digo.

Ela engole um pouco, embora mantenha o rosto virado. Eu reprimo um sorriso, pensando nela me implorando pelo meu pau. Quero acreditar que as coisas mudaram entre nós, mas a verdade é que não sei se mudaram. Isto não parece uma resolução, apenas um pontinho em nosso caminho sombrio.

Suas bochechas estão rosadas e ela não faz contato visual comigo.

Suspiro quando ela me devolve o odre, engolindo um gole enquanto forço minha mente para outras coisas. As palavras do bastardo careca servem como um lembrete sombrio de que estamos nos aproximando do nosso destino. Está ficando mais quente e estamos indo constantemente para o leste, onde as Terras Interiores encontram o território pertencente às matilhas de metamorfos.

O dia em que o mestre orc exigirá que eu lute por ele está quase chegando. O dia em que os agricultores de uma aldeia infeliz serão enviados para o massacre também está quase chegando. Eu os treinei bem com as pequenas espadas de madeira até que seus corpos fiquem machucados e machucados e os músculos doloridos pelo novo regime de exercícios. Eles têm algumas habilidades básicas de luta agora. Não é suficiente, mas estamos sem tempo.

Nem todos os homens são lutadores, assim como nem todos os homens têm disposição ou habilidades naturais para cultivar.

Conversamos quase todos os dias enquanto tratamos da execução dos exercícios. Palavras arrancadas aqui e ali que eles trocam entre si mais tarde, quando voltam para seus entes queridos. É uma tarefa triste e lamentável que devemos empreender enquanto nos encontramos entre escolhas impossíveis. Parece provável que todos os homens cairão quando atacarmos as comunidades shifters. Os orcs pretendem usar os escravos humanos como uma distração do seu ataque principal.

Se os homens não lutarem, as suas mulheres e crianças serão mortas.

E se eles lutarem, serão massacrados pelos metamorfos, deixando suas mulheres e crianças desprotegidas e escravas para sempre.

Não existem opções fáceis. Mas eles fizeram uma escolha, e a sua escolha é liberdade para tantos quantos puderem salvar.

Alguns morrerão, retornando para a Deusa, onde certamente serão valorizados por sua bravura.

Mas se tudo correr conforme o planejado, muitos também sobreviverão.

Uma coisa é falar de planos, preparar-se e dizer que fará algo, mas é muito mais difícil fazê-lo no calor do momento em que você deve agir contra a sua natureza. Alguns vacilarão, mas acredito que a maioria seguirá em frente.

Agora só precisamos decidir quando agiremos – uma tarefa que se torna ainda mais difícil porque os orcs certamente estarão nos observando durante este estágio mais crítico.

"Você tem uma aparência", diz Winter, tirando-me da minha reflexão, "de um homem em uma encruzilhada".

Eu ronrono. Confortar Winter tornou-se instintivo para mim, e meu peito incha ao ver seu corpo suavizar em resposta. O último dia em que a rejeitei foi o mais difícil da minha vida.

"Não modere isso, Jacob", ela diz. "Isso está chegando ao auge. Eu posso sentir isso. Todos no acampamento podem sentir isso."

"A encruzilhada foi ultrapassada", eu digo. "Há apenas uma estrada diante de nós agora."

Seu peito sobe enquanto ela respira fundo.

Deusa, ela é tão linda para mim neste momento, o cabelo uma bagunça por causa da chuva e dos meus punhos, as bochechas um pouco rosadas por causa do cio e os olhos brilhantes como todas as fadas.

Pequena, delicada e incrivelmente triste em seu vestido úmido de escrava e com o hematoma no queixo, e ainda assim de outro mundo em seu esplendor.

Todas as fadas são lindas, mas Winter é de tirar o fôlego, mesmo aqui em sua carroça-jaula, com a garganta cheia de bolhas onde o colar de ferro tocou sua carne.

Estou meio apaixonado pela coisinha quebrada, e essa constatação me abala.

É natural que um Alfa cuide de um Ômega. Às vezes, acreditei estar apaixonado pelos doces Criadores ou Alimentadores com quem compartilhei intimidade.

Isso é diferente , minha voz interior provoca. Parece *diferente* , portanto é diferente.

Meu polegar roça o hematoma em seu queixo. Ela recua, mas não se afasta. Na verdade, ela se inclina ao toque e suas delicadas orelhas de fada ficam rígidas.

Imprimindo, como eles chamam, os estágios iniciais do vínculo, quando um Alfa e um Ômega começam a se alinhar e a desejar o toque um do outro.

Meu polegar desliza para cima, roçando sua orelha delicada, traçando todo o caminho até a ponta da ponta. Ela estremece, os cílios abaixando, as coxas finas se apertando. Meus olhos descem para o ápice de suas coxas escondidas da minha vista, carne quente, úmida e apertada forçada a ceder enquanto eu a enchia com meu pau. Eu me pergunto se ela está dolorida, *aberta* , boquiaberta depois do cio feroz.

Ela foi tão receptiva. A sensação de uma cona quente apertando-me à minha volta, ordenhando-me cada gota de esperma, era puro paraíso.

Eu me pergunto por que demoramos tanto para chegar a este ponto.

Eu me pergunto se teremos mais uma noite juntos antes que nosso mundo imploda.

Enquanto o feitor retorna para me buscar e Winter segue na direção oposta, não acredito que o faremos.

Já repassamos os exercícios muitas vezes, mas hoje temos um senso adicional de urgência.

"Quando um shifter ataca um homem ou orc, você ataca em matilha. Braço com arma, outro braço, garganta ou virilha. Um inimigo que está jorrando sangue está praticamente morto. Não hesite porque a hesitação irá matá-lo. Repita. Braço com arma, outro braço, garganta ou virilha."

Eu disse essas palavras repetidas vezes, fazendo com que eles as repetissem mentalmente enquanto praticamos os exercícios com a espada.

Eu deveria estar dizendo a eles como lutar contra os metamorfos. Os exercícios são repetitivos, de modo que nenhum dos nossos entediados observadores nos presta atenção.

"Quando um homem ataca outro homem treinado, você ataca em dupla. Desativar arma, garganta, axilas, virilha. Se não estiverem usando armadura, a barriga e a parte posterior das coxas. Não hesite porque a hesitação irá matá-lo. Repita. Desative a arma, a garganta, as axilas, a virilha, a barriga ou corte o bastardo por trás. Não somos nobres senhores duelando. Estamos lutando por nossas vidas. Lute sujo, chute, soque e divida o bastardo que está entre você e a liberdade. Se você não fizer isso, fique tranquilo, ele não hesitará em matá-lo."

Enquanto nos reunimos para almoçar no chão escorregadio agitado pela chuva e pelos treinos subsequentes, ficamos quietos e sombrios.

"Estamos perto", diz Dirk enquanto se agacha ao meu lado. "Não acredito que eles irão parar novamente quando sairmos deste local. O cheiro de Shifter é predominante nesta área. Eles saberão que estamos chegando.

Eu concordo. "O bastardo careca disse que ficaremos aqui por alguns dias. Acho que eles estão esperando a entrada de outro exército. Se eles se juntarem, nossa fuga será quase impossível."

"Precisamos agir", diz Jim. "Embora eu esteja com o coração partido e apavorado."

"Não sei se consigo matar um homem", diz outro homem.

"Você deve", diz Dirk. "Se não o fizerem, as nossas mulheres e crianças permanecerão escravas para o resto das suas vidas. Devemos fazer isso juntos, como um só."

"Amanhã", eu digo. "Assim que nos recolherem para os treinos. As mulheres e as crianças devem estar preparadas."

Recebemos licença durante a noite para nos lavarmos em um riacho ou rio próximo antes de retornarmos ao local designado para dormir. Os outros escravos são acorrentados pelos colarinhos e encurralados no centro do acampamento sob a vigilância dos orcs.

Presumo que eles me considerem mais perigoso, dada a minha onda de assassinatos quando cruzamos o portal pela primeira vez, e sempre sou levado para a carroça-jaula.

Quando volto esta noite, descubro que Winter já está lá. Ela deve ter se lavado durante o dia, pois seu cabelo está brilhante e sem emaranhados e ela usa um vestido novo de escrava.

"Jasmine fez isso para mim", ela diz calmamente, desviando o rosto.

Não sei o que fazer com essa versão tímida do Inverno. Ela é uma fada com muitos séculos de idade e memórias que provavelmente remontam à queda da grande cidade de Sendar, e ainda assim nos sentimos estranhamente iguais neste lugar.

O bastardo careca despeja água e comida dentro da gaiola antes de bater a porta e nos trancar. Ele não está tão infeliz como antes, mas certamente não é meu amigo.

Eu me pergunto se precisarei matá-lo amanhã.

Eu me pergunto sobre muitas coisas, e apenas algumas delas são úteis.

"Eu sei que você está planejando algo", diz Winter enquanto o capataz se afasta.

Suspirando, vou até onde ela está sentada.

Um pequeno grito me acompanha puxando-a para meu colo. "Pare de se preocupar, Winter. Coloquei minha língua em sua garganta e meu pau e nó bem fundo em sua boceta. Você ficou sentado aqui todas as noites desde que nos encontramos à mercê dos orcs."

Eu provavelmente não deveria ter falado assim. Agora não consigo parar de pensar no cio. Seu aroma limpo é misturado com um pouco de luxúria enquanto ela responde naturalmente a mim. Seu nariz pressiona meu peito e ela respira fundo, como se estivesse faminta por isso.

Impressão.

Contra todas as probabilidades, sei que é isso que está acontecendo. Apesar de todo o nosso antagonismo entre nós, e apesar do grande abismo entre um guerreiro inferior e um Sangue superior, meus instintos não mentem. Estou sintonizado com ela de maneiras que vão além da minha experiência anterior com a Fusão.

Ignoro a comida e a água. Tenho fome apenas de uma coisa.

"Deixe-me ver", eu digo. Os olhos de Winter brilham sob a luz fraca enquanto passo meu dedo ao longo do hematoma. "Parece um pouco melhor. Se ao menos você pudesse se curar.

Parece a coisa mais natural enterrar minha mão em seus gloriosos cabelos ruivos dourados e capturar sua próxima respiração em minha boca.

Ela geme, pequenas mãos agarrando meus ombros antes de se contorcer, levantando-se e montando em mim enquanto ela me beija corajosamente de volta.

Minha frequência cardíaca dispara, mesmo quando meu pau se enche de sangue. Este aqui é o caminho natural de uma fada. Eu a puxo com força contra mim, esmagando sua suavidade na parede dura do

meu peito. O beijo esquenta, línguas se enroscam, bocas se curvam enquanto engolimos os gemidos um do outro.

Minhas mãos deslizam sob a bainha de seu vestido para segurar sua bunda rechonchuda. Eu aperto, deliciando-me com seu gemido necessitado.

Afastando os lábios, ela dá pequenos beijos em meu rosto e garganta, pequenas mãos mergulhando em minhas calças e liberando meu pau.

O pré-sêmen logo vaza por todas as mãos enquanto ela as bombeia para cima e para baixo. Estou tão chapado com seu cheiro e sua selvageria que tudo que posso fazer é me submeter e deixá-la fazer o que quer.

"Porra!" Murmuro enquanto ela recua agilmente e chupa a ponta do meu pau em sua boca. Suas bochechas ficam encovadas e suas mãos pequenas trabalham nas partes que ela não consegue colocar na boca. Prendendo seu cabelo, luto contra a vontade de gozar enquanto sou presenteado com a visão dela me adorando.

Meu pau parece obsceno em suas mãozinhas delicadas. Ela gira a língua ao redor da ponta antes de chupá-la na boca. Meus quadris sacodem. Tento tirá-la antes de disparar a porra da minha carga.

“Eu vou gozar,” aviso enquanto minha espinha formiga e minhas bolas lutam para subir.

Ela cantarola ao redor do meu pau, a língua açoitando a parte inferior e a ponta sensíveis, mãos pequenas massageando o eixo da maneira certa.

Eu gozo, os dedos rasgando seu cabelo, os quadris balançando enquanto derramo carga após carga em sua garganta. Ela engasga apenas um pouco enquanto suga tudo avidamente. O nó na base coça, embora não inche.

Faço uma segunda tentativa de extrair seus lábios do prêmio, mas tenho uma batalha nas mãos. Meu pau ainda está duro como pedra, parecendo exigir que eu dê um nó na doce fada Omega, que deve ser arrancada.

Ela rosna para mim. Eu rio. É certamente o rosnado mais fofo que já ouvi. Arrastando-a, coloco meus lábios nos dela. Posso sentir meu gosto, mas não me importo muito. Minha mão já está sob seu vestido, acariciando as dobras lisas entre suas coxas antes de enfiar um dedo profundamente.

Ela choraminga na minha boca, os quadris se movendo em incentivo para eu dar mais a ela. Enfiei um segundo dedo dentro de seu canal escorregadio e coloquei meu polegar sobre seu clitóris. Engolindo seus gemidos necessitados, encontro o pequeno pedaço áspero de sua

glândula escorregadia em sua parede interna e, prendendo-a pela cintura para mantê-la imóvel, dedilho-o com as pontas dos dedos.

Ela fica selvagem, apertando e jorrando sobre meus dedos, contorcendo-se enquanto monta minha mão antes de tentar escapar do meu toque quando fica demais. Arrastando meus lábios dos dela, mordo suavemente a concha de sua orelha.

Fica rígido e ela enterra os dentes no ponto crucial do meu ombro. Sua boceta jorra sobre meus dedos, e seus músculos internos apertam com tanta força que quase esmagam meus dedos.

Quero jogá-la de costas e abraçá-la, mas também quero segurá-la. Ela está agarrada com tanta força que acho que não tenho escolha. Então ouço: um som meio abafado e sufocado enquanto ela tenta sufocar as lágrimas. Envolvo meus braços em volta dela e enterro meu nariz em seus cabelos. Seu cheiro me sufoca, e não consigo me cansar dele.

“Amanhã”, ela diz. “Isso vai acontecer amanhã, não é?”

“Sim”, eu digo. Meu pau finalmente amolece enquanto Winter soluça em meus braços. “Você precisa estar pronto, Winter. Eu vou te contar o que foi planejado.”

CAPÍTULO DEZESSETE

Jacó

O INVERNO APEGA-SE a mim durante toda a noite. Acho que nenhum de nós consegue mais do que alguns momentos de sono. Já estive em conflitos planejados antes e esta é a natureza deles. A maioria dos homens não dorme muito na noite anterior. Muitos caem no esquecimento do álcool e ficam estúpidos quando precisam se levantar e lutar.

O velho Cecil não tolerava isso entre os guerreiros, mas alguns ainda enfiavam um frasco nos bolsos e ceavam generosamente com isso.

Não há álcool aqui, mesmo que eu deseje. Nosso inimigo tem a vantagem de dormir como bebês, enquanto nós, os escravos que tentamos escapar, passamos a noite perdidos em preocupações.

Eu me convenço de que este é um plano mal concebido que nos matará a todos.

Então me lembro que todos morreremos iminentemente quando formos forçados a lutar contra os metamorfos, se não o fizermos.

Eu disse a Winter o que vai acontecer. Duvido que tudo corra exatamente conforme o planejado. De qualquer forma, ela deve estar pronta para pegar Melody quando lançarmos nosso ataque. Eu me preocupo com essa parte. A criança é doutrinada e vê os orcs como seus protetores. Mas ela também mostra uma forte ligação com Winter, e espero que isso desequilibre a balança.

A outra escrava que a acompanha na maioria dos dias também me preocupa. Jasmine está bem integrada e acasalada com um escravo superior. Existem muitas variáveis e oportunidades de fracasso. Mas esta é a nossa única oportunidade e temos de agir.

Rezo para que a criança não comece a gritar enquanto fugimos.

Eu oro por muitas coisas.

Quando o feitor careca chega, Winter só se agarra um pouco. Seu rosto está inchado de lágrimas, o que certamente chamará a atenção se alguém notar. Dou um último beijo enquanto o capataz abre a porta da jaula antes de nos virar as costas.

“Nós vamos superar isso, Winter”, eu digo. “Persuadir a criança. Essa é a coisa mais importante que você pode fazer.”

“Eu vou”, ela diz.

Então vou embora, saltando da carroça-jaula pelo que espero seja a última vez.

Eu não olho para trás.

Não posso.

Mas sinto os olhos de Winter em mim.

Quando chego à clareira, os escravos e os homens estão todos presentes... mas não as espadas de madeira.

Eu franzir a testa. Onde diabos estão as espadas de madeira? Vejo meus companheiros escravos se arrastando, com olhos esquivos. Eu lanço-lhes um maldito olhar. Aconteça o que acontecer ou não, precisaremos nos adaptar. Eles estão todos nervosos. Se continuarem assim, até o infeliz careca perceberá que algo está acontecendo.

Eu deveria estar pegando o supervisor pela garganta agora. Deveríamos estar implementando nosso plano, mas será muito mais difícil sem sequer uma espada de madeira.

“Onde diabos estão as espadas de treino?” careca rosna para o orc mais próximo.

As narinas do orc se dilatam quando ele balança a cabeça em nossa direção.

“Não grite comigo, humano”, ele rosna, os olhos negros estreitando-se sobre o feitor.

“Vou pegar a porra das espadas”, digo.

“Você não vai conseguir a porra das espadas”, diz Careca, apontando um dedo para o orc. “O que aconteceu com Dougie?”

O orc sorri. “A caçada foi ruim ontem à noite.”

Careca empalidece. Não tenho nenhum amor por Dougie, que sempre esteve pronto com seu clube, mas até eu me sinto um pouco enjoado.

“Espero que esteja ruim novamente esta noite”, continua o orc, o rosto largo se abrindo em um sorriso.

Eu me preparo quando o orc levanta o machado e o acerta direto no topo da cabeça do feitor. Ele quebra como um melão maduro e respinga sangue.

"Agora!" — grito, pegando a espada do feitor enquanto ele desliza para o chão da floresta.

O machado do orc está preso e ele não consegue retirá-lo rapidamente. Contornando-o, eu o amarro enquanto ele ainda luta para libertar seu machado.

Os escravos reagem muito lentamente. Orcs avançam. Um homem é lançado voando quando um porrete o derruba. É como se eles tivessem esquecido cada palavra que eu disse.

"AGORA!"

Enquanto corro em direção a eles a todo vapor, os metamorfos finalmente mudam. Sem espadas, seu poder e dentes são os únicos meios confiáveis de ataque.

É confuso e caótico, mas eles derrubam o primeiro orc, enquanto outro invade a massa de escravos indefesos, derrubando mais dois. Eu encontro o golpe do próximo orc, sentindo-o reverberar por todo o meu braço. “Pegue o clube!” Eu grito.

Eu troco golpes com o orc. Ele é um bastardo corpulento e facilmente tem o dobro do meu peso. Um shifter salta de lado, fechando as mandíbulas desajeitadamente em volta da garganta.

É o suficiente. Minha espada corta, encontrando a barriga do orc. Ele cai no chão, os dedos procurando pela fenda aberta.

Um orc sai correndo da clareira e três shifters o derrubam no chão.

A luta é feia e mortal para ambos os lados. O sangue flui e homens e orcs caem.

Mas lutamos pelas nossas vidas e pelas vidas daqueles que amamos, e essa é a motivação mais poderosa.

A Deusa está conosco hoje, e enquanto estou sobre o corpo de um orc caído, com o peito arfando, descubro que a maioria dos homens ainda está milagrosamente aqui, assim como todos os sete metamorfos.

Armas orcs estão reunidas. Alguns homens são feridos e apressadamente amarram ou estancam o sangue da melhor maneira que podem.

Eu concordo. "Está na hora."

Inverno

“Mamãe!”

Ao entrar na tenda de Melody, encontro Bard lá. O calor percorre meu corpo com esse desenvolvimento inesperado. Seus ombros enrijecem enquanto ele percebe os problemas causados pelas lágrimas em meu rosto. Então, uma grande confusão vem de trás da tenda e seu foco muda para a entrada.

Jasmine ainda não chegou. Preciso agir, mas tudo está passando por um túnel e não consigo me recompor.

“Vou levá-la”, digo. Minhas mãos tremem e meu corpo está tenso. Não sei como farei isso acontecer. Eu só sei que vou.

Os olhos de Bard se arregalam e seu rosto se contrai com emoções que não consigo determinar facilmente.

"Onde estamos indo?" Melody canta com sua voz doce e aguda. “Ainda não tomei café da manhã.”

A aba da tenda se abre e Jasmine entra, sem a bandeja que ela costuma trazer. “Algo está acontecendo no norte do acampamento”, diz ela, com estresse em sua voz. “Seus guardas foram embora!”

“Vamos viajar”, Melody canta.

Meu estômago se revira. Não posso lutar contra os dois. Eu não *quero* lutar contra eles. Espero que Jacob entre na tenda a qualquer momento, mas também não quero que ele lute contra eles.

“Pegue sua capa, Melody”, diz Bard.

"Yippee!"

"O que-"

“Ajude-a com a capa, Jasmine,” Bard interrompe. Ela se apressa em cumprir sua ordem.

“Seu companheiro está por trás disso?” Bard me pergunta.

Eu concordo. Bard está me ajudando? Ou ele está prestes a levar Melody e eu direto para o mestre orc? Meu coração bate forte dentro do meu peito. Eu falhei. Não consigo aceitar o fato de ter falhado tão rapidamente.

Jasmine franze a testa enquanto recupera a capa de Melody, lançando um olhar por cima do ombro para Bard e para mim. Melody tagarela animadamente, felizmente alheia aos tons.

Bardo se agacha. “O inverno vai tirar você daqui, Melody. Você precisará ser uma boa menina para ela e ficar bem quieta.

Minha respiração escapa em um pequeno silvo enquanto o alívio surge através de mim. Além das paredes da tenda, o rugido de gritos e gritos faz minha ansiedade aumentar novamente.

"Você está vindo?" Melody pergunta a Bard, com a voz trêmula agora.

Ele balança a cabeça. “Você deve se mover rapidamente, e eu apenas iria atrasá-lo.”

“Vejo você mais tarde? Depois da aventura?

Quando ele balança a cabeça novamente, o rosto de Melody desmorona.

“Você deve ser uma garota corajosa para mim, Melody, como você era no dia em que as fadas das trevas chegaram, e sua mãe e seu pai me confiaram para levá-la para um lugar seguro. Você confiou em mim naquela época e deve confiar em mim agora. O inverno o levará ao Sanctum e você verá todas as maravilhas sobre as quais conversou com ela. Eu rezo para que você os veja. Rezo para que nunca mais o veja, pois isso significará que você está lá e seguro.”

Ela se joga em seus braços, soluçando.

Ele a segura com a mesma força.

Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos, mas fora da tenda, os sons da batalha aumentam.

“Seu bardo está velho agora, criança preciosa. Você é tão jovem e um dia espero que me perdoe por algumas das verdades que escondi de você. Quando você for mais velho, oro para que você entenda. Mas agora você deve ser corajoso e deixar Winter levá-lo, pois ela o levará para um lugar melhor.

Minha garganta está sufocada. Nunca suspeitei que ele pudesse estar com ela há tanto tempo. Nunca pensei que aquele bardo pudesse não ser seu nome, mas sim seu título e quem ele era para essa jovem fada em sua vida passada, antes de ela ser lançada no terror.

Ele se levanta, incitando-a com uma mão gentil em seu ombro a vir até mim. Com os olhos cheios de lágrimas e os lábios trêmulos, Melody desliza sua pequena mão na minha.

A confiança representada nessa união de mãos é quase avassaladora. A magnitude do que procuro fazer e a responsabilidade pela segurança de Melody são como um banho de água fria, enviando pensamentos mais uma vez para uma clareza nítida e reafirmando o propósito.

“Seu companheiro?” Bard pergunta a Jasmine.

“Ele está lá fora”, diz ela. “Não vendo nenhum guarda orc lá, ele não faria mais nada.”

"Vá com eles. Os orcs matarão os outros escravos se algum escapar. Fugir é sua única esperança.”

Ela assente. Pela segunda vez, meu estômago se revira diante da enormidade do que estamos tentando fazer e das consequências para

todos neste campo. Parece imprudente, mas viver como um escravo sem direitos, com a constante ameaça de punição ou morte, é viver uma meia-vida.

Uma meia-vida é melhor do que nenhuma?

Eu não tenho a resposta.

Curvando-me, pego Melody em meus braços, onde ela obedientemente se agarra.

Com um último olhar para Bard, saímos da tenda, no momento em que uma tropa de orcs passa correndo.

"Inverno!" O grito de Jacob corta o tumulto. Com ele estão shifters, homens, mulheres e crianças. Meu coração parece que se quebra dentro do meu peito. Ele me disse que as famílias estavam sendo mantidas como reféns para forçar seus homens a lutar. Mulheres segurando bebês contra o peito e crianças, mais novas e mais velhas que Melody, fogem para a floresta.

Ao lado da tenda de Melody está um enorme mestiço humano e orc. Com a pele branca como a neve, ele parece um orc em todos os sentidos, exceto na cor e nos surpreendentes olhos azuis. Olhos de lobo, como eles os chamam, pois todos os shifters os possuem. Os humanos também podem ter olhos azuis brilhantes, mas algum sexto sentido me diz que esse escravo é um shifter.

“Nós vamos com eles”, Jasmine diz a ele. "Está na hora."

Ele balança a cabeça e, diante dos meus olhos, esse imponente meio-homem brutal se transforma em uma grande fera com presas e pelo branco como a neve. Ele não é um lobo, nem qualquer criatura que eu tenha visto antes. Ele é um pesadelo e ainda assim resplandecente em sua monstruosidade que instila horror, com suas mandíbulas selvagens, a parte inferior saliente, olhos azuis selvagens e garras do tamanho de adagas curvas que brotam das patas dianteiras e traseiras.

Ele bufa quando Jasmine coloca a mão gentilmente no pelo de sua pata dianteira.

“Você é linda”, ela diz. “Eu sonhei em ver sua forma de besta um dia. Que a Deusa guie sua fúria.”

Grande focinho erguendo-se para o céu, ele emite um rugido selvagem.

Jacó

A notícia do que fazemos se espalhou. Alguns escravos ficaram do lado dos orcs, mas outros se juntaram a nós.

Eu luto. Há combates por toda parte enquanto fugimos para a floresta. Meu corpo está banhado em sangue, grande parte do qual é meu. Estou cansado. Preciso de sangue, mas não há nenhuma brecha onde eu possa procurar Winter para alguns.

A nossa revolta não é sem esperança, pois não estamos sozinhos. Parece que as comunidades shifters que os orcs atacaram estão observando. Poderosos shifters Alpha, capazes de manter o meio turno, também lutam contra os orcs.

Depois, há a fera branca que se transformou diante dos meus olhos. Seu pelo branco está coberto de sangue agora, suas presas afiadas entupidas de sangue onde ele espetou nosso inimigo. Ele é a criatura mais terrível e inspiradora que já vi e luta com uma selvageria sobrenatural enquanto nos ajuda a proteger as mulheres e crianças em fuga.

As encostas mais baixas da montanha são íngremes, tornando o nosso voo mais árduo à medida que subimos a encosta.

Eu luto ao lado da fera branca, junto com Dirk, Jim, os outros metamorfos e aqueles homens que ainda conseguem empunhar suas armas roubadas.

Um orc ataca. Eu desvio e corto. Dirk e Jim convergem para me ajudar a derrubá-lo.

Eu estou exausto. Todos nós somos. Mas devemos estar vigilantes enquanto o nosso povo foge.

Um grito aluga o ar. Orcs flanquearam nossa direita. O outrora próximo grupo de mulheres e crianças se dispersa. Nós nos viramos, tentando interrompê-los, mas a luta toma um rumo desesperador à medida que mais orcs atacam. Um uivo, distante, é captado por outros, e shifters Alfa ainda mais poderosos passam por nós.

Nós nos espalhamos mais longe. Estou isolado enquanto os dois lados poderosos lutam.

Dou uma volta completa, com o peito arfando, em busca de Winter.

Um flash de cabelo ruivo dourado à minha esquerda, e eu a vejo correndo entre as árvores, com um orc em sua perseguição.

Com um rugido, eu corro atrás deles.

Inverno

No vaivém da luta, ficamos isolados dos outros. Melody se agarra a mim enquanto subo a encosta íngreme. Jacob está atrás de nós, lutando com um orc. Eu soluço enquanto cambaleio para frente. A fuga selvagem minou minha energia, mas o medo de que eles levem Melody me motiva.

Não sei como Jacob ainda pode estar lutando. Não sei como ele pode lutar sozinho contra um orc. Eu reverencio suas habilidades que certamente são enviadas pela Deusa.

"Continue!" ele grita, sua voz pouco mais que um rouco.

O barulho do metal é implacável e olho para trás para vê-lo matar um feitor humano. Eles querem o filho, eu percebo.

Sigo em frente, tropeçando, joelhos, mãos e pés arranhados e sangrando enquanto luto pelo chão áspero da floresta.

"Segurar!" Sua palavra é um suspiro áspero.

Faço uma pausa, virando-me para olhar por cima do ombro. Meu sangue gela ao ver as feridas selvagens espalhadas por seu corpo e rosto. Estamos a uma pequena distância do combate mais próximo.

“Preciso de sangue”, diz ele.

Minha mente fica branca por longos momentos antes de voltar.

Balanço a cabeça lentamente, recuando.

"Inverno."

Há um aviso em sua voz. Ele balança um pouco. Ele está chegando ao seu limite. Se eu alimentá-lo agora, ele não conseguirá evitar comer demais.

"Não!"

Ele rosna, caminhando em minha direção. “Você já me alimentou antes. Você precisa me dar sangue se não quiser que todos nós morramos!

"Eu não posso!"

“Você está maluco? Olhe para mim!" ele ruge.

Só que não consigo olhar para ele. Sinto-me mal quando olho para ele e noto todas as feridas graves. Será preciso muito sangue para curá-lo. Se eu der a ele tudo o que ele precisa, ele vai me drenar. Uma vez que o poder do sangue está sobre um guerreiro, ele não pode evitar, especialmente com sangue elevado, como o meu. Ele se tornará selvagem e me drenará, talvez me levando além daquele ponto natural de parada e me drenando até que eu morra.

Não conto a ele meus medos, pois eles são frágeis e monstruosos e me estrangulam.

Ele respira fundo, narinas dilatadas, rosto banhado em sangue.

Um grito vem de baixo da encosta. Mais estão vindo em sua perseguição.

Nossos olhos se travam. Os de Jacó estão desolados de uma forma que vai além de seu corpo despedaçado.

É o olhar de traição, como se ele não me reconhecesse.

Mas esta sou eu , percebo amargamente. O verdadeiro eu.

Traição profunda. A impressão que começou entre nós faz da minha negação ao seu pedido a mais dolorosa das feridas.

Meus lábios tremem. Nós vamos morrer de qualquer maneira se eu não o alimentar.

Houve um tempo em que eu dava meu sangue gratuitamente por pedir.

Eu quero tanto confiar em Jacob.

Por que não posso confiar nele?

Ele não se vira para ver o que está por vir, mas eu vejo e, com isso, vejo o nosso fim.

“Faça um portal. Estamos isolados dos outros escravos agora. Não podemos mais ajudá-los. Não posso mais ajudá-los.”

Ele não diz as palavras, mas eu leio o subtexto mesmo assim. Gravemente ferido, ele não pode lutar por muito mais tempo sem meu sangue.

“A criança tem habilidade. Se ela fizer um portal, você poderá guiá-lo. Faça um portal e corra, e não olhe para trás. Vou segurá-los enquanto puder. Você não pode deixar que eles te levem. Você não pode deixá-los levar a criança.”

Eu vacilo, dividida entre o desejo de dar-lhe o sangue que ele precisa e ainda trancada pelos meus medos. Não posso fazer o que deveria. Estou quebrado e ele está prestes a morrer para que eu possa viver.

“Venha conosco”, eu imploro.

Ele oscila em pé antes de parecer se levantar. As vaias e os gritos estão se aproximando.

"Correr!" ele rosna antes de se virar e encontrar a lâmina.

Eu corro.

“Faça o portal, Melody. Pegue a pedra angular e chame o portal.”

“Não podemos deixá-lo”, ela soluça.

Golpe após golpe, defesa após defesa e outro inimigo cai.

Seguimos cambaleando, Jacob virando-se para atacar nossos perseguidores sempre que eles se aproximam demais.

Como ele continua lutando, eu não sei.

Não há tempo para lhe dar sangue agora, mesmo que eu conseguisse oferecê-lo.

“Ele está me seguindo”, minto. E a Deusa me derruba. Essas palavras certamente me assombrarão pelo resto da minha vida.

Ela pega a pedra angular com a mão direita, entoando palavras murmuradas enquanto é empurrada enquanto eu subo a encosta íngreme.

Atrás de nós vem um grito desumano. Olho para trás e vejo Jacob correndo para o nosso lado, onde outro capataz tenta flanquear nossa fuga.

Diante de mim, um portal cintilante se transforma na floresta, ondulando e lançando luz, crescendo.

Eu me esforço. Cada passo é árduo, músculos e pulmões queimando em protesto.

De trás vem o barulho de metal, grunhidos e rosnados. Perto, muito perto.

Fecho minhas mãos sobre as dela, dizendo as palavras de orientação enquanto atravessamos a esfera cintilante até o caos retorcido e giratório do nada.

Caio de joelhos, mal protegendo a criança da queda.

Rosnados e grunhidos seguem quando Jacob e um orc passam ao nosso lado.

O orc está morto.

A espada de Jacob está enterrada em suas entranhas.

Gritos selvagens seguem enquanto os guardas do portal avançam.

O portal se fecha com um grande *barulho* .

O estalo surdo quando o crânio de Jacob se choca com o chão de pedra é alto e horrível.

"NÃO!"

Cambaleio em direção a ele, Melody ainda agarrada aos meus braços.

Nossos olhos se encontram. Ele ainda está consciente, apenas.

As pessoas estão correndo para nós.

“Inverno, alimente-o!” alguém ruge.

Mas não posso, e quando me ajoelho sobre ele, indefeso, minha chance de salvá-lo desaparece quando seus olhos se fecham.

Para meu eterno horror, ele começa a ter convulsões no chão.

CAPÍTULO DEZOITO

Inverno

HÁ SUAVIDADE embaixo de mim e suavidade acima quando meus olhos piscam, me levando a uma vigília distorcida.

O abajur na mesinha de cabeceira lança uma luz fraca sobre o quarto e o homem ao lado da minha cama.

"O que aconteceu?" o rei pergunta.

Sua túnica carmesim profunda é elaboradamente bordada com costura dourada. Com cabelos escuros e ondulados e uma barba bem aparada, seu belo rosto parece incomumente magro.

Houve um tempo em que eu o considerava tão próximo quanto um amigo e seus olhos fixaram os meus com sensibilidade.

Hoje, eles fazem apenas perguntas.

Hoje ele não é meu amigo.

Hoje ele é meu rei.

"Inverno?"

As palavras me escapam. Eles não podem se formar em minha mente nem passar pelos lábios ressecados.

“Winter, se você não me contar, eles vão torturá-lo até que ele morra ou nos conte ele mesmo.”

Ainda assim, não posso responder.

“Você salvou uma criança fada”, continua o rei. “Aquele que é jovem e ainda tem sangue superior ao meu.”

As palavras passam por mim, sem encontrar tração em minha mente.

“Ele quase morreu”, continua o rei, com frustração em seu tom. “Você não o alimentou. Por que você não o alimentou?

Ainda assim, não posso responder.

“Precisamos saber o que diabos aconteceu.”

Silêncio.

“Precisamos saber se ele é o culpado!”

Silêncio.

"Nós precisamos saber!"

Então ele se foi.

Fiquei flutuando no vazio.

O tempo passa

Às vezes, acordo e encontro o rei sentado na cadeira de encosto alto diante da janela.

Às vezes, acordo e encontro a criança sentada na mesma cadeira, com o rosto solene, uma jovem fada Criadora ao seu lado.

Às vezes não acordo, mas ouço as vozes. Vozes ásperas, vozes irritadas, vozes persuasivas.

E ainda assim, não consigo falar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Jacó

DOR.

Consome todos os meus momentos de vigília e me persegue no esquecimento dos sonhos perturbadores.

É um espectro pousado em meu ombro, sussurrando em meu ouvido.

“Conte-nos”, incentiva o espectro.

No entanto, não posso falar.

Eu só posso suportar.

Os dias vêm e vão, e a dor é minha única companheira em tudo isso.

No fundo, o lugar onde o amor florescente uma vez cresceu murcha e vira cinzas.

Imprinting, eles chamam, quando um Alfa e um Ômega iniciam o processo de ligação que os une pelo resto de suas vidas de maneiras mais fortes até mesmo do que a Fusão.

Penso nela com frequência, a doce fada de cabelo ruivo dourado.

Eu a vejo aninhada em meu colo, com o nariz no meu peito enquanto ela suga avidamente meu cheiro.

Sinto o gosto de sua pele enquanto nos amamos no meio de uma tempestade.

Sinto seus beijos, urgentes, salpicados em meu rosto e garganta.

Sinto o cheiro doce de sua mancha enquanto ela se reúne apenas para mim.

E vejo seu rosto torcido em êxtase enquanto a encho com meu pau e nó.

Por último, seu rosto olhando para mim, vazio de qualquer emoção enquanto os guardas do portal gritam para ela me dar sangue.

Nenhum sangue passou pelos meus lábios.

Pelo menos não então. Posteriormente, meus algozes me deram alguns, mas isso só foi feito para prolongar minha vida, para que os espectros pudessem me submeter a mais dor.

“Conte-nos”, incentivam as vozes. “Ela não é sua companheira. Ela não é seu sangue. Ela nunca é para você. Conte-nos e a dor irá embora.”

Eu não acredito neles de forma alguma.

Eles recompensam minha resistência com infinitas camadas de mais dor.

"Quebrar. Quebrar. Quebrar."

As palavras me afetam, entrando e saindo do sofrimento eterno.

"Quebrar. Quebrar. Quebrar."

Eu não quero quebrar.

Eu quero morrer antes de querer quebrar.

Mas sou um guerreiro, um jovem de apenas vinte e três anos. Os espectros estão fora de todas as outras categorias, pois são os Escolhidos, aqueles capazes de manter e exercer o poder, quando todos os outros só podem fazer uma coisa.

"Quebrar. Quebrar. Quebrar."

Eu resisto.

A morte seria bem-vinda, mas eles são habilidosos e a morte não chega.

"Quebrar. Quebrar. Quebrar."

Eu luto contra isso com minha mente e corpo. Eu luto contra isso com meu coração e alma.

"Quebrar. Quebrar. Quebrar."

Mas finalmente, não posso mais lutar.

Desencilhar.

Eu quebro.

CAPÍTULO VINTE

Inverno

Eu flutuo em um vazio pacífico de nada, perturbado apenas por fragmentos ocasionais de conversas sussurradas.

A consciência é uma intrusão rude, arrastando-me para a superfície do meu lago outrora tranquilo.

Desencilhar.

Essa palavra me cutuca através da fumaça da confusão, forçando minha mente à plenitude do despertar.

Eles usaram o untether **.**

Essa revelação deixa minha respiração difícil e faz meu coração bater forte nas costelas. Um único grito de horror irrompe da minha garganta. Levanto-me fracamente, lutando contra as cobertas, minha mão direita pressionada no centro do peito, onde a amarração causou danos invisíveis.

Como?

Eu não percebi a profundidade da nossa impressão até que ela foi arrancada. Foi muito mais forte que a ligação ou mesmo a fusão.

Impressão . Dificilmente parece possível que tenhamos iniciado o processo de impressão, mas meu coração dolorido me diz que foi assim.

"Não!" Pensamentos frenéticos crescendo, elevando-se a uma abominação musical que é toda discórdia e angústia.

Abrindo os olhos, luto para respirar em meio a pensamentos tumultuados.

“Sim”, a resposta falada em voz baixa traz alguma firmeza ao ataque maníaco.

Eu caio para trás, ofegante, suando e tremendo.

Longos minutos se passam enquanto eu recupero o juízo do sono. Com movimentos lentos e medidos, viro-me para considerar Blue, o Escolhido cuja duração de vida eclipsa em muito até a minha como sangue elevado.

Ele não se levanta da cadeira ornamentada em que está sentado, mas seus olhos geralmente frios oferecem uma medida de compaixão.

Compaixão de um Escolhido? Oh, quão terrível deve ser meu destino.

"Não", repito fracamente desta vez. Sinto-me como um pano úmido que foi espremido com as últimas gotas de água - fraco, exausto e vazio.

"Eles iam executar Jacob", diz ele, sem qualquer sinal de inflexão ao entregar esta terrível notícia. "Ele permaneceu preso durante seu longo sono em direção à recuperação. Eles o torturaram por muitos dias e semanas e, ainda assim, ele não disse nada sobre o que aconteceu. A fusão entre vocês dois era anormalmente forte, o que é impressionante, dado o quão pouco você supostamente o alimentou. Você manteve toda a lealdade dele, mesmo ao custo de sua vida."

Meu coração bate de forma errática e meu estômago vazio se revira.

"Foi apenas o velho Cecil implorando para que o Meld fosse quebrado que salvou sua vida. Tudo o que eles haviam feito anteriormente ao guerreiro foi feito novamente dez vezes, até que finalmente a corda se rompeu."

Jogo a cabeça para o lado da cama bem na hora em que meu estômago vomita bile no chão de pedra.

Um servo se aproxima da minha periferia quando termino, limpando a bagunça. Depois, ela leva um copo d'água aos meus lábios. Tremo tanto que a maior parte cai sobre a cama e sobre mim.

"Após a desvinculação, fomos capazes de sondar sua mente."

Tudo, eles sabem absolutamente tudo.

"Uma decisão foi tomada", diz Blue, levantando-se da cadeira com uma graça sinuosa.

Meu estômago começa a revirar novamente. Se eu tentar fazer qualquer coisa além de respirar, vou esvaziar o gole de água no chão.

"A mudança virá", diz ele ameaçadoramente. "As leis não estão sendo escritas – leis relativas à vinculação."

A morte seria mais acolhedora do que esse destino.

"Você vai se tornar o primeiro", ele continua, seus olhos estranhamente azuis encontrando os meus. A compaixão está de volta. "O primeiro mestre presenteado a um guerreiro – um guerreiro libertado da prisão."

Virando-se, ele se afasta, as botas tocando o chão frio de pedra.

A porta range e depois silêncio.

Meu choro triste se transforma em um lamento agudo e agudo. Estou me quebrando em pedaços. O choque me consome, tão profundo que perfura o tecido da esperança e o transforma em pó.

Esta é a minha morte.
Este é um caminho para o inferno.
É uma retribuição para Jacó.
É a minha ruína.

CAPÍTULO VINTE E UM

Jacó

SUA CONSCIÊNCIA Apunhala como uma faca em meus pensamentos.

Em breve estarei livre das antigas leis de vinculação.

Ela sabe.

A escuridão me acolhe em seus braços, junto com a amargura e um doce desejo de vingança que eu até então não sabia que fazia parte da minha constituição. Não hesitarei em dedicar-me obedientemente à árdua tarefa de reparação. Uma febre vertiginosa aumenta com a ideia de tirar o rico sangue de Winter da veia em sua garganta.

Eles me deram um pouco de sangue de um Alimentador. Enquanto ainda me torturava, foi apenas o suficiente para me impedir de morrer. Depois que a corda foi rompida e suas perguntas respondidas, eu estava livre para ter o quanto quisesse.

Eu não quero isso, no entanto. Eu quero apenas *o dela* .

A impressão não me serviu bem após reflexão. No meu coração tolo, eu estava meio apaixonado e quase ligado a Winter. Eu não responderia a nenhuma pergunta, sabendo instintivamente que iria prejudicá-la se contasse a verdade.

À medida que o tempo passou e a tortura ganhou inventividade e crueldade e a dor se tornou minha amiga inesgotável, eu teria contado a eles tudo e qualquer coisa.

Mas o imprinting e o Meld trabalharam contra mim. Minha boca poderia muito bem ter sido selada.

Rumores sussurrados me dizem que Winter nunca foi drenada e que ela deixa os guerreiros morrerem em vez de dar seu precioso sangue.

Ela quase me deixou morrer. Memórias de uma versão mais doce de Winter são substituídas pela imagem dela inclinada sobre mim, me observando cair na inconsciência.

Tudo vai mudar agora.

A fusão e a ligação de nossa impressão já foram destruídas. Em breve, a antiga ligação também desaparecerá, por decreto do rei.

Outrora guerreiro e escravo, agora serei livre.

Livre para destruí-la como ela me destruiu.

Quantas vezes serão necessárias até que ela se quebre? Quero tanto que ela quebre que mal reconheço o monstro que me tornei. As memórias ainda estão frescas tanto da nossa perigosa busca quanto da tortura subsequente após nosso retorno. Meu corpo ainda carrega os restos sangrentos de cortes e cicatrizes, onde ferramentas sondaram meus delicados órgãos internos até a loucura.

Eles vão curar. Mas será o sangue de Winter que me curará.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Inverno

“EU QUERO vê-lo”, eu digo.

“Isso seria imprudente”, diz Blue. Meu sempre vigilante Escolhido foi meu único visitante nos últimos dias. Mesmo o rei não visita, nem a doce criança fada, Melody.

"Eu preciso vê-lo."

Ele suspira, levantando-se da cadeira em um movimento sinuoso do qual meus olhos querem desviar. “Eu vou providenciar isso”, diz ele.

Pouco depois, os criados chegam com comida. Como pouco, não tenho apetite.

Um vestido está colocado no fundo da minha cama enquanto brinco com a comida. Faz muitos dias que não uso vestido. A caprichosa criação de seda azul e renda não parece mais me pertencer.

Terminada a comida, tomo banho antes que a criada me ajude a vestir o vestido. Parado diante do espelho, olho para o estranho ali.

Eu daria qualquer coisa para voltar no tempo. Aninhar-se no colo de Jacob vestido apenas com um vestido de escravo. Sentir suas mãos grandes e ásperas enrolarem suavemente uma tira de cobertor em volta da minha garganta para protegê-la da dura coleira de ferro.

Para ouvir seu ronronar.

Para respirar seu perfume em meus pulmões.

Para provar sua essência salgada em minha língua.

Sentir seu corpo forte engaiolar o meu enquanto ele me arrasta pelo chão áspero da carroça.

Para dar a ele meu sangue.

Este lindo vestido não combina comigo. Eu deveria estar usando trapos.

O servo se curva. “Os guardas irão levá-la agora, senhora, se estiver pronta.”

Não estou pronto, mas pedi isso. Apesar da dor que prevejo ao vê-lo, minha alma precisa que isso seja feito.

Do lado de fora da minha câmara, dois guerreiros esperam por mim. Como um prisioneiro, sou escoltado, minhas botas ressoando nas lajes enquanto caminhamos pelos corredores. Não vamos para os níveis mais baixos onde os guerreiros estão alojados, mas para os níveis mais altos, subindo escadas sinuosas e entrando na torre mais alta do Sanctum.

Um guerreiro para na porta. Ao meu aceno, ele a abre sem sequer bater.

Eu passo e ele se fecha atrás de mim com um clique.

Ele está deitado na cama como se estivesse dormindo. Meus passos soam insuportavelmente altos na sala silenciosa quando me aproximo. Uma fina tira de pano cobre a área da virilha, deixando a parte superior do corpo e as pernas expostas. Seus olhos estão fechados, o peito subindo e descendo em respirações constantes. Mesmo em repouso, ele é a imagem de um guerreiro, com seu belo corpo coberto de milhares de cortes.

Eles ainda choram em alguns lugares. Esses seriam os piores, aqueles em que os cirurgiões usavam suas ferramentas para sondar delicados órgãos internos. Eles causariam mais dor, pior até do que os hematomas vívidos e as cicatrizes rosadas das surras que lhe foram infligidas entre os trabalhos do cirurgião.

Engulo em seco, lutando contra a vontade de esvaziar a pequena quantidade de comida que consumi.

Ele ainda precisará de muito sangue.

Ele vai precisar de muito do *meu* sangue.

O pânico toma conta do lugar onde o enterrei há muitas vidas humanas.

A minha versão mais jovem era doce e confiante.

E a minha versão mais jovem foi drenada quase até a morte por um guerreiro rebelde.

Uma sensação de desamparo me invade e eu fecho o círculo. A vontade de fugir desta sala e do Santuário é forte, mesmo sabendo que não tenho para onde ir.

Jurei nunca mais deixar que tal destino me acontecesse novamente, mas esse futuro está se aproximando de mim com uma velocidade incrível.

Jurei que nunca mais experimentaria essa vulnerabilidade, mas aqui estou, à beira da minha própria destruição.

Seus olhos se abrem. Eles brilham com um fervor sobrenatural quando se voltam para mim.

Dor? Sim, consideravelmente.

Fome? Definitivamente devido à sua óbvia abstinência de sangue curativo.

Antecipação da minha queda iminente? Com certeza.

Esta versão de Jacob é uma estranha fria e sombria para mim. O humor e a graça que ele possuía, mesmo em nossos momentos mais desesperadores, desapareceram. Eu choraria se não estivesse com frio e morto.

O que eles fizeram com ele?

O que eles tiraram dele?

No que eles o transformaram com suas ferramentas cruéis e tortura?

"O que você quer?" Sua voz é áspera e fala de danos que os olhos não podem ver.

Isto não é tudo devido aos cirurgiões perversos. O que ele se tornou também depende de mim.

Eu me desprezo pelo papel que desempenhei na destruição deste outrora nobre homem e guerreiro. Como a inspeção de uma ferida aberta, minha mente se pergunta como ele poderia estar com outros Sangue, Criadores e Alimentadores. Brincalhão, mas dominante, e o tipo de homem que daria sua vida para proteger seu pupilo, mesmo sem vínculo.

Em algum lugar ao longo da jornada da minha vida, me tornei o tipo de monstro do qual já fugi.

Engulo contra o nó seco na minha garganta.

“Eu queria ver você”, eu digo. Há mais que devo oferecer. Um pedido de desculpas certamente seria um começo, mas como posso começar a me desculpar por isso? Clemência talvez? Contar a ele minha triste história, para que ela possa justificar minhas ações?

"Para o maldito senhor da minha quebra?"

“Não,” eu digo suavemente. Meus medos me levaram a ser imensamente cruel. O que, por sua vez, foi o catalisador para a criação deste homem sem emoções, deitado na cama. Já fui uma boa pessoa, tinha valores e moral e estava sintonizado com minha bússola interior.

Leander me quebrou. Agora, eu quebrei um bom homem.

Um bom homem que está prestes a me quebrar, mais uma vez.

Só que desta vez eu mereço.

“Sinto muito”, eu digo.

Seu rosto se contorce enquanto ele emite um rosnado selvagem. Achei que ele estava enfraquecido, mas ele se levanta e sua mão algema minha garganta.

Ele aperta.

Meus dedos agarram os dele enquanto eu ofego em busca de ar vital. Sua força sobre mim, mesmo neste estado de lesão, é impressionante. Lágrimas se acumulam em meus olhos, e os sons que emergem da minha garganta apertada são os sons terríveis da morte. Mas quando os pontos começam a nadar diante dos meus olhos, eu me forço a me render e deixo cair meus dedos em garras.

Ele me joga de lado como se estivesse enojado com o toque. Eu caio de joelhos, respirando fundo em meus pulmões. Minha garganta dói, a violência de sua ação certamente deixará hematomas.

Mesmo nesta forma selvagem e quebrada, um guerreiro teria que lutar contra instintos profundos contra a ligação para prejudicar um Ômega de Sangue.

“Mesmo morrendo, você sabe bancar o guerreiro”, diz ele.

É isso que ele pensa que estou fazendo? Jogando com ele? Ele deveria estar se contorcendo de agonia ao me tocar com violência, mas a ligação deve ter sentido que eu desejava tudo o que ele fez.

“Eu mereço morrer”, digo, minha voz tão tensa e áspera quanto minha garganta. Tremendo, eu me forço a ficar de pé. Endireitar meu vestido assume uma importância desnecessária para minha mente dispersa.

“Você não pode escolher”, diz ele.

Meus olhos disparam para encontrar os dele. Até o meu direito à morte foi perdido, ao que parece.

O círculo está completo. Diante de mim está um demônio que eu mesmo criei, criado cuidadosamente a partir de minha própria alma despedaçada, uma crueldade de cada vez.

Seu olhar desce para minha garganta. Está inchando e luto contra a vontade de testar a maciez da carne.

“Vá embora”, diz ele, virando a cabeça. “Não verei você novamente até que eles finalmente arranquem a amarração.”

Vir aqui foi um erro grave.

Virando-me, fujo, passando pelos guardas, os calcanhares batendo nas lajes, até voltar ao meu quarto. Aqui, arranco o lindo vestido do meu corpo, sem me importar em machucar minha carne no processo. Caio na cama, soluçando as lágrimas que mantive sob controle. Com os dedos em volta da minha garganta sensível, finjo que a mão dele ainda está lá, tentando me agarrar à memória do seu cheiro.

Aqui, neste estado miserável, caio num sono sem sonhos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Inverno

Hoje é o dia.

Visto-me sem pensar, auxiliada pela minha empregada, os olhos mal percebendo a caprichosa criação de seda e renda azul-clara. Inconscientemente, meus dedos procuraram este vestido entre todos os outros anteriores. É o meu favorito, reflito, e meu coração precisava de apoio hoje.

Com meus longos cabelos penteados sobre um ombro, a empregada se ocupa em apertar os minúsculos botões de pérolas nas minhas costas.

Uma leve batida na porta coincide com minha empregada apertando o último botão e ela corre para a porta.

Palavras suaves são ditas antes que a porta seja fechada novamente.

A empregada volta para o meu lado. “Eles estão prontos para você, senhora”, diz ela.

Os nervos me atacam e eu respiro profundamente.

Sua mão gentil apoiada em meu ombro oferece uma compaixão que não mereço.

Um sorriso fraco é o melhor que posso fazer. “Estou pronto”, digo, embora com certeza não esteja.

O primeiro passo é o mais difícil, mas assim que o impulso é criado, de alguma forma, meus pés me levam para frente. A porta se abre. Dois guerreiros corpulentos esperam por mim do outro lado. Depois seguimos caminhando, pelos estreitos corredores do Sanctum, descendo escadas sinuosas, por passagens mais distantes, até chegarmos às grandes portas duplas da câmara de audiências do rei.

Mais guerreiros esperam do lado de fora da câmara, movendo-se rapidamente para abrir as portas.

Um silêncio se instala na grande câmara. Os altos tetos abobadados abrigam candelabros tremeluzentes. À minha frente, um longo corredor leva ao estrado, onde o rei espera. Em ambos os lados do corredor, multidões de humanos, guerreiros e fadas de todas as designações se voltam para olhar.

Quero recuar, me virar e correr de volta para o meu quarto. Mas ainda tenho orgulho e isso me carrega para dentro.

Um manto de sobriedade contagia a sala. Como grande parte do subsolo do Sanctum, as únicas luzes vêm das velas bruxuleantes e dos candelabros altos que adornam as paredes de pedra.

Depois da queda de Sendar, me senti mais seguro na câmara mais baixa. Mas com o passar dos anos, senti falta da luz do dia e das estrelas à noite.

Minha mente fica ainda mais à deriva a cada passo. Muito frenético para ter coerência, não consigo me concentrar em nenhum pensamento por mais do que um momento fugaz. Meus olhos permanecem fixos no rei e no meu destino. À esquerda e à direita da multidão estão as camadas mais altas, de onde o escalão superior observa. Todo mundo me observa. É preciso toda a minha vontade para manter a compostura contra a onda de desaprovação deles.

A grande porta de ferro se fechando faz com que meus pensamentos se espalhem como gotas de chuva no oceano.

Agarro-me à minha armadura mental, convencendo-me de que isso não pode acabar como temo. Eu sou de alto sangue.

Será que eles realmente pretendem libertar Jacó da prisão?

"Você se tornará o primeiro", disse Blue. *"O primeiro mestre presenteado a um guerreiro – um guerreiro libertado da prisão."*

Por mais que tente, não posso desconsiderar meus feitos e ações, que me levaram a este momento. É difícil acreditar que Jacob salvou Melody e eu, apesar da minha recusa em lhe dar sangue.

Eu deveria tê-lo alimentado livremente, mesmo antes de nos tornarmos escravos. E depois, quando *éramos* escravos... Só um tolo seria avarento com sangue numa hora dessas.

De certa forma, eu gostaria que ele não tivesse me salvado, tirado Melody dos meus braços e levado-a para um lugar seguro. É melhor eu estar morto do que trazer tanta vergonha à minha casta.

As muitas fileiras de guerreiros e Sangue que me cercam se agitam como ondas constantes em um lago – suspiros, murmúrios, carrancas e zombarias. Desde que me lembro, não me tornei querido por ninguém. Não deveria me surpreender que agora me olhem com maldade aberta.

No alto, à minha esquerda, está a varanda onde os Escolhidos assistem - Hook, Maggot, Blue e outros.

Nunca precisei do amor deles nem procurei sequer a aprovação deles. Era uma vez, eu mantive o respeito deles, e isso foi o suficiente. Todo o respeito se foi. Eu sou de alto sangue, e os poucos que também reivindicam esta posição elevada querem que eu seja subjugado pela vergonha que causei à sua casta.

Os subordinados e os intermediários, que antes estavam muito abaixo de mim, agora testemunham minha morte com satisfação

perversa.

Todos apreciam minha queda com alegria aberta e sádica.

Quando chego ao estrado, meus passos vacilam quando vejo Jacob esperando. Seus olhos castanhos carregam o fervor de um homem ferido e sem sangue.

Eu engulo. Meus pés se enraízam no lugar, recusando-se a me levar mais longe.

Suas bochechas estão um pouco encovadas, devido à abstinência e à tortura anterior. A força de sua presença, seu tamanho e poder sobre mim, suas feições robustas que são inquestionavelmente bonitas, e seu cheiro do qual estou morrendo de fome, todos agem sobre mim. Eles podem ter nos libertado de tal forma que ele foi capaz de falar livremente, mas a impressão que começou quando éramos escravos orcs ainda me mantém sob seu controle.

Sem problemas, ele fica ao meu lado, encobrindo minha culpa por não ter dado o último passo.

Um silêncio cai sobre a multidão reunida enquanto o rei caminha para a frente do estrado.

Estive aqui muitas vezes para ouvir o rei falar da guerra e de acontecimentos de todo o tipo, desde provações até às mais alegres cerimónias de união.

“Você está em dívida com ele, Winter”, diz o rei. "Uma vida por uma vida."

Suas palavras são saudadas pelo silêncio. O fato de eu conseguir manter meu equilíbrio é uma prova de minha vontade de ferro.

“Haverá consequências”, continua ele quando permaneci mudo. “Suas ações poderiam ter custado sua vida, a vida de um guerreiro leal e a vida de uma criança. Uma pedra angular foi encontrada, mas outra está perdida. Você poderia ter colocado em perigo todas as pessoas aqui dentro do Sanctum.”

Cada palavra é um prego no caixão da minha condenação. Posso sentir isso com tanta certeza como se os pregos fossem reais e estivessem cravados em minha carne. Disseram-me que estou com frio. Winter's Chill **,** Winter's Storm **,** The Ice Bitch - meus nomes são muitos e nunca elogiosos. Mas hoje estou tão frígido quanto a própria morte e sinto cada ano da minha idade.

Meus dedos doem enquanto agarro meu vestido de chiffon com força suficiente para deixar os nós dos dedos brancos enquanto espero meu destino.

O rei dá um passo para trás. Tanto de classe guerreira quanto de alto sangue, ele eventualmente transcenderá para se juntar aos Escolhidos. “Não importa quais eram suas intenções”, ele diz

longamente quando não respondo. “Você estava lá no dia em que Sendar caiu. Você sabe melhor do que muitos aqui o que está em jogo. Seu status de Sangue permitiu que você se abstivesse da guerra por mais tempo do que deveria. Existe um equilíbrio entre Sangue e guerreiro. O respeito deve ir em ambos os sentidos.”

Respeito? Ele está certo. Quando dei meu respeito a alguém? Desdenho os Escolhidos e aceito o rei. Os guerreiros, os Sangue, os Alimentadores e os Criadores, todos eram anteriormente de importância passageira para mim. Dei apenas o mínimo do meu tempo e sangue.

E a guerra?

Eu nem respeito o fato de estarmos em guerra.

Eu não respeito minha própria vida abençoada pela Deusa.

Pior ainda, desperdicei muitas vidas humanas em autopiedade, pensando que estava acima de todos e especial porque sofri uma vez.

Sofri uma vez, mas fiz com que aqueles ao meu redor sofressem para sempre.

Ainda não estou pronto para a minha sentença, mas estou convencido de que ela deve ser cumprida.

“Endividado”, diz o rei ameaçadoramente. “E sua maior dívida é com o guerreiro ao seu lado.”

Jacó

Sua tensão turva o ar entre nós. Cada palavra que sai da boca do rei desperta uma parte há muito adormecida em mim. Desejos reprimidos clamam.

Endividado.

Consequência.

Testo as palavras e encontro-as do meu agrado. Nem uma vez ela me respeitou com a devida medida de seu sangue.

O equilíbrio precisa ser restaurado.

O rei começa a cantar. As palavras de desvinculação flutuam, subindo em direção aos pontos mais altos do teto abobadado, deslizando pelo chão de pedra e permeando cada sussurro de ar. Arrepios sobem pela minha pele. Ao meu lado, a fada outrora muda choraminga através dos lábios bem fechados, levantando os dedos para apertar sua garganta.

Já é tarde demais. Quando as primeiras palavras de desvinculação saíram dos lábios do rei, seu destino estava selado. Não pode haver recuo, nem retração. Cada expressão leva a desvinculação ao seu clímax inevitável.

As palavras cessam.

No silêncio que se segue, surge um *estalo metafísico.*

Sem limites. *Livre.*

Um grunhido selvagem irrompe do meu peito. Eu jogo minha cabeça para trás e rugo. A intensa pressão que senti durante toda a minha vida se dissipa. As novas sensações são estranhas para mim. Minha infância como um simples garoto de fazenda cessou no momento em que chegaram os traficantes de escravos. Mais tarde, arrancado das celas de escravos durante um ataque porque eu era um Alfa, fui recrutado para suas fileiras de guerreiros e sujeito à amarração antes de estar totalmente maduro.

Nunca fui um Alfa na totalidade do seu sentido.

Este momento é uma revelação. Fiquei preso em uma meia-vida, saboreando um eco do que poderia ser.

Respiro fundo como se fosse a primeira vez que respiro. Os cheiros me assaltam. Os muitos Alfas e Ômegas dentro da sala mal se comparam aos *dela.*

Rico, potente, *Ômega* , Os feromônios naturais do inverno são enjoativos em sua doce maturação, *viciante* . Eu quero lamber sua pele. Quero separar suas coxas e festejar.

E eu vou.

Insensivelmente, ela estava preparada para me ver morrer em vez de me dar um pouco de seu precioso sangue. Sua recusa em falar fez com que os Escolhidos me torturassem quando o Meld forçou minha lealdade antinatural a ela. Sofri dias e dias de tortura até que a ligação entre nós finalmente se rompeu.

Apesar do meu ressentimento em relação a ela, minha compulsão protetora permanece firme. Isso, ao que parece, faz parte do equilíbrio natural entre Alfa e Ômega, guerreiro e fada do Sangue. Mas a directiva para obedecer está ausente e em seu lugar surgem instintos novos e igualmente convincentes.

A necessidade de reivindicar e dominar é ofuscada apenas por um imperativo de rotina.

"Não!" ela sussurra, seus lindos olhos azuis centáurea não parecem mais frios. Agora eles brilham com calor e horror.

Ela balança, as mãos ainda agarradas à garganta. Aromas novos e inebriantes saturam o ar. Respiro profundamente, puxando-os para os pulmões.

“Feromônios”, diz o rei, desviando momentaneamente minha atenção da minha presa. “Enquanto estão sujeitos à ligação, nenhum guerreiro nem Sangue está ciente deles em seu sentido mais amplo.”

“Ela também sofre a influência deles?” Eu pergunto, meus olhos voltados para a fada trêmula e Omega.

“Ela quer”, confirma o rei. “Poucos guerreiros têm acesso a todos os seus poderes. O privilégio coloca você acima da classificação normal. De hoje em diante, você responderá apenas a mim. Use seu dom e status com sabedoria.”

É um aviso leve e ao qual presto atenção. Numa sociedade dirigida por classes, agora subi muito. O conhecimento de que meu protegido está totalmente à minha mercê dá uma aparência de controle ao meu sistema inundado. Um novo fio está se estreitando entre nós. Eu, o mais recente receptor de seu sangue potente, estou ligado a ela como um escravo de acasalamento.

Impressão. Estivemos imprimindo ao longo de nossos muitos dias de captura, mas agora o fio entre nós ganha vida.

Só eu sou quem exerce todo o poder, e Winter é minha escrava involuntária. Se ela tentasse escapar de mim, eu poderia localizá-la, não importando a distância física.

Meu sorriso é lento. Exteriormente, posso parecer que estou no controle. Por dentro, sou um turbilhão mal contido.

Sua vontade frágil se quebra, levando-a a noções tolas de fuga.

Um único passo me traz até ela, e eu agarro seu cabelo glorioso, puxando seu corpo esbelto para o meu.

Abaixando a cabeça, coloco meus lábios perto de seu ouvido sensível. “Isso foi imprudente”, eu digo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Inverno

O choque do contato me força a reconhecer minha situação. Meu último resquício de orgulho me aconselha a não lutar e dar ao público em transe um espetáculo maior. A rebelião é inútil de qualquer maneira. A força de Jacob supera a minha dez vezes, além dos feromônios estonteantes que enganam minha submissão biológica.

Deixando tudo isso de lado, o desejo de voar permanece.

Seu braço aperta um pouco minha cintura, o punho adicionando uma pequena ferroada onde agarra meu cabelo.

Eu não sou mais Sangue. Eu sou o Alimentador mais humilde. Pior, sou um Criador, se ele quiser. Eu sou tudo o que ele escolhe fazer de mim. Até então, sou uma matéria desfeita e não realizada, meu destino está além do meu controle.

Antigamente, há muito tempo, meu destino também estava fora do meu controle. As memórias desse evento sombrio foram afastadas e sufocadas, mas hoje elas clamam à tona.

Hoje, ninguém vai me salvar.

Essa compreensão desequilibra o que resta do meu tênue controle.

Uma amargura feia me consome, meus pensamentos se tornam caóticos novamente. Estive tão cheio de auto-justiça por tanto tempo, tão completamente motivado por tanto tempo, que descartei a humanidade e a compaixão que uma vez tive. Questiono quem sou e as muitas encruzilhadas que me levaram a esta situação.

Eu não tenho poder. Este é o pensamento mais difundido e, estranhamente, é libertador de uma forma que eu não esperava. O destino, as decisões e o que farei no próximo segundo, hora e no resto da minha vida não cabem a mim escolher.

Se eu viver ou morrer, também está além do meu controle.

Estou sem peso.

Estou irrestrito.

Eu sou dele.

Renúncia, derrota e alívio ocupam o mesmo lugar.

Não, não é igual, pois o alívio procura e ganha domínio.

Eu relaxo em seu abraço. Ele não é Leandro.

Que Jacob fará coisas terríveis comigo é um dado adquirido, mas ele não é Leander, e eu me apego a essa esperança.

Jacó

Murmúrios surgem dentro da grande câmara. A seleta multidão aprova a decisão do rei, embora não veja nada além do desaparecimento de um alto sangue em desgraça.

Se consigo sentir o clima, Winter também consegue, que permanece imóvel e pálido. Ela tem me mantido sem alimentação desde que nossa fatídica parceria começou. Posteriormente, os cirurgiões foram impiedosos comigo enquanto procuravam a verdade contra a força da amarração. Apesar da oferta miserável de Winter, o Meld era forte, e foram necessários muitos dias de tortura para me quebrar.

Meu déficit de sangue é grande e, embora tenham me oferecido uma escolha de Alimentadores, não quero sangue além do dela.

Meu sorriso demora a se espalhar pelos meus lábios, largo o suficiente para mostrar presas. Seus olhos se arregalam e sua respiração escapa em um pequeno suspiro. O novo fio pulsando entre nós me diz que ela está ao mesmo tempo com medo e excitada.

Eu me pergunto se isso acontece nos dois sentidos, se ela pode me sentir neste redespertar da impressão anterior?

Eu decido que não me importo de qualquer maneira.

“Parece que o High Blood pode ser um excelente Alimentador, afinal”, eu digo. Estou prestes a bebê-la até secar.

Meu olhar se desloca brevemente para a esquerda, onde o rei agora está sentado, com o rosto impassível, em seu trono dourado. O homem é ao mesmo tempo Sangue e guerreiro, mas hoje sinto seu lado guerreiro subindo à tona. Ao compartilharmos um olhar, a compreensão floresce. Ele acena com a cabeça uma vez, reconhecendo que deve ser assim.

Esta é a ordem natural das coisas. O inverno é relegado ao Alimentador, e eu, um guerreiro, preciso ser alimentado, quando e onde quiser. Ter tal poder à minha disposição é algo inédito. Haverá repercussões na nossa futura estrutura social e implicações mais amplas na nossa guerra sem fim.

Nosso? Quando é que considerei isso como 'nossa guerra'?

Lar? Só agora, livre de obrigações, considero Sanctum minha casa.

Tornar-nos-emos mais fortes, tanto individual como colectivamente, sendo Winter e eu os catalisadores inesperados da mudança, aqueles que desbravam novos caminhos.

É hora de assumir o controle.

Os murmúrios se acalmam até que o silêncio cai sobre a câmara. Não existe uma maneira fácil de fazer isso. A transição de High Blood

para Feeder não vai agradar a Winter, e nenhuma quantidade de tempo ou palavras pode mudar isso. Além disso, há pouca caridade dentro de mim para com ela, nem uma inclinação para lhe oferecer tempo para se adaptar.

No entanto, é mais do que uma simples vingança, pois a nossa própria sobrevivência depende deste rumo e da forma como lidarmos com esta transição.

O cabelo é macio como seda dentro do meu punho, seu perfume inebriante enche meus pulmões, e seu pequeno e delicado corpo está curvado para mim, curvas suaves pressionadas contra minha dureza. Os olhos da sala repousam sobre nós. Guerreiros, com grande interesse, enquanto Alimentadores, Criadores e Sangue Inferior chafurdam em algum lugar entre regozijar-se com a morte da fada impopular e assistir com a irritação do desconforto.

"Não!"

Seu apelo destrói a última barreira entre a intenção e a ação. Ela não tem escolha aqui, nenhum discurso através do qual ela possa me negar. Meus dedos apertam, puxando sua cabeça para o lado, expondo a coluna de sua garganta para mim. Ela luta, embora seja leve e só sirva para aumentar meu desejo de dominar.

“Por favor, aqui não.”

Nossos olhos se encontram, os dela implorando por um adiamento, um que não estou disposto a oferecer.

Eu mordo. Os dentes perfuram a veia e seu doce sangue jorra, enchendo minha boca. Seu choque ao ver como isso é doloroso se espalha pelo vínculo, então suas lutas cessam. Com os lábios formando um selo, eu chupo, engolindo a oferta quente. Meu estômago se agita, uma forma pura de euforia. Força, vitalidade e excitação inebriante me invadem enquanto seu sangue começa a trabalhar.

"Deusa!"

Sua palavra é ofegante e seus gemidos subsequentes são carentes. Possivelmente, esta é a primeira vez que alguém se alimenta diretamente de sua garganta. Certamente, nenhum guerreiro vivo se vangloriou deste prazer.

"Oh!"

Sentindo seu clímax iminente, arrasto meus lábios de sua garganta. Algumas coisas são apenas para meu prazer, e sua submissão completa acontecerá em particular enquanto sua boceta estiver recheada com meu pau.

Flácida em meu aperto, ela precisa respirar algumas vezes antes que seus joelhos travem e suportem seu peso.

"Você pode sair?" Eu pergunto, dando a ela esta pequena escolha.

“Sim”, ela diz.

Desembaraço meu punho de seu cabelo, esperando para garantir que ela esteja com as pernas sob o corpo antes de soltar sua cintura. O sangue escorreu por sua garganta, fundindo-se com o vestido caprichoso de hoje, tornando o chiffon azul claro e a renda escura no decote.

A evidência da minha alimentação é convincente.

Seu sangue revira meu estômago. Meu pau está duro como uma pedra. Ninguém iria reclamar se eu decidisse reclamá-la aqui, mas não é isso que desejo.

Meus olhos se levantam da mancha escura para encontrar os dela.

Virando minha mão, eu a ofereço a ela, dando-lhe esta oportunidade para uma saída civilizada da câmara. Segue-se uma breve hesitação antes que sua mão pequena e trêmula seja colocada dentro da minha. Juntos, nos curvamos ao nosso rei antes de sair da câmara.

Deixamos os subordinados silenciosos, tanto de Sangue quanto de guerreiros, os de classe média, os de alto sangue, e mais acima, na varanda, onde os Escolhidos assistem.

As grandes portas de ferro se abrem quando nos aproximamos. À medida que se aproximam atrás de nós, começa o clamor de vozes.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Inverno

NÃO dou muitos passos antes de minhas pernas fraquejarem. O choque de Jacob se alimentando da minha garganta, a dor inesperada seguida de prazer, o cheiro inebriante de seus feromônios, inalterado agora que a ligação se foi, tudo conspira para minar minha energia e vontade.

Ele me pega, me pega em seus braços, me carrega por corredores vazios, desce escadas e passa por mais passagens.

O tempo todo, eu me agarro como uma criança, com o nariz enterrado em seu peito, sugando seu aroma rico e picante até me deixar um pouco tonto.

Estou embriagada com o cheiro dele, percebo distantemente, os dedos puxando a gola de sua túnica de couro como se pudesse removê-la magicamente.

Por um lado, estou apavorado.

Por outro lado, quero o toque dele de qualquer maneira que eu possa conseguir.

Sou empurrada quando ele para diante de uma bela porta de madeira. Ele range quando ele abre e fecha com um *baque surdo* .

A sala é uma câmara sem janelas e grandiosamente mobiliada. Cadeiras rechonchudas de entalhador e uma longa espreguiçadeira, ambas cobertas com brocado vermelho escuro e prateado, estão posicionadas em torno de uma mesa baixa com vários livros. Uma mesa de jantar do outro lado contém várias travessas com cúpula, vinho decantado e outros itens escondidos sob panos. Os lampiões a gás oferecem iluminação sutil, sendo práticos e duradouros nessas câmaras internas profundas.

Ele entra em um quarto com ainda mais ricos enfeites de brocado vermelho e prateado adornando uma enorme cama de dossel. Este não é o quarto em que ele estava antes. Toda a suíte é de uma qualidade que evidencia seu novo status, perdendo apenas para o rei.

O cabelo voa diante dos meus olhos quando caio na cama.

Afasto meu cabelo, o peito arfando quando a compreensão de onde estou e o que está prestes a acontecer passa pela minha mente confusa com feromônios.

Ele fica na ponta da cama, ombros largos e retos. Já há um brilho mais saudável em suas bochechas devido à pequena quantidade do meu sangue que ele tomou.

Ele está prestes a levar muito mais.

Minha frequência cardíaca acelera, vibrando pelas veias da minha garganta enquanto meu corpo sobe em antecipação a ele tirar algo de mim novamente.

Com os olhos semicerrados, ele me observa com intenção predatória enquanto seus dedos agarram a fivela de sua túnica e a abrem.

Pisco para ele, tonta, sentindo como se a sala estivesse girando. Minha garganta ainda dói um pouco, mas na parte inferior da minha barriga, borboletas voam e minha boceta aperta lentamente, seguida por um fio escorregadio.

Digo a mim mesma que este é Jacob, o guerreiro que foi gentil comigo, que me aninhou em seu colo e ronronou para mim quando eu estava com medo.

Mas ele não é mais meu Jacob. Eu o quebrei, e então os Escolhidos o quebraram com o dobro da força.

Meus olhos estão grudados na abertura de sua túnica, a carne firme por baixo revelada em incrementos lentos. Ele faz uma pausa quando ela se abre totalmente, colocando-a sobre os ombros largos e deixando-a cair no chão. À medida que ele inspira e expira profundamente, as cristas firmes de seus abdominais contraem e relaxam da maneira mais impressionante. Ele se arrasta, tirando as botas enquanto abre a fivela do cinto com uma lentidão deliberada.

Minha respiração falha quando noto o contorno rígido de seu pau grosso.

Eu senti aquele comprimento sedoso antes de entrar em mim, proporcionando um êxtase que eu tinha esquecido que existia. Eu estaria mentindo para mim mesmo se fingisse que a mancha já não estava se acumulando entre minhas dobras íntimas.

O cinto cai, o som ao atingir o chão é chocante. Suas calças caem logo depois. Eu engulo, os olhos fixos em seu pênis saliente enquanto ele o segura com sua mão grande. Ele bombeia lentamente, a ponta ficando roxa e brilhando com seu pré-sêmen, me deixando com água na boca pelo gosto. O nó já está meio formado, as cristas esburacadas parecem crescer à medida que ele passa o pré-sêmen pela haste antes de apertar o inchaço protuberante na base.

Engulo o nó na garganta.

Só quando ele avança, com o joelho encostado na cama, é que meus olhos se levantam para encontrar os dele.

A falta de humanidade me aterroriza. Jacob não é mais um homem que conheço, ele é um Alfa prestes a me reivindicar para sua retribuição pessoal.

O pânico toma conta de mim e tento recuar. Ele agarra meu tornozelo, me arrastando para o centro da cama. Minhas pequenas lutas não o incomodam. Coxas musculosas são forçadas entre as minhas antes que ele coloque o tecido do meu vestido sobre meus seios arfantes. O som de rasgo quando ele o separa é insuportavelmente alto. Os pequenos botões de pérola saltam e as aberturas do decote.

Segurando com mais firmeza, ele rasga ainda mais, expondo meus seios ao seu olhar faminto.

Ele não fica lá por muito tempo. Empurrando minhas saias para cima, ele pega seu pau grosso na mão para sondar minhas dobras lisas.

Agarrando a entrada da minha boceta, seus olhos adquirem um brilho perverso enquanto ele olha para a pulsação latejante na minha garganta.

Eu me preparo, tensa, a mente impossivelmente vazia enquanto sua cabeça abaixa.

Ele morde enquanto seu pau bate em mim, me enchendo e me amarrando em um movimento, mesmo enquanto engole meu sangue ruidosamente.

Eu grito, levantando o queixo, me esforçando para encontrar ar que não esteja saturado com *ele* **.**

No fundo, sua semente me preenche, o pau pulsando e banhando meu interior com jatos quentes.

A dor é mais terrível do que eu poderia imaginar, mas não dura muito. Meus gritos se tornam guturais quando minha boceta dolorida, esticada obscenamente em torno de seu pau latejante e nó sem a menor preparação, cai direto em contrações ferozes que percorrem a linha entre o prazer e a dor. Minha garganta também dói, mas a sensação de sangue saindo do meu corpo se transforma em um prazer doce e pecaminoso.

Ele balança sua virilha contra mim, pressionando sua dureza em meu clitóris sensível, fazendo meus nervos correrem para uma vida gloriosa.

Levanto-me em euforia.

No entanto, também afundo na fraqueza.

Ele continua bebendo.

Mais e mais.

O pânico aumenta mais uma vez. Ele vai me drenar, mesmo enquanto bombeia esperma profundamente na minha boceta.

Minhas mãos se levantam fracamente, a força necessária até para agarrar seu cabelo para que eu possa puxá-lo para longe de mim.

Minha boceta tem espasmos novamente.

Sinto como se estivesse me afogando, as pálpebras tremulando enquanto tento manter a consciência.

Não posso vencer esta luta. Eu não tenho nenhuma esperança.

Enquanto minha boceta convulsiona ao redor dele mais uma vez, provocando outra inundação de seu esperma quente, eu afundo na escuridão.

Quando a consciência retorna, estou sozinho na cama do falecido com brocado vermelho e prateado, dentro dela com a colcha puxada sobre mim e a lanterna próxima baixada.

Eu não estou morto. Jacob não me drenou até a morte, mesmo ferido e amargurado pela crueldade.

Isso deveria me acalmar, mas meus medos estão sob controle. Uma mente perdida devido ao terror anterior não é facilmente fundamentada.

Enquanto pisco na escuridão, Jacob entra pela porta com uma jarra e uma xícara nas mãos. Ainda nu, seu pau está duro e o nó meio formado.

Minha boceta aperta e eu choramingo, chamando sua atenção.

Há uma breve pausa antes de ele se sentar na cama ao meu lado. Colocando a xícara e a jarra na mesa de cabeceira, ele acende o abajur, enche a xícara e a leva até meus lábios.

Ele ronrona e isso corta a tensão que envolve meu corpo. Há uma ternura inesperada quando ele gentilmente segura minha cabeça para que eu possa tomar um gole de água.

“Pegue o máximo que puder”, diz ele.

Com sede, esvazio o copo antes de cair de volta na cama, ofegante.

Ele se levanta, passando a mão pelo cabelo bagunçado. Seu pênis balança, um rastro de choro pré-sêmen sai da ponta. Ele não pode querer me levar de novo tão cedo, não é?

A resposta está em seus olhos quando ele se vira para mim. Escuros e vorazes, eles brilham com um poder sobrenatural.

A capa está arrancada. Meu vestido arruinado foi levantado. Desta vez, ele faz uma pausa para fechar os lábios em torno do meu mamilo rígido e metade do meu seio, chupando com força enquanto se aproxima de mim, prendendo-me sob seu volume muscular.

Eu gemo, arqueando-me. O prazer é intenso, mesmo quando meus medos clamam por atenção.

Levantando a cabeça, seus olhos prendem os meus.

“Dizem que nossos corpos vão se alinhar”, diz ele. “Que minha necessidade de seu sangue e sua capacidade de dá-lo se estabilizarão com o tempo. Ainda estamos muito longe disso. O gosto que senti até agora apenas aumentou minha fome por mais. O instinto me diz que vai piorar antes de melhorar.”

Quero chorar com suas palavras, mas meus olhos permanecem secos e meus nervos, fragilizados.

Minha garganta está dolorida, minha boceta ainda mais. “Por favor,” eu digo. "Estou dorido."

“Você vai se adaptar”, diz ele implacavelmente.

Como da última vez, não há preâmbulo. Reunindo minhas mãos em um punho gigante, ele as prende acima da minha cabeça, alinha seu pau e empurra meu canal escorregadio com determinação implacável. Eu choramingo e me esforço, mas isso não ajuda. Apoiando a mão sob minha bunda, ele empurra ainda mais fundo, forçando os músculos sensíveis a ceder e os nervos sensíveis a ganharem vida. Ele consegue algumas estocadas antes que o nó se feche.

Lábios procuram minha garganta.

Com minhas mãos agora livres, eu agarro suas costas fracamente, minha boceta tendo espasmos de felicidade.

Ele morde, bebendo ruidosamente, me derrubando mais rápido dessa vez.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Jacó

EU A RUTEI e a drenei repetidas vezes. Finalmente, na quinta vez, consigo aguentar mais do que algumas braçadas antes de dar um nó nela. Rolando de costas, coloco sua bochecha contra meu peito e espero o nó amolecer. Não suaviza muito, mesmo com o passar do tempo.

Gemendo baixinho, eu a moo enquanto meu pau sacode e pulsa outro jato de semente.

Nunca perdendo a consciência por mais de alguns momentos, ela fica um pouco preocupada até eu ronronar, e então ela se acalma.

Eu deveria tirar o vestido dela, mas há algo profundamente satisfatório em deixá-la em farrapos... arruiná-la na representação de sua antiga vida de alto sangue.

Quero colá-la, percebo enquanto passo os dedos por seu sedoso cabelo vermelho-dourado. Não o metal áspero que ela foi forçada a suportar como uma escrava orc, mas o couro macio que vai apertar sua garganta como um lembrete de que ela pertence a mim e somente a mim.

Um Escolhido com olhos azuis surpreendentes me aconselhou sobre o que esperar quando a ligação fosse retirada. Ele me implorou para garantir que Winter bebesse bastante água e comesse tanta comida quanto ela tolerasse. Ela tomou uma boa quantidade de água, mas se recusa a comer mais do que alguns goles, mesmo quando eu ronrono.

Confiei em sua determinação de não machucá-la. Já temos uma marca, disse ele, mais pesada do meu lado do que do dela, e eu naturalmente leria seus limites e necessidades.

Mesmo depois de tudo o que me foi feito, nunca desejei machucá-la nem alimentei um desejo genuíno de crueldade. Mas eu quero puni-la.

Preciso puni-la, e parte desse desejo se deve ao fato de *ela* não estar tão profundamente impressa em mim quanto eu nela.

Quero esculpir minha essência em sua alma.

Quero apagar suas memórias de amantes do passado que a impedem de se tornar totalmente minha.

Eu a quero dependente, indefesa, desejando meu pau e minha mordida, faminta por meu esperma e exaltada pelo meu cheiro.

Ela é séculos mais velha que eu, e odeio ter dúvidas, apesar de meu domínio sobre ela agora. Não ajuda que eu não possa durar cada vez que sua boceta gostosa me envolve. Saber que ela é minha, para desfrutar, para beber, me leva ao limite.

E o sangue dela…

Eu não conseguia imaginar como isso provocaria um incêndio dentro da minha barriga, nem a onda de poder que me percorre até me tornar desajeitado com minha força.

Minhas mãos acariciam e apertam sua bunda gorda, segurando-a imóvel enquanto outro clímax fraco faz minhas bolas se esforçarem para ejetar as últimas gotas de esperma. Meu ronronar diminui para um rosnado satisfeito antes de se transformar em um estrondo mais suave.

Ela se inquieta.

"Você quer um pouco de água?" Nas últimas vezes, foram necessários apenas alguns goles antes de ela ser drenada.

"Inverno?" Eu pergunto quando ela não responde.

“Eu quero dormir”, diz ela, com a voz cansada e um pouco chorosa.

Eu sorrio. Quando foi a última vez que tive vontade de sorrir? Minhas mãos apertam sua bunda novamente, aproveitando a maneira como isso a faz apertar meu pau e suavizar o nó. “Você precisa de uma bebida”, eu digo.

Protestos murmurados e um silvo me acompanham gentilmente levantando-a de cima de mim.

Rolando-a de costas ao meu lado, observo minha fada desgrenhada. Seu lindo cabelo está uma bagunça emaranhada, suas bochechas rosadas, embora o resto dela esteja um pouco pálido. Seu vestido está uma bagunça amassada, escancarado na frente onde busquei acesso aos seus lindos seios e arreganhado na cintura, dando acesso à sua buceta.

Olhos de centáurea piscam para mim enquanto me inclino para encher o copo da jarra na mesa de cabeceira.

Não passa despercebido que seu nariz se contrai e ela respira fundo enquanto meu peito se apoia sobre ela.

Inclinando-me para trás, seguro a xícara em seus lábios, apoiando a parte de trás de sua cabeça com a outra mão. Ela tenta tirar o copo de

mim, embora tenha derramado tudo sobre si mesma e sobre a cama na única vez que cedi.

Eu rosno em um aviso, e suas mãos caem. Olhando-me com um desafio cauteloso por cima da borda, ela toma um pequeno gole.

“Beba um pouco mais”, eu digo, apreciando a forma como sua fraqueza força sua confiança em mim enquanto inclino o copo de água em seus lábios. “Boa menina.”

Sorrio novamente enquanto ela obedientemente esvazia o copo antes de descansar a cabeça no travesseiro.

Colocando a xícara na mesa de cabeceira, meus dedos percorrem suavemente os vergões vermelhos onde mordi sua garganta. Ela cura rapidamente aqui. Se eu não bebesse constantemente, o problema cicatrizaria completamente em poucas horas. Eu deslizo para cima, traçando a concha de sua orelha delicada e pontuda. Ela estremece, a pele corando enquanto fica rígida de prazer.

Suas coxas se contraem, apertando-se e chamando minha atenção para lá. Eu me pergunto como será sua boceta e se ela está aberta depois de tantas vezes que forcei meu nó crescente para dentro.

Mostrei-lhe pouca ternura até agora, aproveitando-me de sua astúcia para reivindicá-la com rude impaciência.

Ainda estou impaciente, mas satisfeito o suficiente para ter interesse em fazer mais do que derramar minha semente e bebê-la até secar.

“Abra as pernas”, eu digo.

Seus olhos piscam para os meus, mas com apenas uma breve hesitação, ela desvia o rosto e se abre para minha inspeção.

Meu pau estremece quando vejo as dobras inchadas, rosadas e de aparência quente. O esperma espumoso derrama, e eu uso meu polegar e indicador para separá-la e ver melhor sua boceta arruinada.

Ela se contorce, desviando minha atenção brevemente de sua boceta aberta.

“Aperte”, eu digo, empurrando um único dedo grosso para dentro.

Ela o faz, apertando meu dedo fracamente, com uma vibração muscular arruinada.

Eu bombeio para dentro e para fora, deliciando-me com o som úmido do silenciador.

Um braço está jogado dramaticamente sobre seus olhos. Minha pequena fada quebrada é certamente a criatura mais adorável de todos os mundos.

"Você está dolorido?"

“Sim”, diz ela, embora soe um pouco ofegante e, através do vínculo, posso dizer que ela não está apenas dolorida.

“Bom,” eu digo. “Espere passar muito tempo dolorido.”

Ela aperta meu dedo de uma forma muito cativante, sibilando seu protesto.

Eu rio, e o fato de ser capaz de rir de verdade me surpreende. Isso levanta um pouco da escuridão que me estrangulou. “Pequeno Criador travesso,” eu digo. “Tente relaxar enquanto eu jogo.”

Ela não relaxa e, na verdade, ela aperta ainda mais quando eu a chamo de Criadora. Enfiei um segundo dedo, forçando-a a abrir para mim, colocando as pontas dos meus dedos por toda aquela pequena entrada enrugada de sua glândula escorregadia.

Ela tenta se afastar, despertando o predador em mim. Prendendo-a na cama, esfrego o ponto sensível sem piedade.

“Relaxe para mim, Winter. Deixe-me brincar com sua pequena glândula como uma boa menina. Caso contrário, serei forçado a te dar um cio novamente para que eu possa te abrir , o tipo de foda rude que vai te deixar muito dolorido porque você foi desafiador.

"Oh, por favor! Eu não posso. É muito intenso!

Ela vem ofegante e se contorcendo e inundando meus dedos.

Eu os retiro com um *estalo esmagador* . Enquanto ela está deitada ofegante na cama, eu os enfio na boca. Posso sentir um pouco o meu gosto, mas é principalmente o seu sabor doce que explode na minha língua.

Não há esperança para isso. Eu rastejo sobre ela, alinho meu pau e empurro fundo.

Ela grita de um jeito que não é só prazer.

Mas não deixo que isso me impeça. Com a mão apertada em torno de seu corpo minúsculo, eu a acaricio forte e profundamente até que seus gemidos se transformam em selvagens de prazer e sua boceta aperta meu pau como se ele não pudesse viver sem meu próximo lote escaldante de sementes.

“Bom pequeno Criador,” eu digo com um grunhido antes de passar minha língua ao redor da sensível concha de sua orelha. Fica rígido e suas pequenas unhas marcam minhas costas. "Abra-se para uma foda boa e profunda."

Meus lábios descem por sua garganta, encontrando o lugar que é meu. O lugar que vou morder.

“Você quer que seu guerreiro drene você de novo?”

Seu gemido faz meu nó latejar enquanto incha.

“Eu posso sentir como você está vermelho de sangue. Você precisa disso se não quiser ficar doente.

Ela se debate embaixo de mim, e sinto seu clímax se aproximando com a mesma pressão estrondosa que me domina. Meu nó, sensível

devido ao nosso cio constante, torna-se uma fonte de prazer e dor agudos.

“Goze para mim para que eu saiba que você precisa de mim para tirar seu sangue.”

"Não!"

Seu grito é de esperança perdida quando sua boceta começa a me apertar, fazendo-a inchar a ponto de eu ter que cerrar os dentes para forçá-la a entrar.

O esperma é ejetado, pulsos quentes e pesados são profundos, e o clímax clareia minha mente de tal forma que não percebo que a mordi até que seu sangue queima minha garganta.

Eu bebo, engolindo em seco ruidosamente, o prazer dela bombardeando o meu através do vínculo até nos envolver em uma esfera gigante.

Desta vez, paro antes de drená-la. *Apenas* **.**

Seu pequeno corpo treme debaixo de mim enquanto eu solto respirações tempestuosas contra sua garganta.

"Obrigado. Obrigado. Obrigada”, ela canta, mãos pequenas deslizando sobre meu corpo, beijos salpicando meu peito, garganta e queixo.

Gosto desta versão grata de Winter.

Talvez as aulas tenham acabado. Quando rolo de costas, colocando-a sobre mim com meu pau ainda enterrado intimamente, penso que sim.

Eu ainda não aguentei muito tempo, reflito secamente.

Ela continua a dar beijos, pequenas mãos tremulando.

Eu ronrono.

Ela suaviza, acalmando e finalmente suspirando antes de cair mole.

Um leve ronco emana de seus lábios.

Um lugar apertado no meu peito suaviza.

Há muito tempo, quando ainda éramos escravos, pensei que a amava.

Então pensei que esses sentimentos estavam completamente perdidos.

Agora, enquanto estou determinado a puni-la e quando menos espero, a ternura surge.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Jacó

DEPOIS DE SEMANAS DE libertinagem que excede até as minhas expectativas, sou chamado ao rei.

Achei que Winter poderia entrar no cio, sendo conhecido que a porra violenta o desencadeou. Mas, infelizmente, ela é de sangue nobre e nunca ouvi falar de uma que tivesse um filho.

É uma preocupação para mais tarde, pois agora estou sentado na sala de estar do rei, em uma cadeira de entalho rechonchuda, diante da qual meu lado guerreiro recua. Uma ampla janela oferece vistas das florestas de Beldair. Meus novos aposentos são luxuosos além da minha compreensão anterior, mas a sala de estar do rei está em outra escala. Ricas tapeçarias vermelhas, azuis e prateadas estão penduradas nas paredes, retratando cenas de batalha, cerimônias e estranhas precessões. Candelabros e lampiões a gás estão atualmente apagados, pois a sala é banhada pela luz do sol da manhã. Sinto falta da luz do dia, percebo, embora pouco do Sanctum tenha acesso ao mundo exterior.

“Poucos têm a idade dela”, diz ele. Seu olhar é firme. O homem tem presença. Ele ainda não foi Escolhido, mas cruzou a fronteira entre Sangue e guerreiro e é o mais velho dos Altos Sangue. “Era uma vez, os Alfas detinham todo o poder e os Ômegas eram companheiros queridos.”

Eu franzir a testa. *Querido.* A palavra parece discordante no início, mas desperta curiosidade. Quanto mais pondero sobre isso, mais a ideia se torna inegavelmente *correta* . “Mesmo os de alto sangue dão à luz filhos, como um Criador?”

Ele concorda.

É difícil pensar em Altos Sangues se tornando Criadores, fazendo ninhos e entrando no cio. Eu provoquei Winter por ser meu Criador. A primeira vez que disse isso, éramos prisioneiros de orcs. Não pude deixar de notar como a sua rata apertou e os seus gemidos tornaram-se selvagens. Isso aconteceu em todas as ocasiões subsequentes.

Muito apaixonado pela reação dela, usei o termo com frequência.

Eu franzir a testa. "O que mudou?"

Ele suspira enquanto pega seu vinho. “As circunstâncias aconteceram. Grandes erros aconteceram. Às vezes, procuramos resolver um desequilíbrio, mas através da nossa falibilidade, criamos um desequilíbrio novo e igual. Não foi minha decisão. Os Escolhidos

ainda são nossos mestres, nunca se esqueçam disso. Um dia, ascenderei às suas fileiras e espero que, quando o fizer, possa me lembrar dos desejos e do amor mortais. Tomando um gole profundo do vinho tinto sangue, ele descansa o copo contra a mesa.

Por dentro, estou inquieto. A raiva que primeiro me consumiu diminuiu. Eu não odeio o inverno. Não tenho certeza se já fiz isso. Fui cruel com ela porque pensei que precisava reparar um erro, mas isso agora acabou.

"Você sabe por que as amarras foram colocadas?" ele pergunta.

Balanço a cabeça, mas sinto uma sensação de formigamento que me diz que isso é importante.

"Ela foi a razão de tudo ter acontecido", diz ele. "Você deveria perguntar a ela sobre isso algum dia."

Aí ele muda de assunto e falamos mais sobre a guerra eterna.

Inverno

Eu sei que algo está diferente no momento em que Jacob retorna para a suíte.

Tendo acabado de tomar banho, vesti o roupão de seda simples que ele prefere. Nossos olhos se encontram quando ele fecha a porta. Minha respiração fica presa. Ele se tornou mais bonito para mim do que a luz do sol. Desde que ele começou a tomar meu sangue, seu corpo mudou. Ele é mais forte. As cicatrizes que antes cobriam suas costas praticamente desapareceram.

Ele tem uma presença que vai além do que deveria pertencer a alguém tão jovem.

Ele sempre teve essa presença, reflito. Eu simplesmente nunca percebi isso antes.

Seu olhar desce para o inchaço dos meus seios e, rapidamente, meus mamilos ficam tensos e escorregadios entre minhas coxas. Ele me condicionou nas últimas semanas, levando meu corpo a responder à menor nuance de sua necessidade.

Inesperadamente, não é meu sangue que sinto que ele deseja.

Ele sorri. Eu franzo a testa, sem ter ideia do mal que está prestes a acontecer comigo.

Passos medidos o trazem até mim, e não posso evitar a aceleração do meu ritmo cardíaco enquanto seu aroma rico e picante toma conta de mim. Mais de uma vez, ele reclamou que a impressão não me tocou tão profundamente quanto a ele. Talvez isso fosse verdade quando voltamos, mas não acredito mais que seja verdade. Sinto seu humor, suas necessidades e suas emoções. Eles me trazem conforto de que um dia ele poderá me perdoar.

Eu navego em meu despertar emocional em incrementos lentos. Cada vez que nos juntamos e cada vez que ele toma meu sangue, minha confiança floresce um pouco mais. Meus novos sentimentos me dizem que já estou apaixonado por esse bravo guerreiro e Alfa que, mesmo depois de sofrer terrivelmente, nunca foi realmente cruel comigo. Eu mereço seu castigo e crueldade. Eu mereço dormir no chão. Sinto-me humilde por, através dele, ter me reavaliado.

Cheguei até a ter esperança de que um dia poderei me amar novamente.

Não tenho nenhum fardo agora, nenhuma oportunidade de retornar àquele Sangue irritadiço que fez os servos fugirem de medo e fez os guerreiros e companheiros de Sangue se apressarem para evitar minha ira.

Encontro paz neste simples dever, onde existo apenas para agradá-lo.

Ele me surpreende pegando minha mão e levando-a aos lábios.

Sorrindo, ele me solta antes de agarrar a faixa do meu vestido para desabotoá-lo lentamente.

Minha barriga dá aquela cambalhota doce enquanto seus olhos aquecidos absorvem o que ele expôs. Meu cabelo está penteado sobre os ombros. O vestido também é colocado sobre meus ombros até flutuar e cair no chão aos meus pés.

“Deusa, você é deslumbrante”, diz ele, a voz áspera enquanto sua excitação brilha através do vínculo crescente. Com minha mão mais uma vez na dele, sou escoltado até o quarto.

Ele não se despe. Em vez disso, ele se senta na beira da cama e dá um tapinha no colo. “Acabou”, ele instrui.

Eu franzo a testa, os olhos passando entre ele e seu colo. Ele quer que eu sente aí? Não, isso não parece certo. Ele geralmente apenas me reúne e me coloca onde ele quer.

“Acabou”, ele repete, os olhos escurecendo de uma forma que envia uma onda de calor direto para o meu núcleo.

“Desejo puni-la, Winter. Deite-se no meu colo como um bom criador.

Quero recuar na parte da punição, mas mal dou aviso prévio. Deusa, eu gostaria que ele não me chamasse de Criadora. Desperta desejos estranhos que não consigo quantificar. Isso faz minha frequência cardíaca disparar e minha boceta apertar na expectativa de ser preenchida com sua semente quente, até que minha barriga doa com o esforço.

Em transe, dou um passo à frente, os olhos procurando nos dele um sinal de que entendi isso corretamente, de que Jacob realmente deseja que eu deite em seu colo para receber esse castigo.

Ele acena com a cabeça, pegando minha mão e me guiando. “Boa menina.”

Sinto-me vulnerável no momento em que meu estômago se conecta com suas coxas fortes e revestidas de couro. Meu cabelo cai em volta do meu rosto quente, formando uma cortina onde posso me esconder.

Sua mão larga gentilmente segura meu cabelo, puxando-o por cima do ombro, expondo a lateral do meu rosto, até que não consigo mais me esconder.

“Assim é melhor”, diz ele. "Eu quero ver você enquanto eu bato em você."

Engulo e me inquieto, tentando encontrar uma posição que não esmague meus seios, nervosa com a surra. Ele nunca me bateu antes, mas prevejo que será doloroso.

Um grito escapa dos meus lábios quando ele me levanta como se eu fosse uma boneca, me reposicionando um pouco mais para frente. Meus seios agora estão pendurados na lateral de sua coxa, os mamilos excitados e dolorosamente rígidos.

"Assim é melhor", diz ele, rolando meu mamilo mais próximo entre o indicador e o polegar antes de puxá-lo suavemente, enviando uma injeção de excitação intensa por todo o caminho até minha boceta.

Ele ri baixinho, um som caloroso que desperta meu desafio... e amor. Não quero sentir prazer. Ele está prestes a bater no meu traseiro. E pensar que eu estava suavizando com ele.

"Relaxe e isso será mais fácil."

Não tenho oportunidade de assimilar isso antes que a palma da mão dele acerte *minha* bunda. Eu grito, mais de choque do que de dor. Embora doa, não é tão terrível.

A punição continua, parecendo confusa… divertida?

Se ele acha que isso vai me quebrar, ficará profundamente desapontado. Eu me preparo para suportar.

Logo determino que não gosto disso. As pausas frequentes enquanto ele acaricia a carne em chamas têm consequências perturbadoras. Meu corpo sobe. Slick se reúne. Logo me contorço e suspiro e sofro uma excitação enlouquecedora.

Seus dedos contornam a entrada da minha boceta e se dobram entre espancamentos, aparentemente para ter todo o tempo do mundo. Finalmente, quando tenho certeza de que entrei na loucura e além, ele me joga na cama e me abre para sua visão enquanto se espalha entre minhas coxas abertas.

O guerreiro está certamente obcecado em inspecionar minha boceta. Com um brilho perverso nos olhos, ele começa a explorar cada centímetro da minha boceta encharcada com os lábios, boca e língua.

Fico enfraquecido sob esta nova feitiçaria. Eu questiono minha existência e quem eu sou.

Necessitado, eu choramingo, suspiro, imploro e imploro.

Peço a ele que me morda.

Eu fico maduro com sangue.

Quero que ele pare, certa de que não posso aguentar nem mais um momento. Então ele para, e acho que posso estar perto da morte de frustração.

Eu já fiz isso antes. Não exatamente isso, mas o prazer, a surra divertida, a excitação, o amadurecimento com sangue, mas há muito tempo atrás, parece um sonho.

Choro, inconsolável por uma perda que não compreendo completamente.

“Conte-me sobre a encadernação”, diz ele. “Diga-me como tudo começou.”

Confusa, encontro-me embalada em seus braços enquanto ele gentilmente afasta o cabelo do meu rosto quente.

“Por favor, me morda”, reclamo. “Não suporto a pressão.”

“Com certeza você aguenta muito mais”, diz ele com um sorriso na voz. “Seu corpo foi feito para o prazer. Se eu viver pela eternidade, nunca me cansarei de ouvir seus gemidos necessitados e pequenos suspiros ofegantes.”

Não conheço este homem, mas ele me lembra aquele que conheci brevemente no pátio e com quem viajei antes que minha crueldade o quebrasse.

Acho que tal homem poderia levar uma mulher à loucura com a atenção habilidosa de seu toque, língua e pênis, fazendo com que se esquecessem de si mesmos e de quem são.

Deusa me ajude. A ternura é desarmante.

Eu choro.

“Fale, Winter”, ele diz gentilmente. “Vou esperar o tempo que for preciso.”

Eu falo, a princípio empolado, mas depois com maior velocidade. As palavras são catárticas.

Ele ouve.

Ele não interrompe e, quando acaba, me deita na cama, tira a roupa e me enche com seu pau. Eu venho. Gozo de forma tão violenta e selvagem que meu corpo fica sujeito a uma tempestade erótica. O êxtase banha todo o meu corpo, enviando nervos após nervos para uma vida formigante e ardente a partir dos pontos de prazer para fora, através da minha pele.

Quando desço, encontro-o ainda dentro de mim, movendo-se, no cio com uma intensidade lenta que prolonga a felicidade. Suas mãos deslizam sobre minha pele, tremendo, febril, apertando, deslizando e acendendo meus sentidos para ele e somente para ele. Seu cheiro enche meu nariz e pulmões, enquanto suas mãos habilidosas me conquistam.

“Morda-me,” eu imploro.

Ele abaixa os lábios, beijando minha garganta, raspando os dentes sobre a carne suavemente até eu tremer, soluçar e implorar. Vai doer quando ele morder. Sempre acontece, mas depois virá mais prazer.

A súbita liberação de pressão me choca, pois acontece sem dor. Meu canal interno quente entra instantaneamente em outro clímax arrebatador.

Eu soluço mais forte, agarrando-me, agarrando-o, puxando-o para mais perto, levando sua semente para dentro de mim e tentando levar

tudo dele para dentro de mim com ela. A sensação de sua semente quente me enchendo faz meu corpo subir mais uma vez.

"Eu quero reivindicar você", ele diz depois, enquanto ficamos emaranhados, seu nó ainda prendendo nossos corpos pegajosos. "Eu quero você como minha companheira de vida."

Não sei por que, mas esse anúncio me faz chorar. Fui destituído de título e posição e entreguei a ele. Ele não precisa me honrar com títulos antigos.

"Um criador?" — pergunto, embora compreenda que um companheiro de vida significa muito mais do que isso.

"Definitivamente um Criador", diz ele, mas há um sorriso em sua voz.

Ele suspira. "Eu usei você, Winter. Foi um aríete onde um amante gentil teria encontrado as respostas mais rapidamente. Eu presumi que sou um homem. Hoje entendo humildemente que sou jovem e tenho muito que aprender."

Dando um beijo em seu peito, eu me preparo para levantar meus cílios e encontrar seus olhos.

"Eu estava com raiva e quebrado", diz ele.

"Eu quebrei você," eu digo, lágrimas brotando e derramando pelo meu rosto. "Eu fiz tudo isso com você."

"Você fez isso de algumas maneiras", ele concorda simplesmente. "Mas eu não gosto de ficar quebrado ou com raiva. Acho que prefiro perdoar.

Ele segura minha bochecha com sua mão larga. "Você prefere perdoar, Winter? Você pode perdoar o que eu fiz com você com raiva? Você pode se tornar um companheiro de vida para mim? Você deseja? Quando procuro ressentimento em relação a você, ele não existe. Só estou triste pelas circunstâncias que aconteceram há muitas vidas."

Eu me agarro a ele, chorando. Também não sinto mais raiva ou raiva por aqueles acontecimentos terríveis de tanto tempo atrás que me mudaram.

Também não estou zangado com o tratamento que ele me dispensou, apenas desapontado por ter permitido que Leander me transformasse em um monstro e por ter permanecido assim por tanto tempo.

"Você não está me afastando", diz ele. "Eu quero esperar que você possa se ver como minha companheira de vida. Mas se esse não for o seu desejo, estou libertando você. Você não precisa mais se apegar."

"Eu me agarro porque não consigo largar", digo. "Eu choro porque quero me tornar seu companheiro de vida e até mesmo um Criador, se

fosse com você e somente você. Sinto muita alegria nesta versão sua, aquela que conheci tão brevemente antes de deixá-lo para morrer nas lajes frias da câmara do portal, quando poderia ter salvado você com meu sangue. Acho que quero saber muito mais sobre essa versão sua."

"Voce me aceitou?" ele exige, olhos procurando os meus.

"Sim, Jacob, eu aceito você. Eu te amo. Comecei a ter um imprinting com você quando ainda estávamos à mercê dos orcs. A cada dia passei a cuidar de você mais profundamente. Eu daria minha vida a você."

Estou deitada de costas, o cabelo escovado das bochechas úmidas enquanto ele segura meu rosto com mãos fortes.

"Eu aceito você", digo novamente. "Se você também me aceitar. Eu fiz mal a muitas pessoas. Ainda estou quebrado e a recuperação levará tempo. Se você estiver disposto a ter uma pessoa assim como companheira de vida, farei tudo o que puder para reaprender o que é ser gentil.

Sua boca abaixa, o beijo lento e persuasivo. Abro para o beijo e para ele.

Eu me abro à esperança.

"Meu doce criador", diz ele, com um sorriso brincalhão e perverso. — Minha missão será mantê-la gorda e grávida.

Arrebatamento , penso maravilhada enquanto o prazer me consome.

Finalmente, isso é arrebatamento.

Agora vou passar o resto da minha vida reaprendendo a amar.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Inverno

“MAMÃE!”

Esse grito de alegria faz meu coração disparar. Um pequeno diabinho vem até mim e se joga em meus braços.

Sua acompanhante ri baixinho enquanto ela fecha a porta, um amplo sorriso no rosto da linda Criadora.

“Por favor, venha tomar chá conosco”, digo, indicando a cadeira em frente. Sobre a mesa baixa, comidas e bebidas foram dispostas em preparação para a visita.

Vejo a Criadora hesitar antes de se sentar com cuidado, como se tivesse medo de quebrar a cadeira ornamentada. Eu poderia ressaltar que os assentos são construídos para acomodar um Alfa – um Alfa que, na maioria das vezes, fica sentado comigo, aninhado em seu colo. Mas concluo que talvez seja melhor simplesmente conversar com ela como igual, em vez de chamar a atenção para seu desconforto.

O nome dela é Shiloh e, apesar da pouca idade, ela tem outros filhos, dois dos quais são adotados. Ela não tem companheiro. Os criadores são incentivados a não formar apegos, embora eu tenha ouvido que isso acontece com frequência. Ela foi selecionada, segundo me disseram, por causa de um encontro casual quando chegamos. Melody, à sua maneira, determinou que Shiloh também era sua mãe.

Ao testemunhar a maneira amorosa como Shiloh encara sua última adição à família, acho que a criança não poderia ter escolhido ninguém melhor.

Não muito tempo atrás, eu teria desprezado a doce fada, com seus longos cabelos prateados que parecem seda fiada e olhos violeta luminosos, e que foi abençoada pela Deusa em todos os sentidos, exceto no sangue potente. Ouvi rumores de que os Alfas ainda tomam sangue, embora não cure nem conceda melhorias, mas que é erótico em todos os outros aspectos quando combinado com prazer sexual.

Um arrepio percorre meu corpo e me vejo corando.

“Quero servir o chá!” Melody anuncia, distraindo-me das memórias da atenção recente do meu companheiro.

O doce Criador faz uma careta. “Devíamos praticar quando estivermos em casa, meu amor”, diz ela.

“O que é um pequeno derramamento?” Eu digo, tentando deixar Shiloh à vontade. “Mas a panela está quente e pesada. Talvez pudéssemos chegar a um acordo, Melody, e eu pudesse negociar com você? Dessa forma, podemos servir juntos.

“Tudo bem”, ela concorda com sua voz doce e aguda.

Shiloh ri novamente, um som melodioso que traz calor ao meu peito. Passei pouco tempo com Criadores, mas ouvi ao longo dos anos que suas risadas têm habilidades calmantes quase místicas.

O chá é servido com apenas um pouco de derramamento. Melody conversa alegremente enquanto comemos bolo e tomamos chá. Ela senta no meu colo. Ela desce para dançar e girar. Ela volta para o meu colo para conversar sobre seus novos irmãos.

A alegria dela é contagiante. Ela é gregária, mesmo para uma criança fada.

“Seus outros filhos são fadas?” Atrevo-me a perguntar a Shiloh durante uma breve pausa nas travessuras de Melody. A criança já reuniu todas as almofadas e está fazendo uma caverna no chão. Como se já não fosse óbvio, é um sinal de que um dia ela revelará seu status Omega.

“Nenhum deles”, diz Shiloh com um sorriso. “Eles são todos Alfas, revelando-se logo após o nascimento. Eles adoram Melody, tenho o prazer de informar. Para esses jovens, eles sofrem a indignidade das fitas nos cabelos com uma graça surpreendente!

Eu rio, encorajada por esta imagem da nova vida doméstica de Melody.

“Nem tudo é fácil”, diz Shiloh baixinho, apenas para meus ouvidos. “Há pesadelos com fadas sombrias e lágrimas por seu bardo perdido. Ela se acalma novamente quando eu a seguro e canto, mas a doce moça sofreu muito em sua curta vida. Sua resiliência é uma maravilha. Isso só pode ser uma coisa boa, dado o quão especial ela é.”

Escondida dentro do ninho da caverna, a criança fada está tirando uma soneca.

Converso com Shiloh, contagiada com sua natureza amorosa e brincalhona para a vida toda.

Sinto a mesma natureza crescendo dentro de mim — um desejo de abraçar a felicidade novamente, de fazer amigos e de viver.

No momento em que Melody acorda de seu cochilo e anuncia que deseja verificar se seus irmãos não foram malcriados, eu redescobri minha versão anterior e alegre de mim.

Quando eles saem, volto para a cama, onde o cheiro de Jacob permanece.

Deitada, enterro meu rosto no travesseiro mais próximo, atraindo o leve cheiro do meu companheiro para meus pulmões.

Não sou a mesma fada de tantos anos atrás, percebo, e não posso me tornar ela novamente. Nem todas as feridas podem ser reparadas. Parte disso deve ser realizado para criar uma nova versão de nós mesmos, uma que traga cicatrizes. No entanto, posso aprender a amar novamente, mesmo com minhas cicatrizes.

Eu rolo, olhando para os grandes enfeites e o dossel da cama. Gosto muito desta cama, pois é *pequena* , não muito diferente de um ninho. Subindo, libero vários tiebacks, aproveitando a sensação de estar fechado.

Ninho. Quando eu era mais jovem, gostava de fazer ninhos, assim como Melody. À medida que amadureci, imaginei dividir o espaço com um companheiro, dele me colocando de joelhos e me colocando ali.

Minha respiração acelera e meu coração bate forte enquanto uma sensação de profunda confusão toma conta de mim. Entre minhas coxas, minha boceta ejeta um jorro escorregadio.

"Oh!" Quando minhas mãos pressionam minha barriga, sinto uma cólica violenta. "Deusa!"

Sinto que estou sendo dilacerado de dentro para fora. Arrepios percorrem meu corpo. Eu me enrolo como uma bola, apavorada com o que está acontecendo comigo. Incapacitado pela dor, fico ali deitado, ofegante, fraco demais até para me levantar e pedir ajuda.

Ela vem em ondas, cada uma mais terrível que a anterior. No fundo, sinto dores e cãibras, convencido de que estou prestes a morrer.

Rolando, tento rastejar até o fundo da cama quando outra cãibra me atinge.

Braço apoiado em volta da minha barriga, eu grito em estado de choque.

O calor rasga meu corpo, assim como outro grande jorro de escorregadio escapa da minha boceta.

“Deusa me ajude,” murmuro fracamente. De alguma forma, cambaleio até a porta, abro-a e grito instruções para o criado mais próximo que passa. Uma olhada no meu rosto ferido e ele sai correndo.

Jacó

Passo a tarde com o rei repassando algumas ideias que nutro há muito tempo, mas que nunca pensei que se concretizariam.

Parece que ele está de olho em mim há algum tempo... e na minha propensão para libertar escravos, não importa as consequências.

“Vocês precisarão de alianças agora se quisermos pressionar para acabar com a guerra”, digo.

Seus olhos ficam distantes enquanto ele olha pela janela para a floresta Beldair visível à sua esquerda. Disposta diante de nós, na grande mesa, há uma coleção de mapas.

“Guerra”, diz ele, seu olhar distante voltando para mim. “Não sabemos de mais nada há muito tempo.”

“Você tem o filho agora”, eu digo, “e a pedra angular perdida foi devolvida. Embora me doa saber que perdemos outro no processo.

“Você está confiante de que ninguém o recuperou?” ele pergunta.

“Não os orcs, pelo menos,” eu digo. “Ele caiu sob o volante e foi esmagado no chão da floresta.”

“Foi a decisão certa”, ele concorda. “Eles certamente o teriam aceitado, por menos útil que possa ser para eles sem a criança. E sim, as alianças são necessárias agora mais do que nunca. O fim está tentadoramente próximo e seria fácil chafurdar na trégua, permitindo que isso se transformasse em complacência. Nunca estaremos totalmente seguros enquanto uma pedra angular permanecer no seu mundo. Mas é hora de olharmos além dos nossos próprios problemas. Temos sido descuidados e egoístas por muito tempo.”

“Eu poderia viajar para lá”, digo. “Para as matilhas de metamorfos do norte. Acredito que eles acolheram os metamorfos que escaparam, juntamente com os agricultores humanos e suas famílias. Eles estariam em baixa no grupo, mas ainda assim, é uma abertura, e eles poderiam atestar minha sinceridade.”

Ele concorda. “Vou pensar nisso”, diz ele. “Mas também estou ansioso para que você explore sua própria vocação.”

Mal me atrevo a pensar na oportunidade diante de mim. Libertar escravos sempre foi minha esperança e desejo, embora invariavelmente levasse a chicotadas. O rei concordou que eu possa selecionar uma dúzia de guerreiros para encontrar e libertar escravos.

É um começo.

“Vocês estão diferentes desde que se uniram”, observa o rei. “Disseram-me que sua velocidade e força durante a sessão de sparring desta manhã foram surpreendentes.”

“Sangue de inverno”, eu digo. “Mas também, a ausência de vinculação. Só depois de esclarecer é que percebi o peso disso, o quão antinatural era.”

Quero falar mais, mas acredito que ele já entendeu. A ligação é uma doença. Quando você remove o livre arbítrio de uma pessoa através da magia, você está prejudicando sua própria alma. Alfas não são monstros prestes a atacar nossas contrapartes fadas como selvagens. No entanto, todos fomos punidos porque um de nós era fraco há muitos séculos.

“A mudança virá”, diz o rei. “Os Escolhidos observam de perto.”

Uma batida bate na porta. Ela se abre e um guarda entra.

Curvando-se diante do rei, ele se vira para mim. “Sua amante solicita sua presença”, diz ele.

Eu faço uma careta, rangendo os dentes ao ouvir seu antigo título. Sou possessivo com minha pequena fada que implora tão docemente pelo meu pau. Ela é minha maldita companheira, e espero que ela seja chamada como tal. O rei também faz uma careta, mas isso pode ser uma interrupção.

“Desculpas, seu companheiro,” o homem diz rapidamente. “É uma questão de alguma urgência, acredito.”

Eu franzir a testa. Urgência? O que poderia ser urgente? Deixei-a dormindo e saciada da minha atenção quando fui me juntar ao rei. Ela mencionou que Melody poderia visitá-la mais tarde e estava animada para ver a criança novamente.

“Ela pediu que trouxessem cobertores e travesseiros mais macios”, explica ele.

"Porra!" Eu murmuro rispidamente. *Aquecer.* Ela está entrando no cio.

O rei ri. “É melhor retomarmos esta conversa depois que você cuidar de Winter”, diz ele secamente.

Quando entro no quarto, sem fôlego porque subi três degraus de cada vez e corri todo o caminho, encontro-a no quarto. Os enfeites da cama de dossel foram todos liberados dos retentores com acabamento prateado, exceto um que oferece um vislumbre do que acontece lá dentro.

Winter está ajoelhado na abertura, nu. Ela lança um olhar por cima do ombro ao ouvir minha abordagem.

Atrás dela, a cama está repleta de cobertores e almofadas. *Ninho.*

Ela fez um maldito ninho.

Engulo o nó na garganta. Meu pau estica o couro da minha calça, querendo sair para que eu possa cuidar do meu companheiro.

Ela tem sido Sangue e Alto Sangue, uma escrava de orcs, despojada de seu título e status e presenteada para mim. Eu devolvi a ela tudo o que ela perdeu ao reivindicá-la como minha companheira de vida. Mas aqui e agora, enquanto sinto seu inconfundível amadurecimento, determino que ela será a mais doce Criadora.

“Eu preciso de você, Jacob”, ela diz. "Eu estou tão quente. Por favor, faça com que isso desapareça.

Meu coração se contrai ao ouvir seu desespero.

Mas então meus olhos se arregalam quando ela se inclina para frente sobre as mãos e os joelhos, apresentando sua boceta para mim - sua boceta encharcada que vazou por todas as coxas.

“Estou aqui, amor,” eu digo, arrancando minhas roupas, tirando as botas, e rosnando de frustração quando as simples fivelas do meu gibão derrotam meu cérebro confuso de luxúria. Finalmente, desisto de fazer qualquer coisa, exceto liberar meu eixo dolorido e, ainda meio vestido, enfio fundo em sua boceta chorosa.

Ela goza instantaneamente, com as costas arqueadas, a bunda batendo furiosamente contra mim enquanto tenta conseguir mais. Eu a sigo direto, batendo uma, duas vezes, antes que meu nó fique cheio de sangue, prendendo-nos juntos.

Eu gozo, momentaneamente cego pela intensidade do prazer. Sua boceta está quente por dentro e aperta como um punho amoroso sobre meu pau e nó.

Meus quadris sacodem, tentando ir mais fundo, embora não haja para onde ir.

"Mais!" ela ofega. "Eu preciso de mais!"

Não tenho ideia de por que diabos *ela* rosna, mas minha mente fica selvagem. Eu rosno para sua impaciência, baixo e impregnado de agressividade, minha mão levantando e acertando *sua* bunda. “Você vai conseguir o que eu te dou, cara”, eu digo.

"Mais!"

Meus lábios se contraem com seu desafio. Ao longe, percebo que estou afundando na minha rotina, que ela também está caindo forte e rapidamente em seu cio, e que nenhum de nós é racional. Braço serpenteando em volta de sua cintura para mantê-la imóvel, coloco meus dedos sobre seu clitóris escorregadio e dedilho-o sem piedade.

Ela grita e me arranha, mesmo quando joga a bunda para trás.

“Aperte meu nó como um bom criador e eu lhe darei o que você precisa”, digo com um grunhido em seu ouvido antes de beliscá-lo com força suficiente para arder.

Ela se contorce em meus braços, arqueando o pequeno corpo, a boceta ondulando sobre meu pau e puxando outra ejeção inebriante de

esperma quente em sua boceta necessitada. Segurando um punhado de cabelo, eu esmaguei seu rosto na roupa de cama macia. Ela rosna e tenta me desvencilhar, mesmo quando vem atrás de mim.

Eu a mantenho presa até meu nó amolecer um pouco, ouvindo suas reclamações rosnadas.

Ainda estou vestido, percebo, me perguntando que travessura ela poderia fazer se eu a deixasse tempo suficiente para dispensar minhas roupas.

Uma ideia me vem à mente quando meus olhos pousam nos cantos da cama. Há amarrações nos cantos da cama, mas uma corda de amarração de aparência macia também está parcialmente escondida entre as dobras.

Meu grunhido é de aprovação e, agarrando suas nádegas com força, cerro os dentes e alivio meu nó além de sua entrada escorregadia.

"Não!" ela sibila seu descontentamento.

Um grande jorro de esperma espumoso escorre de sua boceta inchada. Quero me deter na franqueza dela, mas ela está cuspindo o fogo do inferno em mim por ousar parar. Virando-a de costas, aproveito a amarração para prender seus pulsos.

"O que? Não!" Suas pernas chutam, seu corpo se arqueia e ela se debate de um lado para outro até que finalmente a prendo na cama pelos pulsos. Deusa, sua selvageria é a coisa mais linda do mundo.

“Vou libertar você em breve”, eu digo. Cambaleando para fora da cama, empurro um brinde para trás para poder ver meu companheiro se contorcendo. Com as pernas bem abertas, ela me provoca com sua boceta enquanto eu tiro minhas roupas.

Ela olha para mim, o peito subindo e descendo instável enquanto meu corpo fica exposto. Quando pego meu pau na mão e bombeio lentamente, ela lambe os lábios, observando cada movimento através dos olhos vidrados.

“O que você precisa, Inverno?” Eu exijo.

“Você, Jacó. Eu preciso de você. Por favor, dói quando você não está dentro de mim.”

Seus quadris sobem e suas pernas se abrem quando me aproximo. Meu joelho batendo no colchão faz com que ele mergulhe enquanto rastejo sobre meu companheiro sensual.

Apoiado acima dela de quatro, um punho plantado ao lado de seu rosto corado, eu levanto meu pau rudemente sobre sua boceta.

“Eu vou gozar”, eu digo.

"Não!" ela rosna, indignada por eu não estar dando meu esperma para ela.

“Sim,” eu digo, sentindo minha espinha formigar e minhas bolas subirem. “Eu preciso marcar você. Eu preciso de você coberto com meu esperma.

Abaixando a boca, eu chupo seu mamilo em minha boca, assim que meu esperma espirra sobre sua barriga e abro as dobras de sua boceta. Meus lábios saltam de seu mamilo, a boca buscando a carne carnuda ao lado de seu seio e chupando com força, marcando-a.

Ela se curva para mim, soluçando e implorando por mais, e fico feliz em atender. Eu beijo sua garganta, sugando mordidas de amor antes de tomar seus lábios em um beijo contundente. Arrancando, eu arrasto o ar para meus pulmões, olhando para baixo de seu corpinho quente até onde meu esperma a marca. Pegando-o em meus dedos, ofereço-o aos lábios dela, sorrindo enquanto ela obedientemente lambe tudo. Eu a alimento um pouco mais, empurrando meus dedos profundamente em sua boca.

Meu pau estremece, querendo dentro dela novamente, querendo criar meu doce companheiro.

Levantando-me, eu me alinhei e enfiei em sua boceta gostosa. Desta vez, estou determinado a fazê-la esperar pelo meu nó.

Não importa que ela se contorça, perdida de prazer.

Não importa que ela já vibre em volta do meu pau.

Nossos corpos se batem enquanto eu pego seus quadris em minhas mãos e a acaricio com força e rapidez. “Esse é meu bom e pequeno Criador,” eu digo com um grunhido. “Todo molhado e aberto para uma foda profunda.” O tapa sujo e molhado soa enquanto eu bato nela o suficiente para me derrubar.

Mas eu não caio, ainda não. Sinto o véu afundando sobre mim, a crescente consciência das sensações, de ler cada contração e gemido do meu doce companheiro bêbado de calor. Eu a vejo com novos olhos. Meu amor por ela arde, mesmo quando eu afundo na atração sedutora da minha rotina.

Eu dou a ela o que ela precisa. Eu a trato bem. Eu marco seu corpo. Eu tomo o sangue dela quando ela fica muito madura. Eu a liberto das amarras e a encorajo a me marcar.

Caímos cada vez mais fundo.

A conexão que começou a se formar como impressão ganha vida.

Nada existe além de nós dois e este glorioso êxtase abençoado pela Deusa que preenche cada parte do meu corpo, coração e mente.

Inverno

Um grande peso está acima de mim, pressionando-me contra a cama pegajosa. Eu acordo, me espreguiçando, gemendo com a dor que consome cada parte do meu corpo. Jacob se mexe, os dedos apertando meu peito, apertando-o em sua mão grande. Os dentes mordiscam minha garganta antes que o peso mude.

Meu peito faz cócegas com a nova consciência, lágrimas pingam no fundo dos meus olhos com a maravilha de estar ligada a ele tão intimamente. Senti-lo dentro do centro do meu peito é uma alegria vertiginosa.

Uma grande mão segura meu queixo. De perto, posso ver manchas verdes, douradas, marrons e azuis em seus longos olhos castanhos com cílios.

Eu me sinto diferente. Não consigo conciliar o quão diferente me sinto.

"Nunca tive um cio antes", digo, maravilhada.

Seu sorriso é preguiçoso. Há arranhões e marcas de dentes em sua garganta... e no peito... e nos braços. Minhas bochechas coram quando tenho lembranças afetadas de colocá-los lá.

Sua mão desliza sobre as marcas em sua garganta. "Você é um Ômega exigente no cio", diz ele com orgulho, o sorriso se tornando presunçoso. "Não é de admirar que você esteja prestes a engordar."

Meus olhos se arregalam, enquanto minha mão procura o inchaço suave da minha barriga. A mão larga de Jacob se fecha sobre a minha.

"Estou grávida?" — digo, engolindo em seco o nó que tenta bloquear minha garganta.

"Você é", ele confirma. "Abra-se e você sentirá a presença deles. Ainda é pouco mais que um sussurro."

Eu faço e posso, compartilhando um olhar de admiração com o guerreiro e Alfa que roubou meu coração e me deu o maior presente de todos.

Seu amor, e agora uma criança.

Ele beija as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Mudando de posição, ele me levanta em seus braços e cambaleia para fora da cama.

"Venha, meu doce e pequeno Criador. É hora de você se limpar. Seu perfume de criação é delicioso. Deusa, dê-me forças para resistir ao impulso de fazer cio por tempo suficiente para limpar e alimentar você.

Eu rio em meio às lágrimas de felicidade, esperando que a Deusa ouça meu pedido.

Ela o faz, e algum tempo depois, quando minha pele está enrugada e minha barriga ronca de reclamação, saímos do banheiro, comemos e

sujamos novamente a cama recém-feita.

O fim.

Sobre o autor

Eu adoro um feliz para sempre, embora às vezes a jornada para chegar lá possa ser difícil para meus pobres personagens.
Um fã desavergonhado do alfa, do anti-herói e do retrocesso em todas as suas formas e onde quer que ele esteja.

Sou um novo autor, aprendo à medida que prossigo e aprecio feedback de todos os tipos.
Deixe-me uma mensagem e deixe-me saber o que você pensa.

Onde me encontrar...
Site: https://authorlvlane.wixsite.com/controllers
Blog: https://authorlvlane.wixsite.com/controllers/blog
Facebook: https://www.facebook.com/LVLaneAuthor/
Página do Facebook: https://www.facebook.com/LVLaneAuthor/
Grupo de leitores do Facebook:
https://www.facebook.com/groups/LVLane/
Twitter: https://twitter.com/AuthorLVLane
Pinterest: https://www.pinterest.com.au/authorlvlane
Goodreads: https://www.goodreads.com/LVLane



Treinados para seu prazer: uma fantasia MFM Omegaverse
Romance independente com HEA

Eu sou um Beta. Eu não deveria estar com um Alfa.
Mas ele está me levando de qualquer maneira.
Tanto ele quanto seu irmão.
Um Beta pode ser treinado, diz ele.
Treinado para satisfazer um Alfa.
E assim começa meu treinamento.

Treinado para o prazer deles é um Omegaverso de fantasia com dois Alfas bárbaros determinados a possuir seu doce mas teimoso companheiro Beta!



Presa: um harém reverso de fantasia
Romance independente com HEA

Eu sou uma presa.

Isso não é falar de pena, é o reconhecimento de um fato.

Sou pequeno e fraco; Eu sou um Ômega. Sou um prêmio pelo qual os homens guerreiam.

Durante um ano, escondi-me num canto distante do Império.

Mas estou ficando sem comida e sem opções.

O facto de ter de partir em breve não é uma decisão para hoje, mas uma decisão para amanhã.

Só que as escolhas de amanhã nunca chegam.

Pois esta noite traz estranhos que me lembram que sou uma presa.



Ravished: um conto de romance de fantasia

Minha vida virou de cabeça para baixo no dia em que revelei.

Não haveria casamento civilizado para mim.

Minha *espécie* está acasalada com um Alfa.

Esburacado, com nós e criado.

O grande baile desta noite em minha homenagem é apenas uma fachada.

Escolha , me disseram.

Amanhã, devo escolher.

Arrebatado é um conto de romance de portal de fantasia independente com uma heroína doce e atrevida e um herói sombrio que vem em seu socorro.



Omega Awakening: um romance distópico da Cinderela
(A Prequela dos Controladores)
Um romance independente com um HEA

Todas as coisas devem acabar.

Aprendi essa lição no dia em que minha mãe morreu.

Minha madrasta era má.

Minha meia-irmã, cruel.

Foi um alívio quando me revelei como um Ômega porque era uma chance de escapar.

Mas não foi o fim dos meus problemas.

O que acontece com Omegas é um segredo.

E meus problemas estavam apenas começando.

"Posso salvar você de um monstro, Verity", disse Lilly quando me aceitou no programa. *"Mas não posso salvá-lo de todos eles."*

Fiel à sua palavra, ela me salvou da minha madrasta.

Então Woodrow entrou na minha vida.

E percebi que ele era o outro monstro sobre o qual Lilly me avisou.



Bad Boss: uma comédia romântica
Um romance independente com um HEA

Hoje é o primeiro dia do meu primeiro emprego.

Estou nervoso, animado e muito cedo.

Foi quando o conheci pela primeira vez.

Ele é um empresário com uma reputação implacável.

Um bilionário e um playboy.

A empresa dele patrocinou minha bolsa de estudos.

E sonhei com ele com tantos detalhes que você nem consegue contar ao seu melhor amigo.

Isso foi antes de eu pensar que poderíamos nos encontrar.

Há algo muito clichê em jogar acidentalmente sua bebida sobre um deus em carne humana. A parte do arremesso é onde o clichê termina para mim.

Ele não parece encantado com o incidente, nem divertido. Ele parece louco como o inferno.

Meu cérebro congela, a capacidade mental foge e eu desvio o olhar de seu olhar penetrante.

mas isso traz meu foco para seu peito, onde o café escorre em seus sapatos, sem dúvida caros.

Eu quero morrer. Nunca quis morrer antes, mas se um desejo mágico me fosse concedido agora, felizmente deixaria de existir.

Acabei de jogar uma xícara cheia e bem quente de café em cima do meu novo chefe muito gostoso.



Preditivo: um thriller de ficção científica

Posso dizer quando alguém está mentindo.
E eu sei quando eles falam a verdade.
Eu prevejo sobre o futuro, sobre a nossa civilização,
E previ que vamos perder a guerra.
Não tenho medo de usar habilidades preditivas para quebrar as regras – para quebrar as pessoas – se for necessário para um bem maior.
Meu relacionamento com meu irmão pode estar tenso, mas ele está em apuros, e eu vou tirá-lo de lá... custe o que custar.
Predictive é um thriller de ação de ficção científica que tem como pano de fundo uma guerra de colonização.